

*O Tejo é mais belo que o rio que corre pela minha aldeia,  
Mas o Tejo não é mais belo que o rio que corre pela minha aldeia  
Porque o Tejo não é o rio que corre pela minha aldeia.*

[Fernando Pessoa]

Universidade Federal de Santa Catarina

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado em 2012

Autor:

*Willian dos Reis Martins*

Orientadora:

*Daisi Irmgard Vogel*

Curso:

*Jornalismo*

Capa:

*Yuri Paulucci e Emerson da Silva Pires*

Fotos de capa:

*Arquivos pessoais de Jane Conceição dos  
Reis, Joel dos Reis e Joelma dos Reis*

Projeto gráfico e diagramação:

*Willian dos Reis Martins*



Florianópolis, dezembro de 2012



*Aos meus pais  
e a todos que ajudam a escrever  
a história da Brinca Quem Pode*



# ÍNDICE

Prefácio	7
1. O ano que deu samba	13
2. Portas fechadas para a ralé	27
3. Para guardar a tradição	45
4. Eu sou o Brinca Quem Pode	58
5. O povo faz a festa no jardim	78
6. Longe da passarela, o choque de gerações	98
7. Escola de samba, amea-a ou deixe o carnaval	117
8. O carnaval de rua também se encastela	134
Agradecimentos	161
Brinca Quem Pode ano a ano	163
A trilha sonora dos desfiles	167
Presidentes	196
As campeãs do carnaval	198
Bibliografia	200
Crédito das ilustrações	202





# PREFÁCIO

Nem tudo acaba na Quarta-feira de Cinzas.

Na dúvida, veja o caso da Brinca Quem Pode. Aos 65 anos de idade (nasceu em 17 de fevereiro de 1947), bem que poderia – se quisesse – só ficar em casa, condenada ao tricô e aos sobressaltos da pressão arterial. Mas é uma velha assanhada e freguesa assídua do saçarico. Disse “velha”? Perdão. Ela pode ser qualquer coisa, menos isso.

Primeiro: no Brasil que surpreende até o Primeiro Mundo, com expectativa e qualidade de vida a índices animadores, terceira idade ficou para trás, no tempo das nossas bisavós, tornou-se a *melhor* idade. Segundo: se sobreviveu até agora aos dias frenéticos do carnaval, sejamos francos – tão cedo não morre. E, por último, mas não menos importante: em 2012, foi simplesmente a vice-campeã da folia, deixando três rivais engolfadas na poeira. Ou seja, quando o assunto é forma física, ela tem, apesar da idade, um corpinho de 40.

Em seis décadas e meia de vida, o Brinca (é assim que o chamam) passou por muita coisa. Acordou para a realidade além-útero como um bloco humilde, formado na maioria por negros cansados de ficar de fora do carnaval. Como naquela época a festa restringia-se aos bailes seletos das sociedades recreativas, somente sócios entravam – e por sócios, leia-se a elite branca lagunense. Mas um ano antes de o Brinca vir à luz, a folia nas ruas, mais popular, havia pelo menos aberto os olhos depois de longa hibernação com o surgimento do bloco Xavante.

Não é preciso dizer que, em pouco tempo, os dois grupos tornaram-se inimigos figadais. Se um provocasse, o outro lado respondia – no braço mesmo –,

e o charivari estava formado. A polícia, em contingente pequeno, preferia, prudentemente, guardar distância. Longe de se parecerem com as atuais escolas de samba que desfilam no asfalto do sambódromo, os blocos não pensavam em muita coisa, a não ser envergar uma fantasia feita no capricho e cair na farra pelas estreitas ruas de paralelepípedos do centro. Quem nasceu dos anos 1990 para cá nem desconfia, mas, por essa época, o desfile acontecia ao redor do jardim Calheiros da Graça, em frente à Igreja Matriz de Santo Antônio. Em todo caso, era ali o coração da cidade.

Sem muito o que fazer durante o carnaval, a não ser espiar o desbunde da elite nos salões, é claro que o frege das ruas cairia nas graças do povo. Aliás, a partir dos anos 1950, os próprios cordões que só desfilavam nos clubes, como os clássicos Bola Branca e Bola Preta, pegariam carona na festa da ralé. Mais blocos foram surgindo, e o Brinca mantinha-se um passo à frente: somente ele dispunha em sua batucada do acompanhamento de instrumentos de sopro (o que, por um tempo, foi imitado pela escola de samba Mangueira, fundada em Laguna nos anos 1950). Na falta de puxadores de samba, quem falava mais alto era o naipe de metais – no caso do Brinca, principalmente o pistom do fundador e líder do grupo, Paulinho Baeta. O curioso, comparando com o carnaval de hoje, é que o bloco naquele tempo só queria saber da agilidade das marchinhas e um ou outro samba-enredo do Rio. Com o rival Xavante sambando na cadência da marcha-rancho, não demorou para que o Brinca, com seus crioulos suando em bica de tanto pular, fosse apelidado de “alegria do povo”.

Até que a nova geração julgou que era a hora de bater de frente com a velha guarda e modernizar o bloco. Para eles, em meados dos anos 1970, não dava mais para continuar brincando de disputar qual

era a melhor fantasia com o Xavante. Diziam que tanto samba no pé não podia ser desperdiçado em briguinhas de coquete. “O Brinca Quem Pode” deveria se transformar em “a Brinca Quem Pode”, ou seja, em *escola de samba*. É óbvio que o conflito instalou-se nos bastidores do bloco. Mas, depois que o prefeito da época baixou um decreto em 1980 separando as entidades em categorias, não restou muitas opções. Em português claro, a norma do poder público queria dizer que, quem quisesse disputar o campeonato, que se apresentasse como escola de samba. Naquele ano, apenas o Xavante, entre as agremiações tradicionais, bateu o pé e continuou como bloco – pela última vez. Nos carnavais seguintes, já estaria também no rol das escolas.

Com toda a parafernália que elas exigem, o itinerário de ruas estreitas ao redor do jardim ficou pequeno. Em 1987, os desfiles foram transferidos para a Gustavo Richard, mais larga e quase em linha reta. O que pouco mudou foi o pré-carnaval. Há um bom tempo na Raulino Horn, deixou de dobrar à esquerda em direção à XV de Novembro, em meados dos anos 1990, para seguir em frente até o encontro com a Conselheiro Jerônimo Coelho. Mesmo quando o desfile oficial passou a ser encastelado no sambódromo, desde 2007, o pré continuou ali. Na história do carnaval lagunense, permanece como cláusula pétrea – talvez porque, sem arquibancadas nem ingressos, ainda mantém a informalidade e o contato direto de outros tempos.

Há os que vão apenas para olhar, e há os que o esperam o ano inteiro para se esfalfar no samba julgando-se ser o centro das atenções. O pré-carnaval são os poucos minutos de glória dos anônimos e é onde as restrições diminuem: crianças pulam de mãos dadas com adultos; bêbados tentam fazer um *pas de*

*deux* com alguma mulata; gringos arriscam um passo de dança ou se intrometem no cortejo para tirar uma foto com os carnavalescos; *gays* e travestis deflagram uma disputa silenciosa com as passistas para ver quem ginga melhor. Entre a rainha de bateria, vestida com apuro, e um folião sambando descalço e sem camisa, pode estar também, na calçada, alguém abrindo um sorriso dissimulado quando a bateria rival “atravessa” na avenida. Durante cerca de um mês, instala-se na Raulino Horn a fogueira das vaidades.

Mas o “tudo ou nada” para as escolas de samba é de fato o desfile oficial. Mais sério, se comparado com o pré-carnaval, é onde todo o trabalho das agremiações submete-se ao crivo dos jurados – e ao sabor da sorte: desfiles considerados favoritos ao título podem entrar em desgraça, como o da Brinca Quem Pode em 2010, que gramou a penúltima posição por causa da quebra de alegorias em plena avenida. O cruel é que, além do desperdício de meses de trabalho, a próxima disputa só será dali a aproximadamente um ano. E o grito da vitória, somado ao gosto amargo da derrota, que fique preso por todo esse tempo. Para tentar soltar o “é campeão!”, entalado desde 2006, a escola pretende levar à passarela 800 componentes em 2013. Atualmente, o número de integrantes estava em cerca de 500 e, nos primeiros carnavais do então bloco, mal chegava a 100.

Um radialista lagunense disse recentemente que, na cidade, todos torciam por duas escolas: a de berço e a Brinca Quem Pode. Com o perdão do vascaíno Paulinho Baeta – a sua popularíssima Brinca Quem Pode é o Flamengo do carnaval de Laguna.

O ENREDO  
DOS ENREDOS  
65 ANOS DE  
BRINCA QUEM PODE



# 1

## O ANO QUE DEU SAMBA



*O jardim Calheiros da Graça e vizinhança nos anos 1950: o ponto de encontro da cidade*

Laguna, 1947

**OS LAGUNENSES** mal recobriram o fôlego depois das festas de fim de ano, e, ainda nos primeiros dias de 1947, depararam-se com o adro da Igreja Matriz Santo Antônio dos Anjos da Laguna – o coração da cidade – em polvorosa na noite de 9 de janeiro. Pessoas de todos os cantos acotovelavam-se para melhor se posicionar diante do palco ali montado. Uma banda de música mantinha-se a postos, pronta para atacar com um dobrado qualquer. Seria, de acordo com o jornal da época, a maior massa humana jamais vista na cidade em acontecimentos como aquele – considerando que, pelo censo demográfico de 1940, Laguna amalhava 33.218 habitantes.

Depois de ter sido recebida com um jantar no Paraíso Hotel (no mesmo prédio onde hoje está a loja A Soberana Calçados), à rua

Gustavo Richard, ao qual chegara às 18 horas, a comitiva acompanhando Irineu Bornhausen partiu para o palanque, pronta para a peleja pelos corações e mentes do eleitorado lagunense. Irineu era o então candidato a governador de Santa Catarina pela União Democrática Nacional (UDN). Entre candidatos a deputado estadual e estudante de direito, seis homens foram ao microfone granjear votos para Irineu, inclusive o médico e historiador lagunense Oswaldo Rodrigues Cabral. O seu discurso teria sido interrompido amiúde pela “multidão em delírio”, nas palavras do redator do semanário *O Albor*. Até que chegou o momento de o candidato discursar. E este começou falando de si próprio:

– Nasci no trabalho! Vivo no trabalho! Espero continuar dentro do trabalho, lutando sempre e sempre pelo engrandecimento de minha terra e de meu povo!

Mas o lagunense não se contentou com os discursos. Esperou o udenista descer da tribuna e, com gritos de “Irineu! Irineu! Irineu!”, acompanhou-o em cortejo pelas estreitas ruas de paralelepípedo até o Paraíso Hotel. Estava feito um carnaval – que, naquele ano, diga-se, estaria circunscrito apenas aos bailes para sócios e convidados nos clubes, a não ser por uma passeata de blocos na tarde de Terça-feira Gorda. A festa para Irineu pode ter sido grande, mas o resultado ficaria aquém do que os partidários da UDN esperavam.

Naquela época, a força política em Santa Catarina estava concentrada nas mãos da União Democrática Nacional (UDN) e do Partido Social Democrático (PSD), os quais, na disputa de 1947 pela cadeira de governador, apostaram todas as fichas em Irineu e Aderbal Ramos da Silva, respectivamente. Importante aliada no jogo pelo poder, a imprensa de então não tinha o menor pudor em estampar na primeira página quem estivesse apoiando – com todas as letras. Sem medo de parecer panfletos de campanha, edições saíam às ruas trazendo na capa artigos assumidamente laudatórios ao candidato defendido pelo jornal. Em obediência à receita, o lagunense *O Albor* do dia 11 de janeiro fez a sua parte. Ainda na primeira página, trouxe um texto que não só listava uma série de pretensas qualidades de Irineu Bornhausen, como denotava já de início que todos os eleitores estivessem com ele. E, nas folhas internas, a cobertura do comício udenista de 9 de janeiro. Como não fosse costume ficar em cima do muro, a manchete da reportagem, tipografada em letras

garrafais, não deixava qualquer dúvida sobre a posição do jornal: “Ecos do gigantesco comício de Laguna”. (Em 6 de agosto de 1947, o diretor de *O Albor*, Antonio Bessa, seria empossado presidente do diretório da UDN local.)

Não por acaso o ano de 1947 começara movimentado com as eleições. Em dezembro de 1945, os eleitores já tinham sido convocados para escolher presidente e membros da Assembleia Nacional Constituinte. Agora, naquele 19 de janeiro de 1947, além de irem às urnas para votar em candidatos às vagas restantes de senadores e deputados federais da Constituinte, os cidadãos voltavam a exercer o direito de decidir – pelo voto – a quem caberia os cargos de governador e deputados estaduais.

As duas eleições, em 1945 e 1947, eram novidade desde 1937, quando o então presidente Getúlio Vargas instaurou o Estado Novo. Este, na prática, nada mais era do que uma ditadura, com a dissolução do poder legislativo nacional e estadual, abolição dos partidos políticos e suspensão de eleições, tribunais e juízes independentes. Mas Getúlio não resistiu às pressões dos ministros militares e acabou renunciando ao cargo, em outubro de 1945. Com o ministro do Supremo Tribunal Federal, José Linhares, à frente do governo, convocaram-se eleições ainda em dezembro daquele ano. Apoiado em surdina pelo antecessor, o ministro da Guerra durante o Estado Novo, Eurico Gaspar Dutra, foi eleito presidente. Empossado em janeiro de 1946, instalou a Assembleia Nacional Constituinte e, já em setembro, promulgou a quinta constituição brasileira. Entre as determinações da carta, estavam as eleições diretas e secretas a todos os cargos – mesmo que os analfabetos tivessem ficado de fora do processo eleitoral.

Em Laguna, na eleição de 19 de janeiro de 1947, o candidato udenista – apesar do apoio de *O Albor* – só venceu no centro e nos bairros contíguos Campo de Fora e Magalhães: Irineu obteve 1.032 contra 627 de Aderbal. O candidato do PSD, que tinha o respaldo do prefeito e correligionário Ataliba Brasil, correu atrás do prejuízo e, nos 16 distritos do município, conseguiu recuperar-se: somou 2.028 votos, enquanto Irineu regateou apenas 770. Resultado final em toda a Laguna: 2.655 sufrágios para Aderbal, contra 1.802 de Irineu.

Derrotados no pleito, os udenistas tiveram de assistir ao rival do PSD Aderbal Ramos da Silva ser empossado, em 26 de março do mesmo

ano, como o 14º governador de Santa Catarina. E não parou por aí. O PSD ainda fez a maioria dos deputados à Constituinte Estadual e à Câmara Federal, inclusive com Nereu Ramos, natural de Lages, tornando-se líder nacional na Constituinte e vice-presidente da República. Com o país um pouco mais arejado pela democracia, a conjuntura política teve de ser reorganizada. Em Santa Catarina, isso ficou definido com a Constituição Estadual promulgada também em 1947, no dia 23 de julho. Estabeleceu-se, por exemplo, mandato de quatro anos aos deputados na Assembleia Legislativa e, de cinco, ao governador (a figura do vice só seria criada mais tarde). Nos municípios, o poder foi fatiado entre prefeito e vereadores: àquele, cinco anos de mandato; a estes, que se contentassem com quatro anos. E, para consolo dos udenistas, em 31 de janeiro de 1951, Irineu estaria enfim assumindo o disputado cargo de governador.

Mas a Laguna de 1947, apesar de toda a agitação provocada pelo jogo político, já não desfrutava tanto da mesma pujança econômica trazida a reboque da exploração do carvão, no sopé da serra do Rio do Rastro. O que se iniciou em fins do século XIX, quando o porto local deixou de ser apenas escoadouro de produtos agrícolas da região, para transportar o minério também. O problema foi que essa fase durou apenas cerca de 60 anos. Ainda assim, um dos bairros da cidade, o Magalhães, quase não tinha muito do que reclamar.

Enquanto ainda não havia o porto de Imbituba, inaugurado em 1920, o escoamento da produção, trazida pelos trens da Estrada de Ferro Dona Teresa Cristina, ocorria pelo porto do centro de Laguna. E era um acontecimento. Comparado com as chegadas e as partidas dos grandes navios a vapor, o vai e vem dos antigos botes e patachos ficou relegado a quase nada. Tornou-se hábito entre os moradores ficar à beira do cais fitando aqueles gigantes deslizarem sobre a água. Mas, a partir da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), o trabalho nas minas se intensificou, os navios passaram a ter maior calado e o porto, que penava com o assoreamento da lagoa, não teve mais condições de recebê-los. Ao mesmo tempo e sem muito alarde, o vizinho porto de Imbituba ia se desenvolvendo.

Visto como gargalo à logística, em 1943 o porto lagunense acabou sendo desmembrado e, na tentativa de solucionar o problema, a parte carvoeira foi definitivamente transferida para o bairro Magalhães.

Com isso, a cidade passou, por um tempo, a ter dois portos funcionando simultaneamente: o carvoeiro e o de cargas gerais e passageiros, que permaneceu no centro até o final dos anos 1940, quando foi também levado para o Magalhães. Localizado ao sul de Laguna, o bairro nasceu como um subúrbio (só em meados dos anos 1940 inaugurou-se uma linha regular de ônibus, do centro para lá), mas já por volta de 1947 estava em franco crescimento, deflagrado no final dos anos 1930. Foi quando se iniciou os trabalhos de transferência do porto carvoeiro para lá e o subsequente prolongamento dos trilhos da ferrovia Dona Teresa Cristina, do centro até o bairro.

O Magalhães de 1947 em pouca coisa lembrava a vila de pescadores do século XIX, ocupada por ranchos e casas de pau a pique. Esta, durante a noite, tornava-se território proibido para os dândis do centro da cidade – os que se atreviam a embrenhar por certos becos de lá saíam debaixo de socos, pontas-pé e alguns vitupérios. Na verdade, era a resposta da ralé aos olhares enviesados e narizes empinados que a elite lagunense lhe dispensava. O troco com sabor de vingança e deboche deve ter sido maior quando, na metade dos anos 1940, a antiga póvoa já era considerada “um dos bairros *chics* da cidade”. E, como tal, penava com certos problemas que o progresso traz na esteira.

Não por acaso, em abril de 1947, o colunista Viriato, de *O Albor*, estrilou contra alguns “elementos forasteiros, nocivos e mal-educados”, que, segundo disse, estavam tentando impor ali uma anarquia generalizada. Por anarquia entendia-se “continuadas pancadarias, bebedeiras, desordens etc.”. E, como lamentava, a polícia fazia pouco ou nenhum caso.

Mas a transferência do porto para o Magalhães em 1943 de nada adiantou para a economia da cidade. A sua localização foi considerada estratégica porque o canal de saída era mais perto do mar. Na entrada desse mesmo canal, foram construídos dois molhes que teriam a função de favorecer o acesso dos barcos, dificultado pela força dos ventos. Mas no meio caminho tinha uma pedra – na verdade, muitas pedras: o segundo molhe, ao dirigir a abertura do canal para o norte, simplesmente não facilitava em nada a entrada das embarcações. Como consequência imediata, o porto de Imbituba, durante o período da Segunda Guerra, já recebia duas vezes mais navios que o de Laguna. E depois de 1945, a cidade também perderia em quantidade de carvão escoado. Na verdade,



*Embarcações no porto carvoeiro do Magalhães, inaugurado nos anos 1940*



*O porto do centro nos anos 1920*



*Trem da ferrovia Teresa Cristina cruzando o centro de Laguna*



*Navio Miranda atracado no porto do centro, em frente de onde agora existe um posto de gasolina*

após a guerra, o porto lagunense nem daria mais vazão ao minério.

O baque só não foi mais violento porque Laguna tinha um comércio bem desenvolvido e dispunha de serviços financeiros e públicos que Imbituba – cuja emancipação só se daria em 1958 – ainda nem sonhava oferecer. Anos depois, a partir de 1969, o porto no Magalhães foi reestruturado na tentativa de lhe dar sobrevida. Com o transporte de cargas sendo feito mais rapidamente pelas estradas (a menina dos olhos do governo estadual desde 1947) e todo o carvão escoando por Imbituba, foi transformado então em porto pesqueiro – nada mais que isso. E as suas instalações tiveram de ser adaptadas para comportar as atividades de carga, descarga e armazenagem de peixes.

Em 1947, a cidade era um rascunho bastante aproximado do que é hoje, com seus km 441 km<sup>2</sup> de extensão (segundo dados do IBGE). Mas é claro que essa expansão urbana não se deu de uma hora para outra. Desde o final do século XIX, seus limites não estavam mais circunscritos ao pequeno núcleo espremido entre morros e a lagoa no que atualmente é o seu centro comercial, ou “cidade”, como os lagunenses continuam o chamando, apesar do alargamento dos limites territoriais. Em fins daquele século, já havia então o suburbano Magalhães e, no sentido oposto, ao norte, o bairro Campo de Fora. O qual era algo como a continuidade do centro em termos de oferta de serviços burocráticos, como cartório, escritório do procurador da Câmara de Vereadores e tabelionato de notas e hipotecas. O que se explica talvez pela proximidade dos dois bairros – centro e Campo de Fora –, enquanto o Magalhães, ao sul, está mais afastado.

Mas antes da construção da estrada de ferro, iniciada em 1881, o traçado do Campo de Fora não ia muito além da rua Almirante Lamego e algumas travessas. Depois disso, tudo era lagoa – que então se insinuava pelo morro do Rosário, zona das pedreiras (atual Pinto Bandeira) e fundos de quintais da própria Almirante Lamego. Mas, com aterros sucessivos, o bairro foi se espraiando e pôde, enfim, respirar mais aliviadamente. Os aterramentos faziam parte das obras de implantação de trilhos e da estação de trem naquela região: na verdade, um ramal de 5 km da Estrada de Ferro Dona Teresa Cristina, inaugurada em 1884 e que partia de Imbituba rumo às minas de carvão no sopé da serra do Rio do Rastro – eram dormentes e mais dormentes, desenhando de início um caminho

de 116.340 km de extensão. No rastro do Campo de Fora, outros núcleos habitacionais surgiriam, como os antigos Areal e Roseta (mais tarde, estes dois seriam agrupados unicamente sob o nome de bairro Progresso).

A relação da cidade com a ferrovia era de amor e ódio. Claro que o povo sabia que pelos trilhos chegaria também desenvolvimento. Mas não era qualquer sinecura que lhe cairia no gosto. Até 1908, a estação da estrada de ferro localizava-se no Campo de Fora, o que, na opinião de políticos e comerciantes, era inviável por não estar enquistada no centro de Laguna. Os diretores da Dona Teresa Cristina deram de barato e, naquele ano, inauguraram o tão desejado prolongamento, que contornava o morro do Rosário e terminava próximo ao cais. O problema estava na nova estação.

O prédio escolhido foi o antigo mercado público, que antes já havia sido a venda do português Francisco Monteiro, conhecido na cidade como Chico Careca. Só que o local, fazia anos, não estava em boas condições. Ao dar de frente com a casa em frangalhos servindo de estação, o lagunense sentia-se ofendido e considerava aquilo um descaso dos diretores. Até que não suportou mais e, em meados dos anos 1910, decidiu ir à forra. Mas ao seu modo, claro. Um dos líderes do movimento era o respeitado médico Estelita Lins, que, diante de uma plateia atenta e sedenta de vingança, ordenou:

– Que se meta no chão o pardieiro da Teresa Cristina! É um trambolho em meio à rua!

Quem visse aquele grupo de revoltosos, na maioria rapazes da elite da cidade, dirigindo-se para o barraco poderia pensar que era carnaval. De fato, houve quem chamou o protesto de zé-pereira. Afinal, em vez de espadas e espingardas, eles preferiram bumbos e tambores para fazer ferver os ânimos. A ação foi rápida. Em poucos minutos, arrombaram portas e janelas, destruíram madeiras, quebraram telhas e derrubaram paredes, sempre sob as ordens do agitado comandante Lins:

– Bota tudo pra quebrar, que eu garanto!

O revide da direção da ferrovia não demorou:

– Até que seja construída a nova e imponente estação, ficará atendendo ao serviço de passagens e cargas, este pequeno vagão. Tudo provisório, é claro!

Sim, um vagão substituiu o pardieiro! Porém, por pouco tempo.

Como era de se esperar, o povo não levou aquele desaforo para a casa e, na calada da noite, banhou o caixote com alguns litros de querosene, riscou os fósforos e pronto: o serviço estava feito. Com a estação incendiada, os diretores da estrada de ferro viram-se obrigados a erguer outra – a quarta – no mesmo local (hoje, supermercado Angeloni). A construção foi descrita por Saul Ulysséa, em *A Laguna de 1880*, como “pequena e insignificante”. Até que mais um movimento, talvez por pirraça, cobrou que ela fosse mudada para novo endereço (ou quase): o Campo de Fora, onde outra estação teve de ser erguida.

Nos anos 1960, com a transformação do porto em pesqueiro, a estação de trem iria se mostrar desnecessária. Com que, por essa época, acabou desativada. Para o novo porto, o que interessava era uma avenida larga cortando a cidade até a BR-101, pela qual o pescado seria transportado em caminhões, do terminal no Magalhães para outras cidades. O projeto começou a sair do papel por volta de 1955, quando iniciaram as obras de abertura da avenida Engenheiro Colombo Machado Salles à beira do cais do centro, paralela aos trilhos. Os quais foram totalmente retirados em 1973, desfazendo assim o ramal em Laguna – e o casamento entre a cidade e a estrada de ferro. Desde então, em vez de os trens seguirem pela bifurcação no bairro de Barbacena e serpentear pelo centro, agora passam longe, lado a lado com a BR-101.

O pesquisador Valmir Guedes Júnior, autor do livro *Porto da Laguna: a Luta de um Povo Traído*, lamenta a retirada dos trilhos da ferrovia. Para ele, mesmo que não servissem mais para o transporte de cargas, os trens poderiam incrementar a economia de Laguna de outra forma.

– Se ainda tivéssemos um ramal até a estação do Campo de Fora, poderíamos pensar em viagens de turismo, não é mesmo? Como acontece em algumas cidades – sugere.

O calendário político de 1947 estava movimentado, em novembro haveria novas eleições, agora para prefeitos e vereadores, mas a vida religiosa de Laguna (a cidade é historicamente católica fervorosa) não podia parar. Ou podia? Em todo caso, “por motivo de força maior” – foi o que apenas se justificou –, os fieis deixaram de realizar, no dia 2 de fevereiro, a festa em homenagem a Nossa Senhora dos Navegantes. E olhe que ela já tinha *status* de tradição no cronograma religioso da cidade.

Afinal, além de ter tido entre as vedetes da sua economia o porto e, ainda hoje, o trabalho duro dos pescadores, Laguna é um braço de terra que avança sobre o mar, quase uma ilha. Vista de cima, é como se estivesse deitada sobre as águas – para as quais os prédios do centro estão sempre a olhar, como quem fica no cais observando o barco partir. Daí a sua relação quase filial com a santa protetora dos navegadores (no dia dedicado a ela, 2 de fevereiro, é feriado na cidade).

Mas, talvez para tentar se redimir com o sagrado, o povo católico teve a ideia de incrementar – e assim dar um toque ainda mais dramático – a procissão de Senhor dos Passos, no final de março daquele ano, a duas semanas da Páscoa. O que, diga-se, combinava mais com a relação devotada dos lagunenses com a religião. Tanto é verdade que, até meados do século XX, eram mais valorizadas no mercado imobiliário as casas situadas nas ruas por onde as procissões passavam. O motivo é simples: pela localização privilegiada, o dono do prédio e sua família podiam da janela assistir confortavelmente ao cortejo passar, diante de seus olhos. O resultado foi que naquele séquito, pela primeira vez, apareceram duas mulheres interpretando as figuras bíblicas de Maria Madalena e Verônica. Os papéis couberam respectivamente a duas representantes da elite local: Lenice Mendonça Martins e Laís Varela, que teria encantado a todos com sua “voz maviosa e afinada”, descreveu a nota de jornal.

Dali a pouco menos de três meses, ocorreria a trezena em honra ao padroeiro da cidade, Santo Antônio dos Anjos. Em comparação com o que se tem hoje, ainda não havia o grupo de 14 integrantes, chamados de festeiros e que muda ano a ano, sobre quem recai a responsabilidade de organizar as celebrações, nos primeiros 13 dias de junho. O que existia era somente um casal – não necessariamente no sentido exato do termo, seja civil, seja religioso – encarregado de preparar tudo. Era a fase dos juízes, que em 1947 ficaram a cargo de Mussi Dib Mussi e Maria Batista Ferraro.

O ano de 1947 foi ainda de obras importantes para Laguna. Às 17 horas do dia 14 de março, por exemplo, foi inaugurada oficialmente a ponte Henrique Lage sobre o canal de Laranjeiras. Mesmo que a obra estivesse entregue ao tráfego desde o dia 31 de dezembro de 1946, como consta do Diário Oficial da União de 24 de abril de 1947, o que interessa é que àquela cerimônia compareceu até mesmo a viúva do empresário

carioca então homenageado: a cantora lírica italiana Gabriela Bezanson, com quem Lage, morto em 1941, se casara em 1925. Ela representava a Organização Henrique Lage, que administrava a Companhia Nacional de Construções Cíveis e Hidráulicas do Rio de Janeiro, responsável pela construção da ponte a partir de 1936.

O novo empreendimento, em concreto armado, tinha a função de substituir a vizinha Ponte Ferroviária de Laranjeiras – cujas estruturas de ferro inglês já sofriam, à época, com a ação das ferrugens e do intenso movimento de trens do transporte de carvão, mercadorias e passageiros. Somente a partir do final dos anos 1960 é que a ferrovia se dedicaria exclusivamente ao tráfego de minério – que, você sabe, não era mais escoado pelo porto de Laguna, e sim apenas pelo de Imbituba, desde meados dos anos 1940.

Dezesseis dias depois da inauguração da ponte, na manhã de 30 de março, um domingo, era lançada a pedra fundamental do edifício Mussi, na rua Gustavo Richard – e com as bênçãos do padre Bernardo Philippi. O prédio foi construído por iniciativa da firma dos irmãos Mussi (um dos quais, sim, era Mussi Dib Mussi, o juiz da festa de Santo Antônio em junho daquele mesmo ano). O prefeito Ataliba Brasil, que era também representante comercial de lojas do Rio de Janeiro, fez-se presente e não abriu mão de seu pronunciamento. Construído em estilo *art-decô*, o prédio foi inaugurado no dia 17 de fevereiro de 1950 e serviu de cinema e teatro, com capacidade para mil pessoas. Até o ator de fama nacional Procópio Ferreira apresentou-se ali, em 1954. Só que, a partir de março de 1995, a ribalta seria transformada em púlpito. Em vez de apresentações artísticas, a plateia só assistiria no palco a performances de pastores evangélicos. Desde então, o Cineteatro Mussi tornou-se um templo da Igreja Universal do Reino de Deus – em contrato firmado por dois anos.

Mas em 1947 estava fazendo 100 anos que Laguna deixara de ser vila para tornar-se, por decreto, uma cidade. Claro que a elevação por si só não alteraria muita coisa em termos de serviços ou infraestrutura. Porém, de 1847 em diante, o aspecto bucólico e colonial ficou um pouco para trás. A partir de então, o lagunense podia se orgulhar de ter, por exemplo, um hospital de caridade, um campo de aviação, um estaleiro para a construção de barcos a vapor, três jornais e tipografias, farmácias, hotéis, cafés, clubes recreativos, pelo menos as ruas do centro, onde a elite se concentrava,

estavam calçadas a paralelepípedos, e havia ainda fábricas que hoje nem existem mais, como as de vela de cera, gasosa e bombons. Com a efeméride completando o centenário em 15 de abril, o prefeito Ataliba Brasil não perdeu tempo. As festividades começaram um dia antes, na noite de 14 de abril, com uma sessão cívica no hoje inexistente Teatro Sete de Setembro (inaugurado em 1858 e transformado em cinema na década de 1920, foi posto abaixo depois que um incêndio, nos anos 1970, desestabilizou suas estruturas; no lugar, ergueu-se o Centro Cultural Santo Antônio dos Anjos, na rua de mesmo nome).

A cerimônia iniciou com o prefeito lendo o decreto que promoveu Laguna à categoria de cidade. Depois, passou a palavra ao jovem estudante Osmar Cook, que em 1973 teria uma de suas composições alçada ao privilégio de ser o hino do município, e ao respeitado intelectual lagunense, professor Ruben Ulysséa. Fechando a noite, discursou o agente da Capitania dos Portos, tenente João Genuíno Leite. Mas o melhor da festa ficou para o dia seguinte.

O dia 15 de abril – data do centenário – amanheceu com repiques de sino, salva de 21 tiros e toques de clarim. Nas fachadas das repartições públicas, sociedades recreativas e casas comerciais, a bandeira do Brasil tremulava. Às 9 horas, na praça da Bandeira (hoje praça República Juliana), mais toque de clarim. Dessa vez, para marcar o hasteamento do pavilhão nacional, em uma cerimônia a que compareceram representantes do governo do estado, autoridades locais, professores acompanhados dos alunos, escoteiros e a banda União dos Artistas.

O evento seguinte era uma missa solene na Igreja Matriz, rezada pelo vigário da paróquia, padre Bernardo Philippi. Mas, em se tratando de Laguna, o talento do povo para o carnaval mandou recado: da praça até a igreja, os participantes da cerimônia, seguidos pelos curiosos, dirigiram-se para lá em cortejo pelas ruas do centro. Fechando a manhã, foi oferecido aos convidados, quer dizer, só às autoridades, “um almoço de 150 talheres” – como achou por bem frisar o redator de *O Albor* – no salão principal do Clube Blondin (vizinho à igreja). Até uma orquestra, regida pelo músico Manoel Bessa, foi organizada para tocar durante a festa.

À tarde, o secretário de Justiça, Armando Simoni Pereira, que havia hasteado a bandeira na cerimônia pela manhã, ainda assentou a pedra para demarcar o local onde seria erguida uma estátua em homenagem

ao fundador da cidade, Domingos de Brito Peixoto, em frente ao edifício Mussi – que estava começando a sair do papel (afinal, a pedra fundamental fora lançada, havia pouco, em 30 de março). Depois de um *Te Deum* e bênção com o Santíssimo Sacramento na Matriz às 15 horas, o jardim Calheiros da Graça, em frente à igreja, deve ter entrado em polvorosa com a retreta apresentada pela União dos Artistas e cinema ao ar livre, durante a noite. A festa só acabou quando terminaram as *soirées* nos seletos clubes Anita Garibaldi, Congresso e União Operária.

Mas antes que a festa, quer dizer, o ano de 1947, chegasse inexoravelmente ao fim, houve ainda novas eleições: dessa vez, para prefeito e vereadores no dia 23 de novembro, um domingo. Tudo teria transcorrido normalmente, não fosse um detalhe. Por motivo qualquer, deixou-se de instalar a mesa da quarta seção, na escola Jerônimo Coelho, centro da cidade – então, a mais movimentada. Indignados por não terem podido votar, alguns eleitores chegaram a rasgar os títulos. Outros, como definiu *O Albor*, “andaram de Herodes para Pilatos”: foram de uma seção a outra, tentando fazer valer seu direito de cidadão em um país que voltava a respirar democracia, depois de oito anos de ditadura, de 1937 a 1945. Por falta de juiz eleitoral em Laguna havia três anos, a apuração foi feita em Orleans. E novamente deu PSD. Com 3.017 votos contra 2.442 do candidato da UDN, Silvio Moreira Filho, o cargo de prefeito ficou para Alberto Crippa.

Para as vagas da Câmara Municipal, cada um dos dois partidos apresentou 11 candidatos – que era também o número de vagas disponíveis. Sem o sistema proporcional, vencia quem granjeasse mais votos, simples assim. Por pouco, o plenário não seria totalmente do PSD, que elegeu oito contra três da UDN. O Partido de Representação Popular (PRP) não chegou a conquistar nenhuma cadeira. Entre os eleitos pelo PSD, estava o ex-prefeito Ataliba, que, dentro da sigla, foi o sexto colocado com 287 sufrágios. E havia também, pelo mesmo partido, com 336 votos, Mussi Dib Mussi – o empresário do edifício Mussi e o juiz da festa de Santo Antônio de 1947. A posse – tanto do prefeito quanto dos vereadores – ocorreria em 3 de janeiro de 1948, mas, ainda nos primeiros dias daquele mês, Ataliba pediria renúncia do cargo, sendo substituído por José Paulo Arantes, suplente pelo mesmo partido, o PSD.

O ano de 1947, marcado por duas eleições e inauguração ou início

de obras importantes para a cidade, transcorreu ainda com uma novidade que, tempos depois, bagunçaria o coreto do carnaval de Laguna. Desde 17 de fevereiro, sem que quase ninguém soubesse nem a imprensa noticiasse, alguns crioulos – cansados de ficar do lado de fora da festa – reuniram-se para fundar um bloco. Era para ser só uma brincadeira despreziosa. Mas sobreviveu à Quarta-feira de Cinzas. E fez história.

## 2

# PORTAS FECHADAS PARA A RALÉ

**UM ANO** antes, em 1946, o carnaval de rua já tinha ensaiado despertar novamente para a realidade extramuros com o bloco Xavante. Depois de um longo período de ostracismo, é claro que ele não iria voltar imediatamente com toda a força, como em outros tempos. Mas o dia 17 de fevereiro de 1947 foi um bom sinal. Com a fundação do bloco Brinca Quem Pode, formado só por negros da Sociedade Musical União dos Artistas e/ou alguns sócios do clube Cruz e Sousa, o caldo passou a engrossar. E entrou em ebulição. Daí que, na década seguinte, o povo e a alta sociedade – pelo menos durante o tríduo momesco – agora se ombreavam no direito à folia. O privilégio estava, de novo, democratizando-se.

Enquanto não tiveram a supremacia abalada com o surgimento dos blocos visceralmente de rua – Xavante e Brinca Quem Pode –, os arquirrivais Bola Branca e Bola Preta deram as cartas no carnaval de Laguna. A folia no lado de fora dos clubes era claudicante, não gozava ainda de certo *status* de instituição. Carnaval mesmo era nos salões – as cidadelas onde a elite, e apenas ela, brincava as noites de festa sob o reinado dos blocos de fantasia. A história dos Bolas teve início em meados dos anos 1930, com a fundação do Bola Branca em 1935. A resposta do outro lado veio na forma do Bola Preta, dois anos depois, em dezembro de 1937. E não foi impunemente: a sua criação era uma reação natural e atávica. Como nas histórias regionalistas que se passam em cidades de interior divididas em *duas* facções, tudo em Laguna era motivo para rivalidade. A ponto de seus cidadãos se comportarem às vezes como cães e gatos.

As principais sociedades recreativas, porque frequentadas pela elite de então (altos funcionários públicos, comerciantes, profissionais liberais), ficavam no centro da cidade e, claro, eram *duas*: Clube Blondin, fundado em 1887, e Congresso Lagunense, criado em 1889. Por isso o

fato de os sócios de ambas serem quase que exclusivamente pertencentes às famílias tradicionais do próprio centro. O inesperado mesmo é que, quando Congresso foi fundado, em janeiro, o Blondin integrou-se a ele – mas a fusão durou só até maio daquele mesmo 1889, o que não deve ter sido grande surpresa. Com os lábios espumando, todo congressista torcia pelo Bola Branca no carnaval; Barriga Verde no futebol; e Clube de Natação e Regatas Lauro Carneiro na regata. Do outro lado da calçada, não menos virulento, estava o blondinista agitando as bandeiras do Bola Preta no carnaval; Flamengo no futebol; e Clube de Regata Almirante Lamego na regata. Para completar a lista das facções, havia ainda duas sociedades musicais: a União dos Artistas, fundada em 1860, e a Carlos Gomes, de 1887. Era uma rivalidade que tomava conta de Laguna.

Roseta e Areal iriam se tornar bairro Progresso em 1967. Mas, na época dos grandes clássicos do futebol lagunense, também brandiam suas bandeiras. A Roseta, que, mais tarde, seria o reduto do Brinca Quem Pode, era praticamente toda flamenguista. Logo ao lado, o vizinho Areal vibrava – adivinhe! – pelo Barriga Verde. Este mantinha um campo onde hoje está o centro de educação da Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc), à Coronel Fernandes Martins, Progresso. Ali, o chão quase sofria abalos sísmicos com o que acontecia dentro das quatro linhas. Os meninos da Roseta, por exemplo, galgavam um morro que existia por aqueles cantos para melhor assistir aos verdadeiros duelos entre Barriga Verde e Flamengo. Mas nem sempre se chegava ao final dos 90 minutos. Quando o sangue esquentava, era pancadaria na certa – às vezes com o auxílio de madeiras arrancadas da cerca que ladeava o campo –, a polícia pouco intervinha e sobrava até para o árbitro.

Mas antes de Bola Branca e Bola Preta terçarem plumas e paetês nos salões pela preferência do público, muita gente já tinha sambado no carnaval lagunense. A tradição para a folia vinha de antes, muito antes. Há registro de que, no começo de 1865, ainda no distante século XIX, um grupo de negros escravos reuniu-se na praia do Mar Grosso e fez um animado pagode durante todo o dia. Não por acaso protegido pelo deus Baco, como acrescenta o relato: a polícia fez que não viu nem ouviu, “para não estorvar os inocentes (sic) entretenimentos dessa boa gente”. É bem provável que aí estivessem, como quem não quer nada, os antepassados da turma fagueira que, em 1947, fundaria o bloco Brinca Quem Pode.

Certa vez, ainda na Laguna do século XIX, uma negra escrava, preparando-se com o maior cuidado, envergou um vestido branco engomado – o melhor que tinha – para ir ao casamento de uma amiga. À tarde, deixou a casa de seu senhor na então rua do Teatro (hoje, rua XV de Novembro) rumo ao local onde ocorreria a cerimônia. Mas, ainda na mesma a rua, mal cruzou a esquina – o desastre.

Ao primeiro sinal dos colegas, dois gaiatos escondidos no terreno da esquina descarregaram sobre a negra, para a alegria sádica da plateia improvisada, baldes e mais baldes de água. Sem muito que fazer, restou à escrava voltar chorando, indignada e encharcada, para a casa do patrão – obviamente, nem ao casamento pôde assistir. Talvez estivesse desinformada, mas em vésperas de carnaval era assim.

Aos olhos da elite conservadora, o entrudo algumas vezes beirava as raias da barbárie. Era quando tomavam a dianteira da brincadeira os homens do trabalho braçal e os escravos. Nesse caso, eles não se contentavam em despejar um balde de água sobre a cabeça dos desavisados – os almofadinhas e os críticos ao costume eram os alvos preferidos. Aliás, não era qualquer água: quase sempre, era água salgada retirada das praias pouco apropriadas para o banho. Pois os bárbaros, não satisfeitos, pegavam a vítima à força, carregavam-na até o mar e a lançavam a um mergulho inevitável. E nem sempre adiantava correr. Os rapazes improvisavam seringas com capacidade para um a três litros de água. Quem tentasse fugir poderia ser atingido por jatos cujo alcance chegava a até dez metros de distância. O castigo podia ser complementado com cascas de banana ou melancia esfregadas no rosto do azarado.

Mas a moda daquela estação eram de fato os limões de cheiro: bolas feitas com cera, em cujo interior havia perfume ou mesmo água, como passaria a acontecer mais tarde. Quando as bolas chocavam-se contra o corpo da vítima, estouravam liberando pela roupa todo o líquido que continham. Só que algumas eram tão mal feitas que não quebravam com o impacto: ficava-se com a dor da pancada enquanto a bola rolava, incólume, pelo chão.

Às vezes, o grupo de folião trombava com algum sujeito de sangue quente, daqueles que, como ensina o senso comum, “não levavam desaforo para casa”. Como os de cá não cedessem nem o de lá entrasse na brincadeira, o quebra-quebra mandava recado. Com as cestas cheias de

limão de cheiro, aninhado em barbas de velho para não quebrar com o corre-corre, a turma do entrudo invadia as casas e molhava atrevidamente quem encontrasse pelo caminho. Se alguém pensasse em se trancar no quarto, sem problema: eles forçavam a porta até consumir a captura. Não era nada democrático, e o resultado, como quem conta os destroços de uma guerra, poderia ser vidraças, vasos, enfeites, tudo aos cacos.

Se não houvesse entrudo, o carnaval transcorria tranquilamente – mas não muito. Pelas ruas, as máscaras pareciam ser as únicas fantasias conhecidas para se brincar a folia de momo. Solitários ou em pequenos grupos, não era difícil esbarrar nos mascarados durante os dias de festa. No sábado, era a vez dos cavaleiros, também disfarçados sob máscaras. As sociedades recreativas não queriam ficar de fora. Organizavam seus préstitos com um ou dois carros – acompanhados, claro, por foliões mascarados. Às vezes, acontecia na praça Conde D’Eu (agora, praça República Juliana) um encontro desses cortejos, e a rivalidade já marcava presença: partidários de um ou de outro, vez por outra, trocavam empurrões entre si. Até que terça-feira à noite, fazia-se o enterro dos ossos. Mas não pense que era porque a cidade se tornava um campo de batalha com metade de sua população trucidada. Metaforicamente, era apenas um desfile com dois ou três carros iluminados decretando o fim da farra.

Desolação e mágoa não têm muito a ver com carnaval. Mas foi o que correu, como lágrima de saudosista, da crônica carnavalesca de 1904. Donde a virada de século não teria sido muito vantajosa para a folia em Laguna; aliás, isso é pouco: teria até representado um retrocesso. Uma cidade que, fazia pouco, já assistira à época de ouro dos blocos Guaranis, Filhos dos Guaranis e Filhos do Diabo, com seus estandartes, luxuosas guardas de honras e carros alegóricos de mutação e de crítica, além das festas dos mascarados nos salões requintados dos clubes, com decoração imitando de bosques a palácios, não poderia se contentar com o que se lhe apresentava o início dos anos 1910.

Aos bailes reservados dos clubes do centro, do Campo de Fora e do Magalhães, compareceram um ou outro mascarado (que fora a moda até pouco tempo atrás, lembra?) e alguns dominós, “silenciosos como túmulos”. Pelas ruas, o corre-corre de quem pensava em fugir às bolas de cera do entrudo e dois desfiles (ou zé-pereiras): os renitentes Grupo da Verdade, no domingo, com três carros de crítica, e Catupé, na terça-feira.

Mas o melhor daquele carnaval foi um edital que hoje seria atacado como censura. Ele proibia a crítica a qualquer autoridade ou pessoa de Laguna.

No ano seguinte, a folia nas ruas não daria muita mostra de reação. Não fossem os sócios da sociedade recreativa Anita Garibaldi, que saíram a cavalo no domingo como se fossem soldados republicanos da tropa de Giuseppe Garibaldi. Eles usavam botas, calça branca, camisa, gorro vermelhos e, para qualquer eventualidade, todos brandiam espadas. O carnaval além-salão ainda ganhou o aporte dos clubes 12 de Julho, que trouxe um carro representando uma barca tripulada por crianças, e Sete de Setembro, ambos do bairro Magalhães.

O entrudo (que então já resistia até o carnaval) só disse a que veio na terça-feira. Teria passado como uma horda bárbara, iconoclasta, daquelas que não respeitam absolutamente nada. Tornou proibitivo até que se ficasse debruçado nas janelas das casas para assistir ao desfile do debutante Grupo Pindaibáticos, com seus cinco carros alegóricos – o primeiro, além de trazer o estandarte, era de mutação: representava um botão de rosa, que ora abria, ora fechava, revelando em seu interior uma alegoria em homenagem às sociedades recreativas lagunenses. Outro zé-pereira que fez a festa na rua foi o Grupo da Quarta-feira, mas, sabe-se lá por que, preferiu desfilar na segunda-feira à noite. Um dos seus quatro carros de crítica atacava a greve dos operários da estrada de ferro. Era 1906. A crônica carnavalesca, outra vez, preferiu mais lamentar do que cair na esbórnica. O mesmo aconteceria um ano depois, com a folia sendo salva pelos bailes nos seis ou sete clubes da cidade, os desfiles de três grupos pelas ruas e o entrudo agora meio moribundo.

Em 1909, sem maiores ocorrências, o entrudo esteve à altura de sua tradição, pelo menos nos dois últimos dias de farra. Não se importando com os números, a nota do jornal limitou-se a informar apenas que a venda de limão de cheiro fora grande. (Cinco anos depois, diria a crônica de carnaval que, em dias de Momo, as pessoas andavam nas ruas assustadamente, temendo serem vítimas do controverso banho a limão de cheiro.) Mas, em 1910, os primeiros comentários sobre carnaval em *O Albor* teriam algo de premonitório. Como de costume, antes lamentou que a festa estivesse praticamente restrita aos bailes nos salões, ao contrário do que tinha sido em época nem tão distante, para depois alertar: “o verdadeiro carnaval não é esse, é o de rua!”. Feito manifesto, pediu que os jovens da cidade toda se

unissessem para prestar a Momo a honra devida. E que, de quebra, dessem o tiro de misericórdia no “grosseiro e brutal” entrudo (em 1911, reinaria quase absoluto nas ruas). Mas foi em vão.

Tudo naquele 1910 se resumiu aos bailes de sempre nos clubes e ao desfile com três carros alegóricos de um grupo do Magalhães, na terça-feira à tarde. Nem as sociedades carnavalescas Democráticos e Fenianos deram as caras: elas nasceram no ano anterior e mal resistiram à vida além-útero. Talvez a clarividência do cronista não fosse mesmo para aquele momento. Teria sido um recado para Xavante e Brinca Quem Pode?

Mal o ano começara, a Laguna de 1914 estava em pé de guerra. Para o bem de todos, não eram batalhas corpo a corpo, encarniçadas e sangrentas. Quem combatia nas trincheiras eram os soldados das sociedades carnavalescas Diabo a Quatro e Filhos de Netuno. Os primeiros estavam alojados no Campo de Fora; os segundos concentravam-se no Magalhães. Com essa configuração, as batalhas estavam mais para a malícia da provocação, num inofensivo toma lá, dá cá. Por exemplo: no primeiro domingo de janeiro, à noite, o grupo Diabo a Quatro saiu às ruas do centro mostrando do que era capaz. Não aceitando o desaforo, a turma dos Filhos de Netuno, na noite do dia 18, deu o troco com a mesma moeda. Nessa guerra particular cujo petardo poderia ser um punhado de confete, o interesse maior das duas sociedades nada mais era do que monopolizar a preferência do povo.

Na esteira mitológica dos Filhos de Netuno, fundou-se, em meados de abril daquele ano, a sociedade carnavalesca Filhos de Apolo. Mas ela e suas irmãs mais velhas – Diabo a Quatro e Filhos de Netuno – já não desfilariam em 1916. Sem os cortejos, Momo só se faria presente, mais uma vez, nos salões dos clubes e na cafarnaum do entrudo. Três anos depois, 1919, a festa nas ruas seria de novo modesta – para desgraça e crise de úlcera dos saudosistas. Como se previssem o temporal que desabaria sobre a cidade na segunda-feira, fez-se a farra domingo à tarde no jardim Calheiros da Graça, em frente à Igreja Matriz Santo Antônio. Enquanto a banda União dos Artistas atacava alguns tangos (não esqueça: era carnaval), os foliões se acabavam com serpentinas e confetes.

Se em 1920 o Brinca Quem Pode ainda nem pensava em nascer (nessa época, seus fundadores ou apenas engatinhavam ou se quer tinham sido concebidos), restava ao povo – que não tinha vintém bastante para

ser sócio dos clubes; alguns assalariados, outros não; muitos negros e brancos em menor número – ficar nas calçadas admirando os ricos foliões entrarem para os bailes ou espiar a decoração dos salões. Às 20 horas da segunda-feira de carnaval, por exemplo, o clube Congresso abriu as suas portas para o deleite da patuleia deslumbrada (no sábado, ela já se aglomerara no jardim Calheiros da Graça para apreciar a decoração e as luzes do Blondin). No teto, ao centro do salão reforçadamente iluminado para o carnaval, estava pendurada uma estrela. Quando uma de suas partes se abria, jorrava do interior uma chuva colorida de confete. Havia flores espalhadas por todos os cantos, e borboletas artificiais, presas ao forro, pareciam voejar ao sabor da brisa. Em uma das paredes, foram colocadas colunas, encimadas pelo medalhão dos clubes Blondin, Dramático Musical Lagunense e Lauro Carneiro. Para não dar ponto sem nó, nessas mesmas colunas pintou-se o escudo do Congresso, sobre o qual pousava uma águia – como símbolo da vitória.

Aquele baile de segunda-feira foi dedicado ao Basquetebol Myosotis Clube, “composto das mais gentis senhoritas da nossa elite social”. Antes que a banda União dos Artistas levasse relativamente os foliões à loucura, Alípio Machado subiu ao palco, fez as honras da casa e ofereceu a festa às jovens atletas – ao qual Ernestina Peressoni, representando as demais associadas do Myosotis, disse só poder agradecer de modo “singelo e modesto, como as mimosas florezinhas” escolhidas para símbolo do clube:

– Agradecendo, pois, em nome de minhas companheiras a delicada saudação, levanto um brinde ao Congresso Lagunense!

Rivalidade à parte, a festa do dia seguinte homenageou o clube Blondin. João Clemente de Carvalho agradeceu o preito e enfatizou uma suposta cordialidade então crescente entre os dois clubes. (Nunca é tarde para lembrar que havia aqueles mais apaixonados que, sendo sócio de um, não punham jamais os pés nos salões do outro.) Enquanto isso nas ruas, o carnaval era sacudido pela presença do grupo Mamãe, Olha Ele. Formado pelos marujos dos quatro navios da empresa São João da Barra atracados no porto da cidade, o bloco desfilou no domingo e na terça-feira.

Sempre sujeita aos humores da natureza, a folia na rua foi traída pelo mau tempo em 1922: sem a mesma força de outras épocas, naquele ano só se soube que era carnaval pelo frege dos salões. Não por acaso,

em 1923 uma das notas de jornal durante o período pré-carnavalesco já apontava “certo desânimo no nosso meio social” em relação à festa. Apesar do clima de indiferença, meio *blasé*, ainda aconteceram em 1923 os bailes de costume e o bumbumpaticumbum solitário de um desfile organizado pelo clube náutico Lauro Carneiro: o destaque foi um carro alegórico de mutação, que, quando aberto, exibia uma iole tripulada por três marinheiros. Mesmo que parecesse nos estertores, o carnaval de rua seria socorrido a tempo, antes do último e fatal suspiro.

No final de 1923, alguns jovens resolveram fundar uma nova sociedade carnavalesca. Sem pretender o espaço restrito dos salões, eles queriam mesmo era a liberdade das ruas – e deram provas disso mal o bloco fora fundado. Não querendo perder tempo, ainda era início de dezembro quando Pingos e Respingos saiu às ruas, em uma das primeiras vezes. O local escolhido para a concentração daquele zé-pereira foi o clube Blondin, e o lagunense, sedento de carnaval, acompanhou-o em massa. O jornal do dia 8 de dezembro adiantava que, para o próximo desfile, a decoração dos carros seria reforçada com enfeites vindos do Rio de Janeiro. Também nessa época, entre o final de 1923 e os primeiros dias do ano seguinte, o grupo adquiriu um dos galpões da Estrada de Ferro Dona Teresa Cristina, no Campo de Fora, para ali construir as alegorias.

Mas era óbvio que a turma do outro lado da cidade não aceitaria resignadamente qualquer provocação. Ou estaria traindo a tendência atávica dos lagunenses para a rivalidade. Com esse espírito, os carnavalescos do Magalhães não fizeram por menos e decidiram criar, no início de 1924, a Sociedade Carnavalesca Respingados. Donde qualquer semelhança entre os nomes dos dois novos blocos não ter sido mera coincidência. Com a folia batendo à porta, a crônica carnavalesca tratava de incitar os ânimos e, em poucas linhas, mesmo sem saber, traçava o perfil sectário da cidade: “Vamos ver agora, que há lutadores em campos opostos, fortes e valentes, quem tem panos para mangas”. Como quem incentiva à guerra, estava dado o recado.

O primeiro e aguardado duelo foi marcado para o dia 2 de março, domingo de carnaval. O sol abrasador da manhã afastava qualquer chance de a chuva acabar com a festa dos exilados dos salões. Desde cedo, o movimento pelas ruas e praças era intenso. Dando o melhor de si, carros iam de um lado para outro transportando integrantes ou de Pingos e

Respingos ou de Respingados, às voltas com os últimos retoques no desfile que ocorreria às 16 horas. Mas, ao meio-dia, o tempo mudou.

A chuva fina que caiu não só esfriou um pouco os ânimos, como obrigou os foliões a adiarem a festa. Na segunda-feira, enfim, deu-se a apresentação. O palco era o jardim Calheiros da Graça, no coração da cidade. Às 18 horas, diante de plateia ansiosa, passou, como uma tropa em revista, a guarda de honra da sociedade Pingos e Respingos, secundada pelos homens da diretoria. Estes dispensavam as fantasias de pierrô ou dominó e vinham, em pleno carnaval, vestidos de terno, gravata e chapéu. Mas pudera: nessa época, como Nelson Rodrigues diria mais tarde, “o Brasil era tropical sem o saber”. Depois dos diretores, passou o carro trazendo o estandarte e à frente, como carranca de embarcação, a escultura de um dragão, cuja ferocidade era aplacada pela elegância da jovem Norma Brandl. Encerrado o aplaudido desfile dos carros de Pingos e Respingos, foi a vez de a turma do Magalhães mostrar a que viera em cinco alegorias.

Eles foram chegando pela rua Santo Antônio, enquanto eram anunciados pelo toque dos clarins e fogos de bengala colorindo o céu naquela noite de Terça-feira Gorda. Era a segunda apresentação de Pingos e Respingos pelo jardim Calheiros da Graça, diante daqueles olhos esbugalhados de tanta curiosidade. O carro mais aplaudido foi o sexto – *Fonte Luminosa* –, dentro do qual duas crianças representavam Romeu e Julieta. Em seguida, vieram os foliões de Respingados – e, mais do que nunca, eles não estavam para brincadeira. No dia anterior, tinham perdido em preferência popular para os adversários, que caíram nas graças do público com a alegoria do dragão. Tanto fizeram que levaram a melhor dessa vez, quando o trunfo foi o carro de mutação *A Noite*.

A reboque dos desfiles das sociedades Pingos e Respingos e Respingados com suas alegorias de crítica e de mutação, tornaram-se também mais frequentes os cursos ao redor do jardim Calheiros da Graça. Em 1927, por exemplo. Terça-feira, último dia de carnaval, praça apinhada de gente. Tinha tudo para ser o *gran-finale*, não fossem a chuva e as trovoadas mandarem o povo para casa mais cedo. Heresia ou não, pelo menos Pingos e Respingos voltou às ruas para apresentar seus carros em plena Quarta-feira de Cinzas (o mesmo aconteceria em 1933). E, à espera do desfile, passava um ou outro curso desde cedo: eram automóveis



*Fonte Luminosa: uma das alegorias (acima) mais aplaudidas de Pingos e Respingos no carnaval de 1924*



*Prontos para a batalha: os componentes do grupo Respingados exibem seus carros alegóricos (acima); à dir., os rivais, de Pingos e Respingos, com terno e chapéu em pleno tríduo, não deviam saber que o país era tropical*



e caminhões enfeitados, sobre os quais se exibiam, cantavam e dançavam os herdeiros da elite lagunense.

Tudo parecia muito lírico, mas a sanha da indústria já via o carnaval daquela época com olhos cúpidos. Estava ali, às suas mãos, uma importante vitrine para seus produtos, e nem se precisou da ajuda dos profissionais de *marketing*. Foi o que aconteceu ainda naquela Quarta-feira de Cinzas: dos seis carros de Pingos e Respingos, dois faziam o que mais tarde se diria *merchandising*. (Antes mesmo das escolas de samba do Rio de Janeiro, que ainda nem eram o que são hoje, com muito de seus enredos patrocinados por empresas de toda sorte: da mineradora Vale do Rio Doce à fábrica de chocolates Garoto.)

O nome das alegorias era sugestivo – e coerente: uma se chamava *Copo* e servia de publicidade para a Cerveja Clarinha; a outra, intitulada *Garrafa*, anunciava a Cervejaria Catarinense. Houve ainda o caso do representante comercial Ivo Pimentel, que decorou um caminhão e foi às ruas fazendo o então chamado reclame da sua empregadora – a cervejaria Antarctica.

Praticamente vizinhos desde 1943, separados apenas pelo prédio de uma agência bancária e pela rua Voluntário Carpes, os clubes Blondin e Congresso disputaram por um bom tempo o título de melhor baile de carnaval (aliás, competiam até em melhor decoração dos salões). Mais tarde, em 1995, José Bessa contaria numa crônica de jornal que houve um período em que essas festas aconteciam simultaneamente nos dois clubes, e não em dias alternados, como recomendaria depois a política da boa vizinhança. Como ninguém quisesse jogar a toalha já em plena manhã de Quarta-feira de Cinzas, garante ele, “tinha fandango até o padre terminar a missa” – se é que a missa era levada a efeito, porque os dois clubes, tal qual o pecado, moram ao lado da Igreja Matriz de Santo Antônio. Para pôr mais lenha em disputa tão candente, os jovens associados resolveram formar blocos para os carnavais de seus salões. Estava lançada a semente para os futuros Bola Branca e Bola Preta.

Não se sabe a época com precisão, mas deveriam ser os anos 1920. Porque, em texto publicado pela primeira vez em 1939, Ruben Ulysséa dizia que os blocos de salão eram então instituições relativamente recentes – tanto que nos carnavais dos anos 1910, segundo ele, a criatividade nas fantasias não ia além de alguns foliões mascarados. Retrocedendo um

pouco mais, Saul Ulysséa, em seu panorama da Laguna de 1880, também afirma que os blocos nos clubes à época nem pensavam em nascer – só os rapazes se fantasiavam, quase sempre de dominós de seda e máscaras de cetim, e aproveitavam os disfarces para brincar com todo mundo, inclusive (ou seria principalmente?) com as jovens.

Quando os blocos começaram a pulular, a identidade deles não resistia à Quarta-feira de Cinzas de todo carnaval, como conta o historiador Antonio Carlos Marega:

– Blondin e Congresso criaram os blocos de jovens. O bloco das moças do Congresso, o bloco das moças do Blondin. Os rapazes do Congresso, os rapazes do Blondin. O bloco das moças recebia o nome das fantasias do ano. Se botavam fantasia da cigana, lá ia o bloco das ciganas. O dos rapazes tomou nome. O da turma do Congresso foi o Sapeca. A turma do Blondin era o Bambo.

Não por acaso Bola Preta e Bola Branca teriam respectivamente algo dos blocos Bambo e Sapeca. Em 1931, o Bambo – exibindo o cartaz de o principal representante da alegria momesca desde 1929 – fazia no Blondin o que mais tarde seria a fama dos Bolas. Era terça-feira, último baile, o salão estava às escuras, clareado apenas pelas labaredas simuladas com luz elétrica de uma fogueira ao centro. Sob batuque indígena, os integrantes do bloco, agora transformados em incas, foram entrando até que se puseram a dançar, como em um ritual, ao redor do fogo. Terminada a apresentação, as luzes foram acesas, o transe foi controlado e os ex-silvícolas caíram na farrá com os demais foliões. (Aliás, foi só também nessa terça-feira, à tarde, que se notou algum sinal de carnaval fora dos clubes, com blocos e um corso qualquer ao redor do jardim do centro.)

Na Terça-feira Gorda de 1934, Bambo e aquele que no ano seguinte seria considerado seu maior rival – Sapeca – tomaram parte do desfile de Pingos e Respingos como guarda de honra. Em 1935, o mesmo Bambo arrebataria alguns corações apaixonados, quando se apresentou no baile de terça-feira do Blondin vestido de *Mosqueteiro Trovador*. Ao fim de sua passagem pelo salão, a plateia não parava de cantar a marcha para aquele tema: “Ês a linda blondinista/ dos meus sonhos ao luar/ Ês a sombra que acompanha/ meu sofrer e penar!”.

Os pais do Bola Branca e Bola Preta, Sapeca e Bambo, já tinham o hábito de visitar o baile do clube adversário. Mas era aquilo que o senso

comum apelidou de “visita de médico”. Apresentavam-se protocolarmente com suas fantasias inspiradas no cinema e se escafediavam de imediato – antes que as vaias explodissem, em pleno território inimigo. Foi do fim desses blocos (alguns dizem que pelo envelhecimento natural e inevitável dos integrantes) que surgiram os Bolas, na tentativa de evitar que o carnaval de salão se tornasse uma eterna Quaresma. No final dos anos 1930, não se ouvia mais falar em Bambo ou Sapeca.

Por terem sido fundados em meados dos anos 1930 pelos sócios do Blondin e Congresso, os dois Bolas mantinham naturalmente alguma ligação com seus respectivos clubes. As cores da bandeira do Bola Branca eram as mesmas da do Congresso: vermelho e branco. O seu rival Bola Preta, nascido no interior do Blondin, apresentava em sua bandeira as mesmas cores do pavilhão de sua sociedade: azul, branco, vermelho – e o negro, para identificar o bloco.

Nas fileiras dos dois Bolas, estavam aqueles que a sociedade de então considerava “os melhores partidos”. Só podiam vestir suas fantasias os jovens solteiros: ou emancipados ou com pais dispostos a bancar as plumas e paetês para o carnaval. E, obviamente, eram sócios das sociedades recreativas. Em sua época de ouro, elas eram rigorosíssimas no controle de quem entrava em seus salões (tanto que se sentiam no direito de vetar a entrada de pessoas com fantasias “julgadas inconvenientes” ou “em desacordo com as tradições do clube”). Se não fosse sócio, o folião só entraria como convidado – isso depois de ter sido apresentado à diretoria por algum associado, ter o nome submetido a uma avaliação e daí passado pelo crivo. Mas não bastava ser sócio. Era preciso estar em dia com, pelo menos, a mensalidade de dezembro do ano anterior – a que daria ingresso para os bailes. E, bendita entre os homens, era escolhida uma jovem para ser a madrinha do bloco e realizar alguma dança ilustrativa do tema daquele ano, durante a *mise-en-scène* nos salões.

Por *mise-en-scène* entendia-se que, pelas duas horas da manhã, no auge do baile, vinha um aviso – e imediatamente, interrompia-se tudo. Em um desses momentos, ao ser dado o sinal para o frege ficar em suspenso, a primeira providência foi montar o cenário no meio do salão: uma barraca, onde, no interior, uma jovem tentava permanecer incógnita, e uma fogueira artificial, feita com achas de lenha, papéis vermelhos picados e um ventilador para dar o efeito de labaredas. Tudo pronto, o

toque solene de um clarim solitário atravessou o silêncio, como quem anuncia a chegada da realeza (mantidas as proporções, era como se fosse mesmo). Em plena escuridão, começou-se a ouvir os acordes clássicos de *O Guarani*, de Carlos Gomes. Ao som da sinfonia, o grupo foi entrando: homens vestindo calça, jaqueta de lamê de seda cor da pele, decorada com enfeites típicos dos indígenas peles-vermelhas americanos, e, sobre a cabeça, cocar de penas – compradas à mancheia no comércio lagunense, de modo que o estoque foi simplesmente devastado. Enquanto chegavam, os indígenas cantavam como se fosse canto de guerra: “Ao som do Guarani/ Estamos nós aqui/ Guerreiros valorosos/ Descendentes de Tupi”.

Assim que todos entraram no salão, formou-se um círculo. Em seu interior, a jovem, então saída da barraca, evoluía como uma índia legítima, ao ritmo de dois atabaques sofrivelmente tangidos por homens brancos simulando serem também silvícolas. Encerrada a pajelança mal disfarçada, acenderam-se as luzes. O mesmo grupo, refeito do transe, agora pulava e cantava a plenos pulmões as músicas da própria lavra, dando o melhor de si em busca de aplausos.

Parecia ópera, mas não era. Acredite: era mesmo carnaval. Ou por outra, uma das apresentações do Cordão Carnavalesco Bola Branca.

Alguns diziam que era imprescindível à *mise-en-scène* que os integrantes dos blocos se mostrassem, todos, desinibidos nos salões. Outros se desculpavam alegando que precisavam de algo como calmante para os nervos em frangalhos diante do desfile iminente. A despeito do fim, o meio era só um – coquetel. Em uma panela grande, misturava-se a contribuição de cada um dos foliões: biter, cachaça, conhaque, rum, vermute, enfim, o que aparecesse. (O resultado imediato e o dia seguinte são facilmente presumíveis.) O historiador Marega resume bem o que eram aqueles tempos:

– Teve ano de a metade dos componentes do Bola Preta estar chapado. Começavam a cheirar lança-perfume, bebida, tudo isso, daí proibiram o uso disso tudo durante o carnaval. Porque aí chegava na porta do clube aquela cambada de bêbado.

Nas mesmas condições (ou quase assim), como foi que o cordão do Bola Branca conseguiu apresentar-se, certa vez, tendo como tema de abertura da encenação a ópera *Aida*, do italiano Giuseppe Verdi? Talvez seus foliões tivessem disfarçado bem o porre. Em todo caso, a estreia das

apresentações naquele ano foi no clube Congresso. E deu-se segundo aquela espécie de ritual: como de costume, estão os foliões pulando ao som das marchinhas da temporada, até que alguém avisa:

– O Bola Branca vai entrar!

Ato contínuo, todos arredam do meio do salão, param com o “Ô abre alas, que eu quero passar...” e, de repente, como se fosse a coisa mais natural e adequada ao momento, começam a tocar *Glória ao Egito* (trecho de *Aída*). Era o ponto máximo do carnaval lagunense: a entrada solene do bloco no clube. Com todos os integrantes a postos, é iniciada a encenação. Cumprida a performance, passam-se alguns minutos até que a banda se recomponha – e ataque, para alegria geral, a marchinha do Bola Branca: “Rebola essa bola/ Que a bola é quadrada...”. Se em cena estivesse o Bola Preta, o hino iniciaria assim: “O cordão do Bola Preta/ Que não teme careta...”.

A partir do carnaval de 1938, Bola Branca e Bola Preta teriam maior visibilidade na imprensa. Na crônica carnavalesca publicada no dia 20 de fevereiro daquele ano em *O Albor*, um domingo, informou-se que no sábado anterior, isto é, dia 12, os clubes Congresso e o hoje inativo Anita Garibaldi, no bairro Campo de Fora, abriram as portas de seus salões para receber “os impagáveis vassallos do Rei da Folia”. Mesmo que ainda engatinhando, os dois Bolos já eram considerados “*a nota chique*” por onde quer que passassem. E mais: tinham precocemente a diabólica fama de ser “endiabrados”. Ao mesmo tempo em que tal nota circulava pela cidade naquele 20 de fevereiro, também ganhavam as suas ruas estreitas os cordões Bola Branca, Bola Preta e Sossega Leão, dando mostras ao povo do que seria o carnaval.

Os foliões lagunenses que foram para as ruas pularam o carnaval do ano seguinte, 1939, debaixo de chuva – a eterna inimiga das festas de Momo. Quem se atreveu a sair de casa pôde aplaudir a algazarra dos jovens grã-finos da cidade em seus cordões Bola Branca e Bola Preta. Como era de costume e tivessem fôlego para isso, os rapazes se exibiam para o povo nas calçadas e ainda davam o melhor de si nos salões da alta sociedade, depois daquelas entradas solenes ao som de música erudita. Mas tamanho empenho não era em vão.

Além da rivalidade inata, os dois blocos estavam ano a ano, para se saber quem foi o melhor, sob vigilante julgamento: a opinião pública. Não



*Bola Branca (acima) em 1953 e Bola Preta (abaixo) em 1960: a nota chique da festa*



havia júri, muito menos aqueles questionários dos institutos de pesquisas. O resultado era obtido informalmente a partir do que se ouvia nas ruas – as posições mais apaixonadas eram descartadas. Mas alguns quesitos deviam ser considerados: em maior peso, as fantasias; a coerência da música quanto ao traje; a entrada nos salões; e, não menos importante, a animação dos contendores. Havia quem garantisse que o final da apuração, mesmo nessas condições, não deixava pedra sobre pedra (o que era quase impossível).

José Bessa, em uma crônica de 1995, diria que o Bola Branca foi “o melhor dos blocos de todos os carnavais”. Em *O Albor* de 1939, o Bola Preta já não ficava por baixo – era chamado de o “Rei dos cordões”. Embora ambos fossem da elite, o poder aquisitivo dos integrantes do Bola Branca era ainda maior. O que se refletia em fantasias mais luxuosas, com requinte de bordados e tecidos finos. O tema das roupas, tanto em um bloco quanto no outro, ia de toureiros a mandarins, salteadores gauleses a fidalgos de Verona, pierrôs a Barba Azul. E a inspiração para isso poderia vir de filmes ou de óperas, por exemplo.

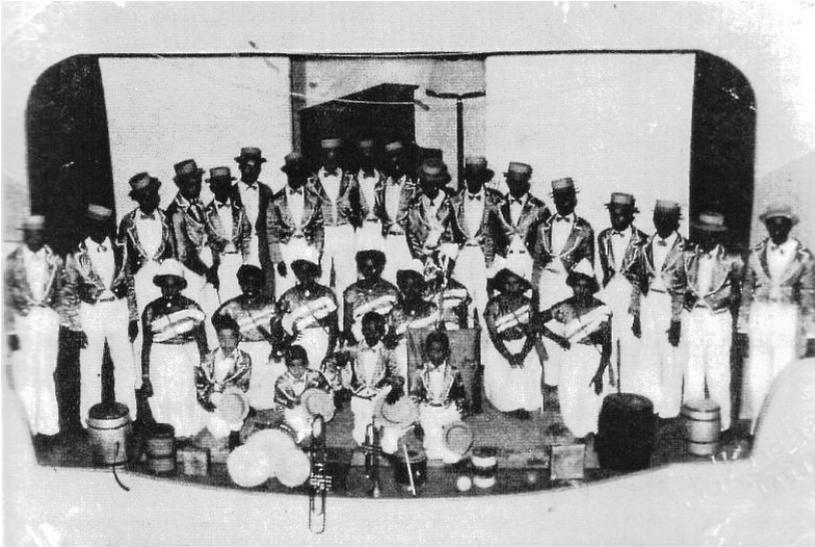
A chuva que caiu sobre Laguna naquele carnaval de 1939 não foi capaz de arrefecer o ânimo dos carnavalescos. O mesmo não se deu, com tempestade ou sem, anos depois. Por quase toda a década seguinte, quase ninguém botou mais o bloco na rua. Da crônica carnavalesca, veio o diagnóstico do que era o tríduo momesco fora dos salões em 1940: “Acabaram-se os cordões, as críticas espirituosas, o curso dos automóveis em torno do jardim; enfim, tudo aquilo que outrora aqui se fazia com graça e que alegrava a alma pacata e boa da nossa gente”. Para se fazer justiça, cabe dizer que a turma de Respingados organizara um desfile de alegorias. Mas a chuva acabou com a festa, forçando seu adiamento em uma semana. Aos saudosistas, a folia nas ruas foi como a imagem sugerida nessa mesma crônica: o lagunense passando os dias sentado nos bancos do jardim Calheiros da Graça, engolfado pelas recordações. Era como se as lembranças fossem fantasmas pulando o carnaval, sem marchinhas nem serpentinas, ali, ao seu lado. (Quem sabe não teria sido a “deixa” para aqueles crioulos bons de batuque fundarem o seu Brinca Quem Pode?)

Os anos seguintes não seriam muito diferentes. Pelo menos em *O Albor*, desde 1942 já não se noticiava mais desfiles de Respingados, muito menos de Pingos e Respingos. Podia ser sintomático: ano a ano,

a cobertura da folia escasseava, reduzindo-se a algumas insignificantes e rebarbativas linhas de texto. Mas o quê se poderia esperar da imprensa? Agora, mais do que nunca, carnaval era só nos salões – somente para sócios e convidados escolhidos a dedo. Os demais ficavam do lado de fora, aplaudindo ou espiando o desbunde da elite dentro das sociedades recreativas.

Até que em 1947, o mesmo *O Albor*, depois de informar que os bailes nos clubes não haviam sido tão animados quanto em anos anteriores, anunciou que na Terça-feira Gorda acontecera uma “passeata carnavalesca” pelas ruas da cidade. É bem possível que nesse meio estivessem aqueles crioulos decididos a entrar na dança também, como qualquer pessoa – brejeiramente ensinando o bê-á-bá do saçarico ao recém-nascido Brinca Quem Pode.

## PARA GUARDAR A TRADIÇÃO



*O infante Brinca Quem Pode em uma das apresentações no auditório da rádio Difusora, por volta de 1948/1949*

- **NÃO TINHA** nada o que fazer. Então, nós inventamos uma brincadeira.

E por que não?

Afinal em 1947, o carnaval de rua lagunense já não era mais do que alguns cacos do que fora em outras épocas. Portanto, havia chegado a hora de alguém arregaçar as mangas e tentar todos os recursos – antes que o agonizante se esvaísse no último suspiro e a festa se restringisse definitivamente aos salões. Foi assim, com esse cenário diante dos olhos, que aquele grupo de crioulos resolveu fundar o bloco Brinca Quem Pode, no dia 17 de fevereiro – em plena segunda-feira de carnaval.

A brincadeira deu certo. Em entrevista ao filho Aloísio Luiz dos Reis, Antonio dos Reis (morto em agosto de 2009) conta que fez parte do grupo de fundadores. Os quais eram, na maior parte, músicos da banda

União dos Artistas e sócios ou frequentadores do clube Cruz e Sousa.

– Existia o Xavante, então achava que o Xavante ia ficar sozinho. Aí criamos um bloco – recorda Antonio.

Era só o começo. Mas o velho clima de rixas, que sempre dividiu a cidade em facções, estava ganhando fôlego novo com o bumbumpaticumbum que voltava a ecoar das ruas – enquanto Bola Branca e Bola Preta travavam sua guerra particular, a confete e serpentina, nos salões da elite. O Xavante não somente deixou de ficar isolado, como, em pouco tempo, foi declarado inimigo figadal da turma do Brinca Quem Pode.

O Cordão Carnavalesco Xavante foi fundado em uma das mesas do lendário Café Tupy, no térreo de um sobrado na confluência das ruas Raulino Horn e XV de Novembro. Por ele, passavam democraticamente empresários, políticos e alguns barnabés – que podiam discutir tanto o último ato do prefeito quanto as curvas de uma lagunense que cruzasse a calçada. Até que a boemia cedeu espaço para uma loja de materiais elétricos. Entre um café e outro, Remi Fermino, vendo que o carnaval de rua só não estava morto por causa de alguns insistentes zé-pereiras, detectou aí um filão e, de pronto, fez a proposta em tom de desafio aos colegas de charla:

– Vamos fazer um bloco pra animar o pessoal na rua? Vamos sair?

Os amigos se entreolharam, mas aquilo não era absoluta novidade para eles. Afinal, ali estavam Alvim Ávila, Batista Abraão, Ibraim José Abrahão, Itanê Schneider, Osmar Graça – todos sócios ou simpatizantes do próprio Bola Preta, o mesmo que se vangloriava como o “Rei dos cordões”. Diante da aprovação geral, Remi mandou vir uma folha de papel e, ali mesmo, rabiscou o primeiro estatuto do novo bloco. Era 22 de fevereiro de 1946, a poucos dias do carnaval.

É claro que, até então, a menina dos olhos daqueles jovens era mesmo o Bola Preta. Tanto que a ideia ficou em suspenso e só foi retomada em pleno tríduo. Devia ser sábado ou domingo quando Remi convocou novamente seus colegas para levarem a efeito aquela brincadeira. O grupo decidiu se dirigir até a casa de Alvim Ávila, no morro da Carioca, para se organizar. Como já fora batido martelo quanto ao fato de o bloco sempre apresentar-se como indígena – daí o nome –, os rapazes correram

a vizinhança atrás de penas de galinha para fazer as tangas e os cocares típicos. (E assim seria até hoje, com uma ou outra variação. Para não trair o nome, o Xavante conquistou fama – e alguns títulos – quase sempre com fantasias de índio.)

Tudo pronto, a “tribo” com cerca de dez pessoas desceu a ladeira, acompanhada por uns três cavalos, e saiu rumo a hoje praça República Juliana. Mas o povo na rua não estava entendendo nada do que via. O máximo a que assistiam então era o zé-pereira, com sua carroça enfeitada e uma charanga de bumbos e pratos de metal. Agora, uns branqueiros com corpo pintado, vestidos de índios e batucando? Por via das dúvidas, e como fosse carnaval, as pessoas foram se chegando e entraram na dança também. Da praça, eles seguiram até o Café Tupy – afinal, foi ali que a ideia nasceu e, por que não, ambos tinham quase a mesma ascendência.

Mas não pense que o bloco ganhou as ruas entoando cantos de guerra, só para agradar a eventuais puristas. Era pajelança, mas não muito. Em vez do oba-oba das marchinhas ágeis e sacanas, preferiu-se algo um pouco mais solene, que não exigisse um fôlego de dançarino de frevo do Recife. Como se repetiria até a era dos samba-enredos, o que os embalou foram as melodias mais rebuscadas e letras sentimentais das marchas-rancho. Certamente, entre uma e outra, eles devem ter cantado a plenos pulmões versos como: “A estrela d’alva/ No céu, desponta/ E a lua anda tonta/ Com tamanho esplendor...”, da fatalmente clássica *As Pastorinhas*, composta em meados dos anos 1930. E por que fatalmente clássica? Ora, saída das penas de Noel Rosa e João de Barro, não poderia dar em outra.

Aquela primeira fantasia levou o nome de *Índio Pele Vermelha*, e, não se sabe por que, os integrantes saíram com parte do corpo pintada com tinta preta. Em vez de rubros, como os autóctones homenageados, sambaricaram com a pele retinta tal qual a dos negros africanos. Mas o melhor da festa foi o final: o grupo resolveu cair n’água, no cais do centro, para livrar-se daquela tinta. Tinha tudo para ser a apoteose, não fosse o quebra-pau deflagrado por causa de um mero sabonete – que não era o bastante para aquela gente toda.

Por sua vez, o grupo disposto a tirar o cetro das mãos da turma do Xavante tinha em suas fileiras, além de Antonio, seus irmãos Antenor dos Reis e Paulo Tibúrcio dos Reis, que se tornaria o principal baluarte do bloco (este, mais tarde, seria transformado em escola de samba). Mas

o elenco de fundadores era bem maior. Ainda faziam parte da brincadeira Adeládio Pires, Agenor Pinto, Almiro Pacheco dos Reis, Antonio Belmiro, Antonio Fernandes, Júlio Maurício (mais conhecido como Júlio da Brígida), Osvaldo Barreiros, Primitivo dos Santos e Silvio Vicente.

Mas era preciso batizar o bloco. Em meio às discussões, Valdemar Matos, conhecido por Valdemar da Macaca, arvorou-se para sugerir Brinca Quem Pode. Nem se precisou de votação. A proposta caiu no gosto do grupo e ficou por isso mesmo. Ou quase. Com o tempo, o povo simplificaria para Brinca, como se o bloco fosse alguém com quem se priva da intimidade. Só que o nome de batismo do novo cordão, diga-se, não era nenhum pouco novidade no carnaval.

Pelo menos em Santa Catarina, este Brinca Quem Pode de 1947 foi o terceiro a ser fundado. Quando se compara a uma linha de sucessão a sequência de homônimos que pularam o carnaval antes dele, vê-se que o patriarca da dinastia não é lagunense, e sim manezinho. O primeiro Brinca Quem Pode, que influenciaria a fundação dos dois seguintes, nasceu em Florianópolis no início dos anos 1930, à rua Conselheiro Mafra, centro (segundo estatuto, a criação deu-se em 7 de março de 1933, mas, em janeiro desse mesmo ano, o bloco já era notícia no jornal *República*). E, apesar do nome, não estava muito para brincadeira. No carnaval de 1933, o bloco conquistou a taça Rodo-Rigoletto, depois de cair nas graças da comissão julgadora formada pelos representantes dos jornais *A Pátria*, *O Estado* e *República*.

O concurso pode ter sido também uma boa sacada de publicidade da Companhia Química Rhodia Brasileira. É que desde 1922 ela fabricava lança-perfumes como Flirt, Rigoletto e Rodo, que marcariam uma legião de foliões no país afora. Até que em agosto de 1961 o então presidente Jânio Quadros cortou o barato: baixou o decreto 51.211 proibindo a fabricação, o comércio e o uso do produto em todo o território nacional. O problema começou quando o jeito brasileiro mandou recado.

Mais do que um inocente *spray* à base de ácido acético, cloreto de etila e éter, cujo resultado era uma névoa gelada e aromática, a turma do saçarico descobriu que, ao ser inalado, o lança-perfume levava à euforia e excitação em níveis que a folia – por si só – não conseguia. Como o que separa o remédio do veneno é a dose, em excesso pode provocar desmaios – até mesmo coma e morte por parada cardíaca. Daí a preocupação de

Jânio, que ainda naquele agosto, no dia 25, renunciaria à presidência da República alegando ter sido vítima de “forças terríveis”. Ainda assim, mesmo com o decreto de Jânio Quadros, o lança só seria finalmente proibido em 1966.

Antes do Brinca Quem Pode de 1947 fundado para rivalizar (e essa palavra não é por acaso) com o Xavante, existiu outro, também em Laguna: ou seja, o segundo daquela dinastia iniciada na capital do estado. A história dele começou na metade dos anos 1930, em plena rua Nova: localizada quase no sopé do morro da Glória, próxima à Fonte da Carioca, foi durante muito tempo uma zona de prostituição, com seus bares e bordeis, que marcou a vida da boemia lagunense. Era ali em que se situava a casa de João Ramos, onde ele e mais uns quatro rapazes juntaram-se para fazer carnaval. Nesse meio, estava também Valdemar da Macaca (o mesmo que, não à toa, denominaria o bloco homônimo de 1947).

Durante a discussão dos detalhes, alguém lembrou:

– Olha, não tem nome. – E continuou: – Vamos brincar, vamos fazer uma batucada.

Outro emendou:

– Brincando por aí e coisa e tal.

Um terceiro, que estava sem tempo para digressões, tratou de ir direto ao assunto:

– Mas qualé? Qué que nós vamos botar? Qualé o nome?

A resposta:

– O negócio é o seguinte: Brinca Quem Pode.

Anos depois, João Juvêncio Martins, um dos fundadores daquele bloco, lembraria em entrevista a Aloísio Reis que o significado do nome era outro, na verdade uma ironia carnavalesca:

– Brinca Quem Pode quer dizer noutra sentido. Brinca como pode, com dinheiro ou sem dinheiro.

Na versão de João Juvêncio, o nome teria surgido espontaneamente, ali mesmo, durante aquele *brainstorm* improvisado longe da assepsia de escritórios e agências e engolfado por uma famosa zona de meretrício – hoje substituída por uma pacata e recatada rua de casas, que não guarda nenhum vestígio do que foi no século passado. Outra corrente, mais provável, defende que este Brinca Quem Pode, de meados dos anos 1930, é tributário daquele primeiro bloco homônimo fundado em Florianópolis

e que também era frequentado por alguns lagunenses. Os quais resolveram criar um parecido em Laguna, sem abrir mão de que o nome fosse o mesmo. Sendo assim, estava concebido o segundo Brinca Quem Pode da dinastia. E talvez o pecado mortal deste foi ter sido um bloco sem maiores pretensões.

– Quando queria ir, ia. Quando não queria, não ia. Foi desanimando, que era coisa sem compromisso, certo? – constataria, mais tarde, João Juvêncio.

Se o grupo optasse por desfilar no carnaval, a logística não impunha grandes demandas. Reunia-se a turma do bloco e saía por aí batucando, por entre as ruelas antigas do centro. A apoteose podia ser o jardim Calheiros da Graça. Simples assim. Mas, tal qual seus contemporâneos, este Brinca Quem Pode também pertencia aos salões. O seu reduto era o clube Cruz e Sousa – que tinha como oponente natural o clube União Operária, fundado no dia 9 de fevereiro de 1903, e, de quebra, o seu bloco Bronze. Era uma rivalidade decorrente sobretudo da questão étnica:

– Na Operária, nego preto não entrava. Era só mulato e quem tinha mais dinheirinho – resume Maria Salete Geraldino, integrante do Brinca Quem Pode de 1947.

Como os negros retintos sempre dessem com o nariz nas portas da Operária, porque ali a *mulata* era mesmo a tal, não se fizeram de rogados, decidiram dar um basta àquilo e criaram então o Sousa. (O curioso é que alguns mulatos da Operária frequentavam o clube dos negros, mas o contrário era quase impossível de acontecer.) O problema é apontar quando, de fato, deu-se a fundação. Em cartório, o único registro que existe sobre o Clube Cruz e Sousa é um estatuto de 1948 – porém, refere-se a uma associação fundada em Imbituba (à época, ainda distrito do município de Laguna). Entre pesquisas e notas de jornal, depara-se com várias datas. Aloísio Reis, em dissertação de mestrado defendida em 1996, e Ruben Ulysséa, no livro *Laguna: Memória Histórica*, por exemplo, concordam que o clube foi fundado em 1914, mesmo que o primeiro afirme que o fato ocorreu no dia 15 de fevereiro, e o segundo, dez dias depois, portanto, 25 de fevereiro. Até aí, nada de mau, uma discrepância até pequena – se não se confrontar com as informações de *O Albor*.

No jornal, o clube Cruz e Sousa já aparecia bem antes de 1914. A primeira referência – possivelmente, a mais provável de ser a correta

– diz que em 11 de março de 1906 foi fundada a Sociedade Recreativa e Literária Cruz e Sousa, tendo como presidente José Honorato Alano. Quatro meses depois, em 29 de julho, era inaugurada a sede do clube, à rua Voluntário João Firmiano. Mas duraria pouco tempo no local. No dia 14 de outubro, foi transferida para a então praça Conselheiro Mafra (hoje, praça República Juliana), a poucos metros dali. Entre uma nota e outra, o Sousa esteve nas páginas de *O Albor* até o carnaval de 1909. Depois de ter permanecido incógnito por um tempo, retornou ao semanário em 27 de setembro de 1914, quando se noticiou, para as 12 horas daquele mesmo dia, a inauguração da Sociedade Recreativa Cruz e Souza, na própria sede, à rua das Pedreiras (agora, início da Almirante Lamego). Onde, depois do carnaval de 1909, o Sousa por ter sido desativado e só retornado à ativa em 1914, daí a confusão nos dados.

Quando se desconhece a nota de 1906 informando da fundação do clube, pode-se muito bem aceitar que foi criado em 1914, como defendem Aloísio e Ruben. Até porque, em 22 de agosto de 1915, *O Albor* divulgou a formação de uma diretoria eleita por aqueles dias para comandar o Cruz e Sousa. E, em aposto, ainda afirmou que o clube foi fundado no dia 15 de fevereiro de 1914. O que é reforçado pela notícia de um baile, em 26 de fevereiro de 1916, oferecido para celebrar *dois* anos de fundação do clube, cuja sede agora estava na praça Conselheiro Mafra, talvez aquela mesma de 1906 – quando o Cruz e Sousa, de fato, deve ter sido criado.

Em todo caso, era em seus salões e principalmente nas ruas onde os foliões do segundo Brinca Quem Pode faziam a festa. Mas, você lembra, era um bloco sem muita ambição, ao sabor apenas do humor de seus integrantes. O que lhe custou caro:

– Era à vontade, depois terminou – explica João Juvêncio Martins, um dos fundadores daquele bloco.

Portanto, antes que tudo virasse poeira, Valdemar da Macaca foi mais rápido e conseguiu, em 1947, que o novo bloco de rua herdasse a marca Brinca Quem Pode – “para guardar a tradição”, como recordaria Antonio dos Reis, um de seus criadores. E ao falar em guardar a tradição, eles não estavam para brincadeira.

No final dos anos 1970, um confronto entre a velha guarda e a nova geração culminaria com a fundação de uma nova escola de samba. Um dos idealizadores, Ademir Roque Filho, diz que foi por imposição

sua; mesmo assim, o nome escolhido para batizar a agremiação caiu como uma luva: Mocidade Independente.

O atual Brinca Quem Pode (ou seja, o terceiro da dinastia iniciada nos anos 1930 em Florianópolis) só teria sede definitivamente no final dos anos 1960, no Núcleo Residencial da Roseta, ou apenas Roseta. Seria também nessa época, por conta da lei nº 8/67, do dia 16 de maio de 1967, que o nome da comunidade passaria por alteração: os então núcleos residenciais Areal, Parque Industrial, Pera e Roseta, todos juntos, atenderiam somente pela imodesta designação de bairro Progresso. Claro, muita gente chiou com a troca de denominação. Há até os refratários convictos que insistem em dizer que são da Roseta. Progresso? Nem sabem onde fica.

Sem sede mas com muita sede de fazer carnaval, a turma do novo Brinca Quem Pode ensaiava onde podia. Como a maioria dos integrantes participasse da banda União dos Artistas, era natural que o primeiro quartel-general fosse em suas dependências à rua Voluntário João Firmiano, no centro da cidade (anos depois, seria transferida para perto dali, à rua Almirante Lamego).

– Nós ensaiava atrás da União, às vezes dentro da União. Nós fazia aquele ensaio ali, apertado mas nós fazia. Se eu não me engano, nos fundos tinha tipo de um terrenozinho, e nós ensaiava ali – relembra Bento João Antonio, o Bentinho da Mangueira, aos 78 anos.

Mas Bentinho era um estranho naquele reduto. Afinal, enquanto músico, sempre tocou trombone pela banda arquiinimiga da União dos Artistas: a Carlos Gomes. E o apelido – da Mangueira – não lhe foi dado à toa: nos anos 1950, ajudaria a fundar em Laguna, depois de uma dissidência dentro do próprio Brinca Quem Pode, a escola de samba Mangueira.

Houve até ensaio à luz de velas. Foi quando certa vez o grupo reuniu-se para esquentar os tamborins em uma garagem no centro da cidade. Era nada mais do que um quadrado cercado com parede apenas. Se nem mesmo tinha porta, seria pedir muito que o local fosse abastecido com eletricidade. O que, aliás, era luxo para quem já fez os ensaios e a concentração para o desfile em meio às obras de construção da casa de Bentinho da Mangueira no alto do morro do Hospital, onde termina a rua Osvaldo Aranha. Mas o lugar que de fato marcou os primeiros anos do

Brinca Quem Pode foi, sem dúvida, a antiga sede da União dos Artistas. Ali o grupo ensaiava e organizava-se para ganhar as ruas da cidade.

Nem se pode chamar de um autêntico desfile a estreia do bloco em 1947. Não havia a figura onipotente do carnavalesco, muito menos alas, carros alegóricos, enredo – como mais tarde o bloco teria de se apresentar na avenida, obedecendo a critérios estabelecidos por regulamentos. Foi apenas uma brincadeira, só um caso pensado para não se deixar o carnaval passar em branco (e que se tome como trocadilho também, afinal os negros estavam escandalosamente de fora da festa). Talvez nem houvesse uma multidão nas calçadas à espera da apresentação. É mais provável que o forrobodó fosse crescendo gradativamente por onde passasse, com a adesão de conhecidos e desconhecidos. A própria imprensa só tomaria conhecimento de sua existência dois anos depois, em 1949.

Tudo se resumia a uma batucada – que é a mãe das atuais baterias – e alguns crioulos esbaldando-se na ponta dos pés. Podia ser pouco, mas assim era o melhor da tradição do carnaval de rua: livre e espontâneo. Cantava-se o que desse na telha, principalmente as marchinhas e alguns sambas, que chegavam do Rio pelas ondas do rádio, discos e filmes. Eram composições que, entre 1930 e 1960, tomavam conta do país no decorrer do verão. Até que, a partir de 1970, as escolas de samba de lá dominaram o pedaço – e quase só dava samba-enredo nas paradas.

Para se ter uma ideia, em 1974 o Brinca Quem Pode, a despeito de ter se apresentado com a fantasia *Rei Netuno*, desfilou cantando o samba da carioca Mangueira daquele ano mesmo, cujo mote era o folclore brasileiro: *Mangueira em Tempo de Folclore*, composto por Jajá, Manuel e Preto Rico. Com o cuidado de trocar o último verso, “Eis a Mangueira com seu carnaval”, para “Nós mostramos nesse carnaval”, houve quem pensasse (até hoje, inclusive) que a música fosse da lavra do próprio Brinca Quem Pode.

Como era carnaval, o humor e o deboche não podiam ficar de fora. Tanto que, no primeiro ano, em 1947, o bloco recém-fundado decidiu sair à base do improviso simulando um casamento na roça. Só a partir do ano seguinte, em 1948, é que se começaria a matutar previamente com que fantasia o grupo desfilaria. O que não quer dizer que havia a preocupação em se contar um enredo por meio de indumentárias, alegorias e samba. Nada disso. Fantasiar-se era apenas condição *sine qua non* para sair da

rotina. Mesmo porque, em 1947, ninguém sonhava em se apresentar diante de uma comissão julgadora com poderes tais a ponto de decidir quem foi o melhor do carnaval.

Em 1948, a festa na rua ainda não havia engrenado. E o povo “só pôde divertir-se um pouco”, como registrou a crônica, a expensas do Xavante e “outros grupos de animados foliões”. O Brinca Quem Pode, que decidiu sair com a fantasia *Camisas Listradas*, devia estar dentro desse balaio também, conquanto permanecesse anônimo aos olhos dos jornais. Naquele ano, o carnaval tinha caído mais cedo – no dia 11 de fevereiro já era Quarta-feira de Cinzas (donde o Brinca Quem Pode fez aniversário em plena Quaresma). Talvez por isso mesmo, os “índios xavantinos” se anteciparam e, nas noites de 3 e 5 de fevereiro (terça e quinta-feira), resolveram invadir a cidade para batucar. Em vez de cacique ou pajé, à frente do zé-pereira quem monopolizava as atenções era um impagável Rei Momo interpretado por Jaime Pigozzi, marceneiro e famoso folião da Laguna daquela época.

O ano seguinte seria mais alvissareiro para o carnaval de rua. O jornal *O Albor* considerou “notável” o movimento de cordões que fizeram a festa do lado de fora dos clubes em 1949. E, pela primeira vez, Xavante e Brinca Quem Pode apareceram como os protagonistas entre esses blocos. Mas, para os componentes do Bola Preta, o Brinca Quem Pode, apresentando-se como *Malandros ao Luar*, não passou aquele ano de um mero coadjuvante.

Estes jovens representantes da elite lagunense atribuem para si a façanha de, com o Bola Preta em 1949, ter dado novo impulso ao carnaval de rua na cidade. Argumentam que, como a maioria deles nunca ouvira falar em pandeiro ou reco-reco, era preciso ter alguém que desse conta da batucada durante todo o cortejo. Quem eles acionaram? Não pensaram duas ou três vezes ao convidar alguns rapazes da, como diziam, “turma *colored*” de Laguna. Os quais não só teriam aceitado, como, no ano seguinte, decidiram andar com as próprias pernas – ou melhor, sambar. Em outras palavras, os integrantes do Bola Preta estavam referindo-se aos crioulos que, segundo eles, só *futuramente* criariam o Brinca Quem Pode. Mas a versão deles ignora que o mesmo já estava em atividade havia dois anos. Mesmo assim, de vez em quando um não deixava de socorrer o outro com o que lhe estivesse mais a mão.

Chegaria a ser tradição Xavante e Brinca Quem Pode “puxarem” o Bola Branca e o Preta em desfile pelas ruas ao redor do jardim Calheiros da Graça ou até os clubes. Só que era *até os clubes mesmo*. Da porta para dentro, você sabe, entravam apenas os sócios e seletos convidados. O acordo se dava mais ou menos nestes termos: o cordão dos ricos estipulava o horário, quase sempre depois da meia-noite, e a turma da rua, em troca de tecidos e lantejoulas para as fantasias, cuidava do que lhe cabia – batucar da sede desses blocos até a porta dos salões.

Como sempre aconteceu, em Laguna, Rio ou Paris, é claro que o mundo dourado da alta sociedade despertava fascínio nos menos abastados. Habitados desde sempre a se virar como desse, eles não poupavam esforços para descobrir de que forma se desenrolava aquele carnaval a portas fechadas e cheirando a talco. Havia os que espiassem por entre alguma fresta da entrada ou esticassem o pescoço tentando bisbilhotar pela janela mesmo. No caso do clube Congresso, os mais malandros dispunham de uma visão relativamente privilegiada.

É que, até início dos anos 1970, havia do outro lado da rua, na esquina entre Conselheiro Jerônimo Coelho e Voluntário Carpes, uma casa que era considerada a mais bela da cidade – e era em seu muro de pedra que os barrados no baile, segurando no gradil de ferro, empoleiravam-se para espiar a festa. Construído em cantaria, o prédio de paredes brancas exibia na fachada seis janelas em estilo ogival: três de cada lado da porta de entrada, à qual se chegava subindo uma pequena escada. Das cinco janelas laterais, revelava-se nada menos que o jardim Calheiros da Graça, na Conselheiro – tido, por um bom tempo, como o espaço mais bonito de Laguna. Até que a frieza e o descaso decidiram assassinar o bom gosto: puseram a mansão abaixo, para dar lugar a uma agência bancária, cinzenta e minimalista.

A beleza do prédio no centro da cidade devia ser consenso. O mesmo não se pode dizer da relação dos blocos de rua com o Bola Branca e o Bola Preta. Afinal, quem era parceiro de quem?

Bentinho da Mangueira, que participou dos primeiros anos do Brinca Quem Pode, afirma:

– Nós era Bola Preta. Tudo que era do Brinca Quem Pode era Bola Preta, com certeza. O Xavante é que puxava o Bola Branca.

Antonio Paulo Bento, conhecido como Bugre, que entrou no

Brinca Quem Pode em 1947 ou 1948 e seria três vezes presidente da escola nos anos 1980, garante com a mesma convicção:

– O Brinca Quem Pode toda a vida puxou o Bola Branca. Toda a vida o Bola Branca.

Para firmar posição, Bentinho diz mais:

– Eu acredito que nós era Bola Preta. Eu dizia mesmo que o Bola Branca era tudo veado! Ninguém cantava, não sabia cantar. Já o Bola Preta não. Eles cantavam. Não me lembro do Brinca puxando o Bola Branca.

O historiador Antonio Carlos Marega prefere contemporizar, e sua versão complementa de certa forma o que Bentinho e Bugre defendem. Para ele, o Brinca Quem Pode fez sim, de início, a batucada para os brancos do Bola Preta:

– Houve um desencontro no meio do caminho, e o Brinca começou a puxar o Bola Branca. E o Xavante, o Bola Preta.

Pelo menos essa configuração é a que está até hoje na memória da maioria dos foliões. Para quem o Brinca Quem Pode, antes de ser convertido em escola de samba, era considerado tanto bloco quanto cordão carnavalesco. Como se um fosse sinônimo do outro. Pode ser que em Laguna as coisas se deram assim, mas no Rio de Janeiro, cujo carnaval é referência para todo o país, cada qual teve o seu devido lugar.

Em meados do século XIX, o Rio era uma cidade que se pretendia europeia. Desde 1808, mantinha a salvo dos desmandos de Napoleão Bonaparte a corte lusitana, incluídos Dom João VI e sua mãe, a rainha Maria, a Louca, e era o centro da elite brasileira – a quem carnaval bom eram aqueles luxuosos de Nice e Veneza. Para não morrer de inveja, resolveu-se fazer aqui nos trópicos bailes a fantasia como os de lá, embalados até com as músicas em voga naquele momento na Europa: polcas, quadrilhas e valsas. Mas, como fosse Brasil, do lado de fora o povo se acabava no entrudo, que resistiria até o começo do século XX, quando o então prefeito Pereira Passos literalmente botou abaixo boa parte da velha cidade colonial e tentou fazer do Rio uma improvável réplica de Paris.

Enquanto isso, fervia o caldo apimentado que mais tarde redundaria nas escolas de samba. Se de um lado havia o carnaval fino e opulento dos brancos, do outro vicejava o carnaval dos negros escravos ou libertos. Eles se organizavam em grupos chamados cordões e não precisavam mais do que standartes, fantasias, máscaras e tambores para fazer a festa. Só não

era de bom alvitre que dois grupos inimigos se esbarrassem: do encontro, eram detonadas brigas que sobravam até para a polícia.

Anos depois, a violência foi-se arrefecendo, e os cordões transformaram-se em blocos. Aos poucos, foram trocando os socos e pontas-pé pelo escracho e, de mansinho, continuam vivos até hoje – talvez mais do que nunca. Mas, nesse meio-tempo, no final do século XIX, os cordões ainda haviam experimentado a fase de ranchos. Mais pacíficos, seus desfiles tentavam reproduzir em trajes e coreografias os cortejos de tribos africanas. E, ainda que timidamente, começaram a fazer na música e na rua o que até então só acontecia às escondidas: a mistura entre negros e brancos, antes restrita à volúpia dos senhores caídos pela sensualidade das negras mais fornidas.

Com os ranchos, mulatos e brancos pobres, inclusive mulheres, foram se chegando, e a batucada rudimentar ganhou o tempero de coros e instrumentos considerados eruditos, de cordas e sopro. O mesmo, com uma ou outra diferença, aconteceria com o Brinca Quem Pode. O qual seria, na verdade, um compósito daqueles três formatos – cordão, rancho e bloco. Da fusão, os instrumentos de sopro à frente da batucada foram os elementos mais marcantes. Tanto que até hoje ecoam na lembrança de muita gente as performances de Paulo Tibúrcio dos Reis ao pistom. Para sempre, Paulinho Baeta.

# 4

## EU SOU O BRINCA QUEM PODE



*1963: Baeta (5º, a partir da esq.) e os colegas da banda Kasbah*

**EM 17** de fevereiro de 1947, Paulinho Baeta festejou a fundação do bloco Brinca Quem Pode. Exatamente dez anos antes, ele chorara a morte do irmão Oswaldo Tibúrcio dos Reis.

Dos cinco filhos – todos homens – do casal Luiz Tibúrcio dos Reis e Emília Venina dos Reis, Oswaldo era o que mais esbanjava saúde. Até que o destino, em sua suprema ironia, deu-lhe uma rasteira em todo o seu vigor e decidiu interromper-lhe a vida precocemente – aos 25 anos. Como causa da morte, a nota do jornal da época apenas informa que o falecimento deu-se “após longa enfermidade”. O motivo de fato, conforme atestado de óbito firmado pelo médico Paulo Carneiro, que mais tarde seria eleito duas vezes prefeito de Laguna, foi a então temida tuberculose pulmonar (nesse período, o diagnóstico da doença era praticamente uma pena capital).

A morte não daria trégua à vida do então jovem Paulinho Baeta. Tinha apenas 17 anos quando sua mãe, Emília, conhecida como Emília Baeta, morreu repentinamente no dia 31 de outubro de 1939: tombou vítima de aortite luética e síncope cardíaca, aos 58 anos (em outros termos, o diagnóstico significa inflamação da artéria aorta, provocada por sífilis, e desmaios súbitos, como consequência). O falecimento foi inclusive notícia no jornal *O Albor* do dia 4 de novembro daquele ano, um sábado. Além de nota de oito linhas, Emília Baeta ganhou ainda uma crônica de quase meia página. A homenagem já inicia enfática: “Morreu Emília Baeta!”. Em seguida, diz que ela herdou o apelido – Baeta – do marido e era uma mulher popularíssima na cidade. “Uma preta honesta. Preocupava-se somente com uma coisa. O trabalho.” Era alegre e brincalhona, como se a vida lhe fosse extremamente leve. O que não impediu o redator de afirmar, no calor da emoção, que Emília morreu “para fugir aos tormentos de uma vida tão sacrificada”.

Não dá para dizer que era de todo miserável: ganhava a vida e a dos filhos lavando roupas para as famílias ricas da cidade. Fazia sol ou chuva, cruzava as ruas com trouxas sobre a cabeça ou as costas e galgava o Sinhá Nália, próximo à Fonte da Carioca, até alcançar o cume do morro. Lá, embrenhava-se por uma senda no matagal à esquerda e descia, com trouxa e tudo, um caminho de cerca de 60 metros de extensão. Ao fim do trajeto, deparava-se com uma cascata. Pelo leito da queda-d’água, havia três represas em forma de bacia, feitas de pedra. As duas últimas – contando-se de cima para baixo – serviam de tanques onde as lavadeiras ensaboavam as roupas, que eram, em seguida, chicoteadas contra as pedras para que se eliminasse o sabão. O serviço era arrematado com uma última lavagem no primeiro tanque, que recebia a água no seu estado mais puro. E, ali mesmo, as peças eram estendidas ao sol.

Emília era apaixonada por cinema e pela banda União dos Artistas – por quem, ao ver passar, como diz a crônica de *O Albor*, seu “coração parecia querer saltar-lhe pela boca, todo alegria, todo contentamento”. Não por acaso, os seus cinco filhos tornaram-se músicos de lá, além do próprio marido. Um deles foi mais adiante.

Nascido em 5 de junho de 1918, Antonio dos Reis entrou na banda em 1936, aos 18 anos, não sem antes ter passado por um teste. O primeiro instrumento que lhe caiu nas mãos foi a trompa, mas, em pouco

tempo, já dominava bombardino, contrabaixo, saxofone e trombone de vara.

O talento musical de Cacique, como era conhecido desde criança por ser o chefe da turma nas brincadeiras de índio, tornou-se unanimidade. Do que deu provas quando ainda não passava de um jovem inexperiente, mas com a vantagem de ser observador. Diante dos colegas, pegou o trombone de vara, sem nunca o ter tangido, e um mais sacana desafiou o seu virtuosismo:

– Duvido tu tocar isto!

Cacique não se intimidou e seguiu a intuição. Entre os que o cercavam, perplexos, estava o médico e prefeito Paulo Carneiro.

– Este Cacique é um espanto! – disse Carneiro, aos aplausos.

Com o afastamento do então mestre da União dos Artistas, Agenor Bessa, por cansaço e pela idade avançada, a banda por pouco não parou as atividades. Preocupados, os músicos reuniram-se e, quase por ordem natural, decidiram que Cacique deveria assumir a vaga. O qual não somente aceitou, como ficou à frente do grupo de 1967 a 2003 – e, ainda nos primeiros anos, impôs algumas novidades, como a admissão de crianças e mulheres.

Mas a vida de Cacique não era apenas a União dos Artistas. Desdobrou-se também em conjuntos musicais, como os extintos Jazz Municipal e Kasbah, e participou da orquestra do coral Santo Antônio dos Anjos. Inclusive algumas canções da lavra de lagunenses foram vertidas para a partitura graças ao trabalho dele. Claro que apenas o talento não bastava. Cacique gostava de estudar os clássicos da música, e, entre os que costumava ouvir sempre, estavam compositores do calibre de Johann Sebastian Bach e Johannes Brahms.

Quando Emília morreu em 1939, o caçula Paulinho Baeta (quase entrando na vida adulta) e os irmãos – Antenor, Antonio Cacique e Manoel – ficaram completamente órfãos: sem pai nem mãe. O patriarca da família, Luiz Tibúrcio dos Reis, morrera na manhã do dia 3 de abril de 1933 “após demorada enfermidade”, com 53 anos. Sobre a causa da morte, a certidão de óbito apenas informa que ela “deu-se sem assistência médica”. Pelo relato do jornal daquela semana, deduz-se que tenha sido por tuberculose, como aconteceria com seu filho Oswaldo quase quatro anos depois.

O corpo foi enterrado no final da tarde daquele mesmo 3 de abril, com a presença de grande número de pessoas. Por ter sido músico, a cerimônia contou com o acompanhamento das bandas Carlos Gomes e União dos Artistas, que executaram algumas marchas fúnebres em homenagem ao colega. Funcionário da prefeitura de Laguna, Luiz trabalhou na função de zelador da Fonte da Carioca, no centro da cidade. Ali, fora construído um pequeno rancho em que guardava as ferramentas e uma cama onde descansava – isso quando os amigos, que sempre o visitavam para as conversas à toa, permitiam.

Luiz Tibúrcio dos Reis carregou para sempre o apelido Luiz Baeta, de tal forma que também se incorporou ao nome da mulher (Emília Baeta) e dos filhos. Mas foi com o caçula, Paulinho, que Baeta ficou para a posteridade. Hoje em Laguna, qualquer um que queira se referir aos seus filhos e netos os define assim: a família Baeta.

Para explicar a origem do apelido, existem duas versões. A primeira – mais difundida – não se sustenta tanto. Com cinco filhos para criar, todos meninos, irrequietos e vivendo em um morro, a matriarca da família, Emília, não teria hesitado quando decidiu fazer as roupas dos pequenos com baeta, um tecido grosso e resistente às aventuras infantis. Daí a fama dos meninos do morro do Rosário. Mas tal hipótese não se sustenta porque o apelido vem de antes, foi herdado do pai, Luiz.

A outra corrente é praticamente desconhecida das novas gerações, porém, mais convincente. Certo dia, o corpo de uma negra foi encontrado boiando na lagoa Santo Antônio dos Anjos. Não se sabe com exatidão o local, nem se ela teria ou cometido suicídio ou caído acidentalmente nas águas. A mulher vestia uma saia vermelha. E o tecido? Baeta. A notícia se espalhou rapidamente, como sói em toda cidade pequena – ainda mais pela sua carga dramática. Tempos depois, descobriu-se que a negra tinha algum grau de parentesco com Luiz (talvez fosse sobrinha). Sempre que alguém desenterrava a história, comentava nestes termos:

– A mulher de baeta, parente do Luiz...

Ou, quando se falava de Luiz Tibúrcio dos Reis:

– O Luiz, parente daquela baeta. O Luiz Baeta!

Pois foi assim, em uma família fadada à popularidade e à música, que Paulo Tibúrcio dos Reis, o caçula Paulinho Baeta, veio ao mundo. Era o dia 27 de junho de 1922. Ao contrário do que se pensa, não morou

muito tempo no morro do Rosário. Ainda em criança, desceu a ladeira juntamente com a família e mudou-se para outro endereço, a cerca de 200 metros dali. A nova casa ficava na então rua das Cozinhas (hoje Pinto Bandeira, situada aos fundos do Museu Anita Garibaldi). Pode-se afirmar isso porque, durante a infância, Lourival Fernandes de Oliveira, agora com 88 anos, portanto nascido em 1924, morou próximo dos Baetas – dos quais Antonio foi seu melhor amigo. E desde pequeno, Paulinho já levava a vida alegremente e sobressaía-se, entre a sua turma, pela mira infalível nas brincadeiras com funda.

A casa na rua das Cozinhas teria sido, antes da ida dos Baetas para lá, uma zona de prostituição. Depois de ter posto muito fogo ali, nas Cozinhas, decidiu-se mudar de endereço. O novo local onde as prostitutas viveriam a difícil vida fácil foi uma casa de palafita sobre a lagoa Santo Antônio, no bairro Areal, aos fundos de onde agora está erguida a rodoviária de Laguna. O prédio, na rua das Cozinhas, tinha um único andar e sua construção era simples, de modo que não dispunha nem de platibanda. Apesar de ser em estilo tosco, era extenso: coerentemente, estava de frente para a rua das Cozinhas e terminava na rua do Fogo (hoje, rua Voluntário João Firmiano). Lá dentro, nessas condições – bem, suas dependências no mínimo ferviam.

Sem a prostituição, a casa ficou fechada por algum tempo. Até que um comerciante bom de tato para os negócios decidiu reformá-la e ali montar um bar. Ao lado, exatamente na esquina, já havia uma venda. E Luiz Baeta, às favas com os escrúpulos, pegou também para si parte do ex-bordel e nela fez a nova casa de sua família.

Quando chegaram os 18 anos, no início da década de 1940, Paulinho Baeta viu-se obrigado a se alistar. Deixou Laguna e mudou-se para Blumenau, onde ingressou no 32º Batalhão de Caçadores, do Exército (agora, 23º Batalhão de Infantaria). Em vez das armas e granadas, envolveu-se, como não poderia de ser, com a música. Sim, até na carreira militar eram as notas e os acordes que o fascinavam – daí que, enquanto serviu à pátria, chegando ao posto de cabo, sempre ocupou a função de corneteiro. Se fosse da vida na caserna que realmente gostasse, Baeta não teria entrado em momento mais oportuno.

Em 1939, havia eclodido a Segunda Guerra Mundial na Europa e, quatro anos depois, em agosto de 1943, o governo brasileiro criara a Força

Expedicionária Brasileira (FEB) – que consistia em levas de soldados, os pracinhas da FEB, para lutar na Itália, a partir de julho de 1944, contra as forças fascistas, representadas pelos países do Eixo: Alemanha, Itália e Japão. Na verdade, o Brasil declarara guerra à Alemanha desde 1942, depois que cinco navios mercantes nacionais foram torpedeados por submarinos alemães na costa brasileira, matando 652 pessoas.

O que incomodava o governo alemão era o fato de o regime de Getúlio Vargas ter declarado apoio aos países aliados a partir de 1941. Até então, França, Reino Unido e URSS já estavam em campo de batalha. Foi quando os japoneses bombardearam a base naval de Pearl Harbor, no Havaí, e praticamente forçaram a entrada dos Estados Unidos na guerra – com a ajuda brasileira. Além do envio das tropas da FEB em 1944, o Brasil ainda deu carta branca aos norte-americanos: permitiu que usassem as nossas bases militares em Belém, Natal, Salvador e Recife. Ao todo, 25 mil pracinhas desembarcaram na Itália – dos quais, cerca de 450 tombaram em combate (entre eles, estava um lagunense, o soldado Clito Antônio Araújo).

Baeta também poderia ter estado entre os homens da FEB – só não foi por um detalhe. Quando correu pelo quartel a notícia de que alguns soldados seriam enviados para o *front* na Europa conflagrada, imediatamente passou os olhos na lista dos convocados, e lá estava o seu nome: Paulo Tibúrcio dos Reis. Mas àquela altura, deixar o país e arriscar a vida numa guerra, sem saber em que condições voltaria, era impossível. Afinal, em Laguna havia ficado sua namorada, Adelina da Silva (os dois se casariam em 1946). E o sonho de construir a casa? Os filhos? Desarvorado, foi até os superiores e pediu para ser dispensado. Mas a resposta foi não, com a justificativa de que ele era o único corneteiro do quartel. Não havia ninguém para substituí-lo.

Até que alguém acenou com uma condição. Se naqueles poucos dias que os separavam do embarque ele conseguisse ensinar outro soldado a tocar pistom, tudo bem. Estaria dispensado e livre para voltar a Laguna. Logrou convencer um colega, e, depois de aulas diárias, a façanha – o corpo de soldados agora podia contar com um novo corneteiro. Baeta não pensou duas vezes, nem hesitou diante do fantasma do patriotismo: pediu baixa logo em seguida.

De volta a Laguna, foi morar onde então se chamava morro

do Pirata, à rua do Valo – que oficialmente leva o nome de rua João Henrique –, no bairro Magalhães. Ali, dividiu a casa com o irmão Manoel (Manequinha), a mulher deste e as duas filhas do casal – Glória e Maria Luísa. Nessa época, em 1944, Baeta completou 22 anos de idade e já estava órfão de pai e mãe.

Para ajudar nas finanças, conseguiu se empregar como motorista de praça (equivale hoje a taxista) dirigindo um Ford, pertencente a Ataliba Azevedo, a quem mais tarde convidaria para batizar um de seus filhos, João André dos Reis. Enquanto isso, sua namorada Adelina, cujos pais moravam em Imaruí, ganhava a vida como empregada doméstica na casa dos Bacha (família tradicional no ramo da fotografia em Laguna), à rua Raulino Horn. Ela trabalhava e morava com os patrões – tanto que, no dia do casamento, foi dali que saiu para a Igreja Matriz.

Paulinho Baeta e Adelina casaram-se jovens. Na verdade, ela mais nova ainda. Quando a cerimônia ocorreu, no dia 18 de dezembro de 1946, a noiva tinha apenas 17 anos – só completaria os 18 em janeiro, no dia 11. O noivo, por sua vez, quem sabe já se sentisse um homem de fato, aos 24 anos. Encerrados os ritos na igreja, o casal não iria ainda para a casa nova, só deles: ficariam no morro do Pirata até começo de 1954. E não tardou para que o primeiro filho viesse.

José Luís nasceu em 1949, magro e resistente a tudo que lhe faziam para engordar. Desconhece-se o motivo, mas, ainda cedo, em 1950, o menino morreu – aos sete meses e mais mirrado do que quando veio ao mundo. Para Adelina e as amigas, a explicação era sobrenatural. Corria entre os moradores da região do morro que uma das vizinhas era bruxa. Esta seria imperdoável com os primogênitos dos casais da redondeza, que, ao serem dados à luz, recebiam de quebra a praga da feiticeira. E Zé Luís teria sido mais uma vítima, outra criança a morrer de “bruxedo”, como então se afirmava.

– A mãe dizia que a bruxa sugou todo o sangue (de Zé Luís) – recorda uma das filhas do casal, Janice dos Reis.

Sem filho, Adelina assumiu a criação de uma das sobrinhas que havia ficado órfã em Imaruí. Anos depois, em 1951, ela engravidaria novamente, então sem o perigo de sortilégio: foi quando, em 30 de novembro, nasceu João André dos Reis. Mas era só o começo da prole. Em 16 de julho de 1953, a esposa de Baeta estava entrando em trabalho

de parto mais uma vez. Era a terceira gestação. O que, mesmo assim, não tirava o sabor da novidade – entre os filhos biológicos, o bebê era a primeira menina do casal: Janice dos Reis.

Agora, Baeta não trabalhava mais como taxista. Ganhara uma vaga de motorista de caminhão na secretaria de Obras de Laguna, por ordens do então prefeito Paulo Carneiro. Quando Janice completou oito meses, novamente o prefeito ofereceu ajuda aos Baeta. Foi por doação dele que, em março de 1954, Paulinho, Adelina e os três filhos puderam instalar-se em uma casa de madeira na quase deserta Roseta (em 1978, esta casa seria derrubada para dar lugar à outra, também de madeira). Até então, o núcleo residencial compreendia as atuais ruas Comandante Moreira, onde a família passou a viver, e Coronel Fernandes Martins (o que é um pouco irônico: afinal, Baeta pedira baixa do Exército e, no bairro onde morou até a morte, os dois principais endereços levam nomes de militares). O mais, ao norte, eram cômodos de areia, por onde, aliás, ainda passavam os trilhos da Estrada de Ferro Dona Teresa Cristina. Estes vinham da bifurcação de Barbacena, seguiam pela atual Leoberto Leal, que não era mais do que um banhado coberto de tiririca, para guiar à esquerda em direção à estação de Campo de Fora.

Como somente em 1954 Paulinho Baeta foi para a Roseta – atual reduto da Brinca Quem Pode –, o então bloco manteve, até 1953, o seu quartel-general em território inimigo. Mesmo que o ponto de encontro fosse aquela antiga sede da União dos Artistas, era do Magalhães – sob risco de serem fuzilados pelos rivais do Xavante – que os principais nomes do grupo saíam fantasiados para fazer o carnaval no centro da cidade: o próprio Paulinho com os seus irmãos Cacique e Maneca. Foi ainda nessa época que ele teve uma curta carreira de jogador de futebol. No final dos anos 1940, dividiu os gramados com o ex-radialista João Manoel Vicente pelo Barriga Verde Futebol Clube (time lagunense fundado em 1930):

– Não me lembro bem, mas o Baeta devia ser meio-campo – conta João Manoel Vicente.

E foi no próprio Barriga Verde que os dois viram despontar Mengálvio Figueiró – bicampeão mundial com a seleção brasileira no Chile, em 1962, e meio-campo do Santos no mesmo time de Pelé. Era uma época em que futebol ainda não rendia cifras milionárias nas burras dos jogadores. No caso do futebol lagunense, a recompensa era relativa:

– Alguns ganhavam dinheiro, outros, emprego na prefeitura, estrada de ferro. Os bagrinhos não ganhavam nada – afirma Vicente, que se incluía nos bagrinhos, isto é, aqueles que não teriam muito futuro nos campos de futebol.

Baeta ainda teve passagem pelo Humaitá Futebol Clube. Criado em Laguna no início dos anos 1930, era como se fosse um time da segunda divisão, sem o mesmo nome e apelo do Barriga Verde. Tanto que quase ninguém sabe da passagem dele pela equipe, a não ser por uma foto de 1950 em que aparece com os demais jogadores do time naquela pose clássica antes do início do jogo – metade do plantel de pé; a outra, agachada. Foi assim até que entrou para o funcionalismo público e ali fundou o Prefeitura Futebol Clube.

Era um time formado quase exclusivamente pelos próprios colegas de trabalho (como o nome sugere) e que disputava as partidas aos fins de semana. Baeta não só transportava os jogadores para os campos – em um caminhão da própria prefeitura – como também cuidava dos uniformes e escalava a equipe. Em pouco tempo, já estava galgado à função de treinador (hoje seria técnico, ou professor, como insistem os esportistas profissionais). O que se repetiria nos anos 1970, quando criou no futsal o Ai de Ti



*Nos gramados: acima, Baeta (5º em pé, a partir da esq.) como jogador do Humaitá em 1950; à esq., como chefe do Prefeitura (último, a partir da esq.) em 1961*

Futebol Clube, cujo plantel só tinha lugar para mulheres, entre as quais duas filhas dele. E elas deixavam o treinador Baeta louco: desafiando o perigo de algum acidente, não abriam mão de jogar com anéis e brincos. Mas a vaidade era mandada às favas nas vezes em que precisavam ir para as partidas em cima da caçamba do caminhão cedido pela secretaria de Obras – como faziam anteriormente os jogadores do Prefeitura Futebol Clube. (Daí que, nos anos 1990, o próprio seria homenageado, com a fundação do time Baeta Futebol Lazer, hoje inativo.)

Em 1937, Baeta perdera o irmão Oswaldo por causa da tuberculose. Quatro anos antes, em 1933, o pai morrera possivelmente também em consequência da mesma doença. Por volta de 1963, esse temido fantasma assombrou, mais uma vez, a sua vida. Porém, agora, seria ele a própria vítima. Ao ser informado que contraíra nos pulmões o bacilo de Koch, teve de ser internado no Hospital de Caridade, em Florianópolis. Durante os quase seis meses em que esteve lá, não pôde ser visitado por nenhum dos filhos, apenas lhe foi permitido receber a esposa, esporadicamente. Em casa, a situação financeira não complicou tanto porque Baeta continuou recebendo os vencimentos da prefeitura, e Adelina ajudava no orçamento costurando roupas para fora.

Quando recebeu alta, os cuidados em Laguna não foram menores. Baeta foi obrigado a um quase isolamento no quarto, os filhos mal podiam chegar perto. Todos os objetos usados por ele – louças, talheres, roupas – eram separados dos demais e lavados com água fervente. Havia o medo generalizado de que principalmente as crianças da família fossem contaminadas com o bacilo causador da tuberculose. Mas, totalmente curado, ele pôde enfim retornar à vida normal e se dedicar mais efetivamente a uma das suas paixões – a música.

Os anos 1960 viveram a febre da Jovem Guarda. Em Laguna, clubes como Anita Garibaldi, Atlântico e 3 de Maio não perderam o bonde e resolveram capitalizar: passaram a contratar para os seus bailes os conjuntos que tinham no repertório o iê-iê-iê de Roberto Carlos, Erasmo Carlos, Wanderléa e companhia. Entre os quais, estava o grupo Kasbah – e foi nele que Paulinho Baeta deu provas de versatilidade. Em vez do pistom, que fez a sua fama como músico, preferiu tocar bateria. Eram bailes que começavam por volta das 22 horas, quando então só se cantavam os sucessos do momento. Mas entre um *Calhambeque* e *Festa*

*de Arromba*, os músicos podiam atacar um foxtrote, mambo ou rumba. Até que, às duas da manhã, eles paravam 15 minutos para descansar e, no lugar de aproveitar o fôlego recobrado para continuar com ritmos mais agitados, voltavam com uma sequência de baladas sentimentais, como bolero ou samba-canção. Com a simples explicação: a essa altura, a maioria dos convivas já estava mais alta e, tendo ainda uma trilha sonora a favor, ficava fácil tirar alguém para dançar.

Em meados dos anos 1970, o Kasbah entraria em declínio. Os integrantes foram desistindo da noite ou migraram para outras bandas – até que acabou definitivamente. Alguns deles, como Baeta e o *crooner* Atanázio Silveira, iriam se encontrar no Conjunto de Ritmos Capri. O qual nasceu meio que por acaso. Foi quando uns músicos da cidade receberam o convite para tocar em um baile na sede da União Operária. Eles aceitaram a proposta, reuniram-se para ensaiar as canções e fizeram o combinado, mesmo que aquela formação fosse apenas provisória e os instrumentos elétricos pertencessem ao colega Santos Olívio Silva (mais conhecido como Santo Camilo). A festa ia à maravilha, com tudo ocorrendo dentro do previsto. À uma hora da manhã, o responsável pelo baile chegou ao grupo e avisou:

– Vocês toquem o bis, que depois tem um frango assado.

Santos recebeu aquilo como heresia. Para ele, o conjunto improvisado deveria tocar apenas o que fora acertado, nem um minuto a mais. Mas foi voto vencido. De súbito, pegou os seus instrumentos, inclusive o amplificador, e mandou-se embora – tão irritado que nem ao menos ficou para experimentar o jantar. Com os músicos, ficaram apenas a bateria, o cavaquinho e o pistom. Entre os integrantes do grupo, estava o baixista Vitor Sousa:

– Por causa de um soldado, a guerra não se acaba.

E, de fato, não se acabou.

O baile continuou, sem os instrumentos elétricos, e fez-se o combinado, inclusive o bis.

Os músicos gostaram da ideia. No caminho de volta para a Roseta, já alta madrugada, eles, cevados de frango assado, resolveram continuar com o grupo. Vitor Sousa ganhou de presente um amplificador, a que apelidaram de Pelé, mas imediatamente substituído por outro mais potente. Nas primeiras reuniões para dar forma à brincadeira, alguém

sugeriu que a batizassem de Capri, por causa da ilha italiana homônima. Eles avaliaram a proposta, concluíram que seria uma boa e assim ficou: Conjunto de Ritmos Capri.

Os ensaios começaram na pequena casa de madeira (hoje trocada por outra, maior, também de madeira) de Vitor Sousa, na Roseta. Até que Baeta propôs que ensaiassem na casa dele, por ser relativamente mais espaçosa. Mas lá os ensaios eram frequentemente perturbados pelo então infante Joel, o segundo filho mais novo dos Baeta – que perambulava completamente nu pelo espaço reservado aos ensaios. Se não bastasse, ainda se divertia dando verdadeiras pancadas na bateria do conjunto. Até que Paulinho impunha-se em sua autoridade de pai:

– Vai botar uma roupa, seu nego sem-vergonha!

Entre os músicos, Atanázio Silveira contava com a vantagem de, desde julho de 1957, ser um dos locutores da rádio Garibaldi, de Laguna – o que lhe permitia estar sempre por dentro dos sucessos do momento e concedia o privilégio de, ao lado do decano Baeta, definir o repertório.

– Eu me obrigava a toda semana ou a cada quinze dias tocar duas músicas novas, as que estavam na moda – garante Atanázio, hoje um famoso barbeiro no centro da cidade.

À exceção de segunda-feira, o grupo ensaiava – na cozinha da casa de Paulinho Baeta – nas noites de terça a sexta-feira, quando nesse dia não houvesse baile, pois, do contrário, passavam-se as músicas durante a tarde. Tanto ensaio não era à toa: o repertório era formado por, no mínimo, 300 canções. E eles deviam ter fôlego, pois, nos melhores dias, apresentavam-se de sexta-feira a domingo, para embolsar um cachê diário de cerca de 150 cruzeiros. Tocavam inclusive no carnaval, em clubes como Anita e 3 de Maio – Blondin e Congresso não faziam parte da lista porque preferiam contratar as bandas Carlos Gomes e União dos Artistas. Nessas ocasiões, claro, abandonavam os boleros e sambas-canções para atacar só marchinhas. E Baeta se dividia entre a rua e o salão: só ia para o baile depois de ter desfilado com o seu Brinca Quem Pode ou então ficava com o grupo até a hora da apresentação do bloco. O mesmo acontecia com o conjunto – houve carnaval em que ele teve de ser repartido para atender dois clubes simultaneamente.

Em tempos áureos, o número de músicas chegou a 600, que eram trazidas para os encontros às terças-feiras. Atanázio chegava com as

novidades na ponta da língua, cantava umas duas vezes para os colegas, que ouviam a gravação mais duas vezes para, de ouvido, tiraram o tom, e somente então ensaiarem. E Baeta, de sacanagem, gostava de desafiar os *crooners*:

– Ele tinha uma força naquela garganta! – lembra Atanázio. – No pistom, às vezes tocava notas altas, sol bemol, sol maior, mi menor, pra ver se os cantores alcançavam.

Entre os músicos que faziam a cabeça de Baeta, figuravam Burt Bacharach, Henry Mancini e Paul Mauriat. Mas havia também os brasileiros, como Altamar Dutra, Pery Ribeiro e o ídolo – Nelson Gonçalves. Com o que não espanta o fato de, na lista das canções que não podiam faltar no repertório, terem lugar cativo as dores de cotovelo *Interesseira*, *Maria Elena*, *Relógio* e *Teu nome*. Outra inevitável, mesmo consagrada como marchinha de carnaval, era *Está Chegando a Hora* – que também era a senha para os filhos do músico. Enquanto os ensaios faziam a cozinha da casa ferver, os olhinhos das crianças brilhavam diante da fileira formada pelas bicicletas dos integrantes do Capri, encostadas à parede. Como fossem financeiramente tempos duros, aquela era das poucas oportunidades para brincarem sobre duas rodas – nenhuma delas tinha bicicleta. Até que chegavam aos seus ouvidos os versos “Ai, ai, ai, ai, tá chegando a hora/ O dia já vem raiando, meu bem...”. Pronto, era a última música do repertório – e o sinal para irem embora, de volta para a casa.

Certa vez, o Capri conseguiu um contrato para tocar em um baile em Imbituba. Carmindo, o acordeonista do grupo, foi quem havia conseguido o contrato – portanto, era sobre ele que recaía toda a responsabilidade pela apresentação. De Laguna até lá, são apenas cerca de 30 km, mesmo assim era preciso que os músicos se organizassem cedo e chegassem a tempo de preparar a aparelhagem no clube. Grupo todo reunido, só faltava Baeta, que não chegara à hora combinada. Preocupados, Vitor e Carmindo decidiram ir até a casa dele. Ao chegar, a primeira pessoa que encontraram foi Adelina.

– Dona Adelina, o Baeta?

– Não, aqui ele não tá. Ainda nem veio da prefeitura pra almoçar.

Os dois se olharam e não tiveram dúvida. Como Baeta gostasse de prolongar o expediente no bar, entre goles de cachaça e cerveja, julgaram



*União dos Artistas: com os colegas da banda, Baeta (o 4º, a partir da esq.) exhibe o pistom em foto para o Natal de 1976*



*Baeta (no meio) e o inseparável pistom, no auditório da rádio Difusora*

que fosse pule de dez encontrá-lo em algum dos botecos da cidade. Pois saíam de um, entravam em outro – e nada. Foi quando se lembraram do bar do Paulinho, próximo à então secretaria de Obras, no bairro de Campo de Fora.

– Mas lá ele não vai tar – ponderou Carmindo.

– Vamos lá, não custa – argumentou Vitor.

Afitos com o sumiço do pistonista e o horário apertado, dirigiram-se para o bar. Era como a última esperança. Com o renome do Capri em jogo, aquele dia era de sorte para eles. Ainda na calçada, veio o alívio, trazido pela inconfundível gargalhada longa e ruidosa do próprio Baeta. Mas nem tudo estava resolvido. Ao cruzar a porta, Vitor e Carmindo, bufando, não podia acreditar no que viam: Baeta e o farmacêutico Cid Costa, gerente da farmácia Santo Antônio, displicentemente disputando uma partida de *snooker* (algo parecido com a nossa sinuca), e o pior – embriagados.

– Que trabalho bonito tu me faz, hein? Sabe que a gente vai tocar e ainda bebe desse jeito? – explodiu Carmindo.

Cid Costa, mesmo não tendo muito a ver com a situação, resolveu intrometer-se:

– Daqui ele não sai! Ele foi contratado por mim, vai fazer seresta comigo à noite toda.

Para o bem de todos ali, os músicos não tinham tempo a perder com bate-boca. Imediatamente, chamaram o carro que iria levá-los a Imbituba. Carmindo, como a um saco de farinha, pegou Baeta, colocou-o sobre as próprias costas e o jogou para dentro do veículo. Se não bastasse o desplante, ainda arrematou para o farmacêutico:

– Se quiser fazer serenata, faz sozinho!

Deram meia-volta e foram até a casa de Baeta, onde o apresentaram, naquelas condições, a Adelina.

– A senhora dá um almocinho pra ele, assim ele se recupera.

– Almoço coisa nenhuma.

Espumando de raiva, Adelina virou-se para o trôpego Baeta e ordenou:

– Vai lá pra dentro, anda! Vai pra baixo do chuveiro!

Quando chegaram a Imbituba, Baeta ainda estava bêbado, mesmo que não tanto como antes. Os colegas o sentaram em um banco para

que pudesse tocar o pistom. Mas durante todo o baile, vez por outra ele ameaçava cair para os lados. Algum dos músicos, como quem não quer nada, ia lá e o punha novamente em prumo. Por toda a apresentação, a tensão foi grande. Não só pelo medo de que Baeta tombasse no palco, protagonizando uma cena tragicômica, mas que emitisse alguma nota errada e colocasse tudo a perder – baile, reputação, cachê. O que, felizmente, não aconteceu.

Porém, a mesma sorte o deixou na mão em outro caso. O Brinca Quem Pode estava oferecendo um baile na sede da União dos Artistas. Para incrementar a promoção, Adelina preparara um frango assado e ainda se deu ao trabalho de burilá-lo com farofa, ovos e tomates. Baeta pegou a bandeja, subiu ao palco, fez a banda parar e informou aos convivas que aquele prato estava sendo sorteado. Um e outro se interessaram pela brincadeira, e Baeta, depois de dado o aviso, começou a sair de cena. Foi quando o pé prendeu-se no emaranhado de fios, e ele, que já estava alto, não teve agilidade suficiente para firmar-se – e caiu, mandando aos ares frango, farofa e o que mais houvesse. Mas Adelina e as filhas são do carnaval, portanto escoladas em matéria de improviso. Como se nada tivesse acontecido, pegaram o frango quase trucidado e trataram de restaurá-lo. Claro que o resultado não era algo acima de qualquer suspeita – mesmo assim, tiveram o atrevimento de entregá-lo, naquelas condições, ao ganhador do sorteio.

Mas a hegemonia dos conjuntos levaria uma rasteira nos anos 1980. Muitos dos casais que talvez se formaram ao som daquelas baladas declaradamente românticas agora, por volta dos 60 anos de idade e alguns até avós, estavam abandonando os salões. Ninguém mais queria saber de dançar dois para lá, dois para cá. Nem os clubes estavam interessados nesse tipo de música: a moda passou a ser as discotecas. E os ritmos então eram outros – mais acelerados, com a melodia ingênua posta em escanteio para dar lugar à batida ágil e eletrônica. Em vez de Ângela Maria, o público queria Donna Summer. Até mesmo alguns dos integrantes dos próprios conjuntos estavam se sentindo dinossauros para continuar na noite.

– Vamo acabar porque não dá mais pra gente. Essa rapaziada que taí não quer saber de nada – recorda-se Vitor Sousa do que foi opinião geral entre eles.

Havia, portanto, chegado a hora de parar.

No caso do Capri, Atanázio Silveira ainda coloca mais um motivo para o fim do conjunto. Admite que, como *crooner*, tinha o hábito de beber uma dose de conhaque antes de cantar para aquecer a voz. Mas Baeta, ébrio inveterado, não teria gostado daquilo. E, em um dos encontros, o chamou às falas:

- Não te quero mais na banda porque tu bebe demais.
- Tudo bem, eu vou embora. Mas o Capri não dura um mês!

Atanázio virou as costas e saiu, mas acrescenta que a mágoa resistiu por pouco tempo – e a amizade com Baeta foi reatada. O *ex-crooner* garante que parte do sucesso do grupo devia-se a ele próprio. Mais que um cantor, considera-se o cartaz maior do Capri, tudo porque, desde os anos 1950, era também locutor de rádio, ouvido em toda a região. Onde o conjunto sem ele não seria mais o mesmo.

– O pessoal não gostou da minha saída e foi se afastando – assegura.

Enquanto isso, no lar dos Baeta já não eram apenas três filhos para criar. A prole encorpara e, com o nascimento da caçula em 1969, subiu para dez – ainda que, nessa época, dois estivessem fora de casa tentando a vida longe de Laguna. O número de rebento poderia ser maior se, além de Zé Luís, não tivessem morrido outras duas filhas: Janete e Maria Aparecida. A situação só foi melhorar um pouco quando as filhas mais velhas conseguiram o primeiro emprego. Até então, a única certeza – além da morte e dos impostos – era o almoço. No café da tarde, era meio pão de trigo para cada um – a seco mesmo, pois margarina estava entre os artigos de luxo. Em noites de escassez completa, sem farofa de banana ou de ovo fazendo as vezes do jantar, Adelina ia ao quartos dos filhos e sentenciava:

- Negadinha, lavar o pé e dormir. Hoje não tem janta.

Para reforçar os vencimentos do marido, Adelina passou a trabalhar fora. Foi funcionária dos hotéis Tourist Hotel e Ravena Cassino Hotel, até que entrou para uma fábrica de roupas, onde pôde capitalizar o talento para a costura. Mesmo com orçamento mirrado, Baeta nunca renegou, como qualquer boêmio que se preze, os tragos de bebida no final da tarde. O problema era em dia de pagamento, quando, com a carteira cheia, fazia aquilo que os escolados chamam de *via-sacra*: mal sorvido o último gole, já se dirigia, mesmo a passos trôpegos, para o bar seguinte. Nesse caso,



*Anos 1940: Baeta servindo à pátria*



*1987: Adelina na ala das baianas*



*Natal em casa:  
Baeta com o neto  
Marcelo sobre o ombro,  
ao lado de Adelina  
(de branco) e de  
quatro filhos*

o relógio dava 20 horas, e nada de Baeta aparecer em casa. Era aí que Adelina estufava o peito e pegava algumas das filhas para acompanhá-la na caça. Se não estivesse no Café Tupy, poderia ser encontrado, entre um gole e outro, no Brigitte ou no Café Nice ou quem sabe no Cantinho da Saudade – porque, naquela época, o que não faltava em Laguna eram bares.

Mas Adelina, ciosa dos bons costumes e da reputação, preferia permanecer do lado de fora (dizia que não ficava bem para uma mulher casada perambular por lugares como aqueles). As filhas o puxavam pelo braço e o chamavam. Ele, com voz pastosa e sempre bonachão, respondia:

– Já vou, já vou. Diz pra nega que eu já vou.

Elas saíam, informavam a mãe e retornavam para perto de Baeta – afinal, elas sabiam desde cedo como se comporta um boêmio.

– Não sai de lá se ele não vier – ensinava Adelina, preocupada em não perder a presa de vista.

Com aquela conversa mole, conseguia também driblar a mulher às sete horas da manhã, em pleno domingo. Católica fervorosa, Adelina não perdia uma missa, e o mesmo queria que se desse com o marido. Tudo bem que Baeta chegou a ingressar no Apostolado da oração, da Igreja Nossa Senhora Auxiliadora, no bairro Progresso – mas o catolicismo nunca foi o seu forte (desde fevereiro de 2005, a praça em frente à igreja, até então praça da Amizade, foi renomeada por lei e passou a levar o nome de Baeta: praça Paulo Tibúrcio dos Reis). Ainda estremunhado na cama, vislumbrava a esposa de pé, ao seu lado:

– Paulo, acorda que tá na hora.

– Nega – era assim que a chamava –, vai indo que de noite eu vou – balbuciava.

Claro que a promessa dificilmente se cumpria – a não ser em raras exceções. O que significava apresentar-se como pistonista junto ao coral Santo Antônio dos Anjos durante as trezenas em homenagem ao padroeiro de Laguna ou tocar pistom em casamentos. Era quando deixava meia audiência com os olhos marejados diante de sua versão em surdina para a clássica *Ave Maria*. Mas o que o arrebatava mesmo era o Brinca Quem Pode (além da paixão pela Portela e pelo Vasco da Gama).

Curiosamente, desde 1968, quando se passou a registrar as

diretorias eleitas, aparece pouco como presidente. Excetuando-se as duas vezes em que assumiu o cargo de forma provisória, somente foi eleito em março de 1980 – mas o mandato teve de ser interrompido em novembro, depois que Baeta, na metade do ano, sofreu um derrame cerebral enquanto jogava canastra na casa de uma das filhas, contígua à sua, à Comandante Moreira. As sequelas atingiram o lado esquerdo do corpo: o movimento da perna ficou reduzido e a mão, paralisada. Mas ninguém o superou à frente da batucada, onde, da fundação do Brinca Quem Pode em 1947 até o final dos anos 1970, monopolizou a soberania do apito – inclusive, em 1961, quando comandou os ritmistas com o braço quebrado. Porém, a falta do *status* de líder oficial nunca o impediu de assumir as rédeas do bloco.

– Paulinho Baeta é a alma do Brinca Quem Pode. A opinião dele era a que tinha mais peso, inclusive a maioria das reuniões acontecia na casa dele. O Brinca era ali – conta Selma Antonio de Sousa, hoje uma das decanas da escola.

De fato. Mesmo que o bloco já tivesse sede a partir de 1968, era na casa de Paulinho Baeta, na Comandante Moreira, que as ideias ganhavam forma. Foi assim desde que se transferiu para lá o quartel-general das costureiras até o carnaval de 2001. Claro que nesse meio-tempo, com o crescimento dos desfiles, outros locais de trabalho tiveram de ser buscados – inclusive o próprio barracão. O que não roubou da casa dos Baeta o privilégio de ser, por todo esse período, o centro nervoso do Brinca Quem Pode.

– No carnaval, a casa era cheia, não tinha lugar pra nós comer. Era fantasia em tudo quanto é lado – lembra Maria Salete Geraldino, filha de Baeta e Adelina.

Ou, como sentenciava Jane dos Reis, outra filha do casal:

– A casa virava um galpão.

## 5

# O POVO FAZ A FESTA NO JARDIM

**ENQUANTO A** sede não era construída (e olhe que, dos anos 1950 até a inauguração, passariam quase 20 anos), o bloco levaria a vida como se fosse nômade. Sem compromisso de firmar raízes, estava onde fosse mais conveniente – ainda que tal movimento se dirigisse involuntariamente, e mais por força das circunstâncias, para o norte da cidade.

Pois foi em meados dos anos 1950 que o Brinca Quem Pode sofreu a primeira baixa em suas fileiras – com consequência para o próprio carnaval lagunense. Nessa época, a festa já não era mais privilégio dos sócios dos clubes. Do lado de fora dos salões, a folia em ascensão incendiava as ruas, a ponto de o redator de *O Albor*, em uma edição de 1957, declarar: “Estamos na fase de carnaval de rua”.

Mas hoje, cerca de 60 anos depois, os participantes daquele fudevu não recordam o que detonou a crise. O bloco não ensaiava mais na sede da União dos Artistas. Agora, o novo ponto de encontro eram os gramados do campo de futebol do Clube de Regata Almirante Lamego (hoje, fundos da Escola de Ensino Médio Almirante Lamego), à rua Willy Stracke. Na verdade, nos anos 1950, o local já deixara de ser o “campo do Lamego”, como alguns integrantes do Brinca Quem Pode ainda o chamam. Fundado em 1920, o clube teve o seu galpão incendiado no final dos anos 1930, depois do que construíram o tal campo e ainda organizaram um time de futebol. Este durou até meados dos anos 1940, e o local acabou sendo cedido ao Flamengo Futebol Clube. Para não dar ponto sem nó, os flamenguistas ergueram ali um barraco de madeira e, enquanto os crioulos esfalfavam-se no batuque, vendiam doses e doses de bebidas. Espertamente, haviam descoberto uma forma de reforçar os cofres do clube.

E foi exatamente em um dos ensaios da batucada, no campo, que

aconteceu a confusão. Entre os protagonistas, estava Almiro Pacheco dos Reis – com quem os irmãos Osvaldo Bento, conhecido por Birô, e Antonio Paulo Bento, o Bugre, teriam se desentendido. Único vivo dos três, todos integrantes da batucada, Bugre havia abandonado os tamborins (ou tantã, como se dizia): agora, com aproximadamente 16 anos, tocava pistom ao lado de Paulinho Baeta, que também ocupava a função de mestre dos ritmistas. Na sua versão, Bentinho da Mangueira – que ainda não era da Mangueira – também estava entre eles. Este, por sua vez, nega participação na briga:

– Eu não tava mais no Brinca, tava já meio fora. Eu tive meio doente também.

Bentinho era músico da Carlos Gomes – formada por adeptos do Xavante e rival da União dos Artistas, que, por sua vez, dividia seus integrantes com o Brinca Quem Pode. Para não dar munição ao inimigo, a direção da banda, durante o carnaval, colocava Bentinho para tocar trombone em festas distantes do centro, em regiões como a Passagem da Barra. O que não o impedia de receber as visitas do amigo Baeta:

– Bentinho, Bentinho, Bentinho – insistia –, vão sair no Brinca, vão?

– Paulinho Baeta, não dá, vou pra Barra.

Sem poder atender ao amigo, deambulava-se em lágrimas.

Para ele, a história teria se dado em situação diferente. O bloco sempre manteve boa relação com o então prefeito Paulo Carneiro (esta gestão foi de 1951 a 1956). Tanto era que todo dia 25 de janeiro, quando ele fazia aniversário, o Brinca Quem Pode se organizava, ia até a casa dele na esquina das ruas Voluntário Carpes com a Voluntário Benevides e lá apresentava a sua batucada. Na verdade, era mais uma retribuição às ajudas financeiras. Em troca, Carneiro distribuía bebidas e bolo para as crianças. Foi em uma dessas festas que o desentendimento teria acontecido, só que o lugar, dessa vez, seria a praia do Mar Grosso e não a casa do prefeito. Acompanhado da mulher, Bentinho estava apenas como observador:

– Aí teve uma confusão, por causa do negócio de churrasco, comida, aquela coisa toda. E o Birô era muito brigão, e deu a confusão. Pra não dar confusão maior, o Paulinho Baeta separou, e o Birô pegou e saiu.

No dia seguinte, Bentinho estava sentado com alguns amigos na calçada em frente à sua casa, quando chegaram os irmãos Birô e Bugre,

que também moravam por ali, no alto do morro. Os dois juntaram-se ao grupo, e Birô, como quem não quer nada, afirmou:

– O Brinca Quem Pode não quer a gente mais, porque deu uma confusão.

Aberto o caminho, Bugre – o mais novo dos dois – veio com a notícia:

– Ô Bento, nós vamos fundar uma escola de samba aqui no morro. Vai ser a Mangueira!

Surpreso, Bentinho quase pulou da calçada. Aquela ideia, para ele, era no mínimo uma loucura:

– Tu tá maluco?

Bugre não arredou:

– Nós vamos fundar a Mangueira. – E detonou: – Tu vai ser o maestro!

– Não, rapaz. Tu tá maluco?

Pessoas que se dizem excessivamente normais não devem, na história do carnaval brasileiro, ter fundado um bloco sequer. Depois do susto e diante da insistência dos vizinhos, Bentinho aceitou o convite. E parece ter se empolgado, pois cedeu um rancho que mantinha em um terreno do outro lado da rua para ali o novo bloco fazer os ensaios. Como mestre de bateria, ficou encarregado de providenciar os instrumentos.

O couro para os tambores eram encomendados com um funcionário do Cine Mussi conhecido por Balicha. Com o pedido em mãos, ele ia até a praia do Mar Grosso, matava os cabritos que apascentavam por lá inocentemente e, em seguida, arrancava a pele deles. De posse do material, Bentinho e um ajudante – que era do Xavante – o estendiam sobre barricas para fazer os bumbos (ou surdos, como são chamados). E Birô, que talvez tivesse sublimado sua valentia em persuasão aos ouvidos de empresários e políticos, agora saía pela cidade sobraçando um livro de ouro: nele, os colaboradores anotavam seus nomes e a quantia em dinheiro que estavam fornecendo ao bloco. Já de saída, voltou para o morro trazendo cerca de cinco tamborins tarraxados.

A Mangueira aparece na crônica carnavalesca de *O Albor*, pela primeira vez, em 1956. Era definida como um novo bloco, desfilara com a fantasia de malandro e pedira ao público que esperasse pelo seu desfile no ano seguinte. Até aí tudo bem, o problema está em um estatuto divulgado

em novembro de 1984, segundo o qual a escola foi fundada no dia 9 de janeiro de 1956 e, depois de inativa por um período, retornou em março de 1984. Se as informações forem verdadeiras, a versão de Bentinho da Mangueira, de que a fundação aconteceu imediatamente após o aniversário de Paulo Carneiro, dia 25 de janeiro, não procede. Ou então o erro – sobretudo quanto ao dia 9 – estaria no próprio documento, o que não é impossível. Em todo caso, no carnaval de estreia (considerando o ano de 1956, informado pelo jornal e pelo estatuto), Bentinho viu seu talento como músico posto à prova. Aos 22 anos de idade.

– Eu tinha o ar de mandar igual o Paulinho. Eu não tirava o zolho do Paulinho, ele me dava muito incentivo – recorda.

Em 1956, Paulinho Baeta completaria 34 anos. Mas, desde que o Brinca Quem Pode foi fundado em 1947, nunca até então havia largado o apito de mestre da batucada. Quando foi informado da fundação da Mangueira, chorou – mais ainda ao saber quem regeria os ritmistas da rival:

– O meu aprendiz... – lamentou, apesar de ter esquecido a mágoa em pouco tempo.

Quem não deve ter gostado muito foi Almiro Pacheco dos Reis, um dos fundadores do Brinca Quem Pode, com quem o então pandeirista Antonio de Souza, o Catarina, teve um desentendimento:

– Ele achou que eu tinha dado uma barrica do bloco para a Mangueira, que estava começando. Quando fui para sair no bloco, não me deram a fantasia.

Catarina não gostou e resolveu ir embora. Foi para a Mangueira e, alguns carnavais depois, ajudou a criar a Vila Isabel – onde construiu a fama de principal cuiqueiro de Laguna.

Na batucada da Mangueira, Bentinho também colocou um naipe de metais. O mesmo que já acontecia no Brinca Quem Pode, desde o início. Quem viveu aquela época ainda se recorda dele regendo os cerca de 40 músicos do morro: em vez de um bastão de madeira, sua batuta era o próprio trombone que tocava. Sem muito dinheiro, o bloco investia pouco em fantasia – nessa seara, a opulência das plumas dos índios do Xavante tornava-o quase imbatível. O forte dele estava mesmo no ritmo, cuja referência eram as baterias das escolas de samba cariocas. Mas a principal fonte de inspiração era, sem dúvida, a Estação Primeira de Mangueira:

músicas e enredos chegavam pelo rádio ou eram trazidos do Rio por uma parente de Bentinho. Como fosse músico, não deixava barato, queria ver todos os componentes – tanto ritmistas quanto passistas – cantando a plenos pulmões:

– Tinha umas 15 negas, e todas elas cantavam. Cabrocha da marca da Mangueira não tinha. Sambavam, cantavam e eram afinadas.

Não se pode duvidar. Com ouvido treinado, ficava fácil de saber quem estivesse cantarolando um “Fala, Mangueira...” fora do tom – ou nem isso, quem permanecesse com a boca fechada. Diante do atrevimento, Bentinho indagava:

– Vem cá, por que tu não canta?

O pupilo, e “podia ser quem fosse”, mal tinha tempo para arranjar desculpas:

– Bate aqui e canta.

Se o componente não tivesse talento para a música, Bentinho fazia-o cantar sozinho até aprender. Mesmo que não se tornassem um Jamelão, garante que todos entravam no tom e cantavam “Mangueira, teu cenário é uma beleza...” sem desafinar. Ainda longe de terem carro de som durante o cortejo, os integrantes de todas as agremiações, para se fazer ouvir, tinham de ter gogó mesmo. Do contrário, seria uma tarefa quase impossível para as cordas vocais do puxador, encarregado de iniciar o canto. A Mangueira só reproduzia os sambas da homônima carioca, não aceitava marchinhas ou marcha-rancho, como Brinca Quem Pode ou Xavante. Por isso, dizia-se *escola de samba* – mas a forma como se apresentava, com batucada e passistas apenas, sem alas, alegorias e enredo, estava mais para *bloco*.

No começo dos anos 1950, o carnaval de rua já era incensado pela imprensa com expressões de efeito. O primeiro da década – quando o Brinca Quem Pode, com seus *Marinheiros Americanos*, completou apenas três anos de idade – deixou a modéstia de lado e conseguiu a proeza de invadir as ruas da cidade com “um imponente desfile” na tarde da Terça-feira Gorda. A receita para o sucesso de crítica e público era contar com reforços, daí a presença de outros blocos, como Sossega Leão e Salgando o Galo, sem falar no pioneiro Xavante. É claro que não podia faltar a turma dos salões, que, esperta, percebeu logo que a moda da estação seria a folia do lado de fora dos clubes – mais popular e democrática. Naquele desfile

à luz do dia, certamente apareceram outros blocos que davam o toque de classe aos bailes, como Brotinhos, Inocentes e Miséria, mas todos os olhares voltaram-se mesmo, no caso deles, para os cordões Bola Branca e Bola Preta.

E foi o Bola Preta que protagonizou naquele carnaval, de 1950, uma contenda emblemática do que eram aqueles tempos de segregação mal disfarçada. Como você sabe, os principais clubes eram Blondin e Congresso – somente frequentados pelas famílias tradicionais do centro e notadamente brancas. Os mulatos encontravam-se na União Operária, e os negros podiam ter acesso, no máximo, aos salões do Cruz e Sousa. Era quase regra entre os Bolas estrear as fantasias em um dos dois clubes do centro, como não poderia deixar de ser. Para aquele ano, o Bola Preta preferiu a segunda-feira, cujo baile ficara a cargo do Blondin (que já dera o baile de sábado); com o vizinho Congresso, estava a responsabilidade pelas festas de domingo e terça-feira.

Em um artigo sobre o fato, os diretores do bloco contam que alguns componentes rejeitaram a escolha porque não faziam parte do quadro social das duas sociedades. O que os teria levado a tentar um acordo com o Blondin, mas “tudo foi negado”. Para João Manoel Vicente, a proibição se deu porque um dos integrantes não era branco – e sim mulato. Diante da iminência de verem as fantasias de *Filhos de Marte* jogadas às traças nos guarda-roupas, e antes que tanto trabalho fosse em vão, recorreu-se ao presidente de honra do cordão, Nelson Alves de Paula Almeida. Afinal, fazia cerca de duas semanas que ele, como diretor, inaugurara o novo prédio da rádio Difusora (hoje inexistente), na esquina entre XV de Novembro e Duque de Caxias – e ali havia um auditório inteiro à disposição deles.

De caso pensado, Almeida escolheu o dia 2 de fevereiro para a inauguração: exatamente quando Laguna fervilhava com a festa para Nossa Senhora dos Navegantes. O resultado, óbvio, foi casa cheia. Não bastassem as autoridades e convidados locais, a direção da emissora, sabendo que havia um ou outro figurão de fora dando sopa pela cidade, aproveitou a chance e se deu bem. Somente para as bênçãos das novas instalações, às 10 horas da manhã, arrastaram a batina por ali duas sumidades da Igreja: o monsenhor Frederico Hobolt, da Cúria Metropolitana, e o vigário da paróquia de Urussanga, Agenor Marques. Era só o começo

– a segunda parte da programação, às 14h30, contou com apresentações de orquestra, conjunto e cantores, inclusive uma cubana. Entre eles, estava ninguém menos que “o cantor das multidões”, Orlando Silva – um dos maiores nomes da música brasileira e famoso no tempo em que as vozes dos intérpretes deviam ser graves e o “r”, no início das palavras, era pronunciado com a língua estalando no palato: “E assim rressequida/ A folha rrolou...”.

O auditório – ali até então havia funcionado um cinema – poderia não ser o melhor lugar para se fazer uma festa de carnaval. Em vez das ruas ou dos salões, como a plateia sambaria, espremida entre fileiras de cadeiras? Mas como não houvesse escolha, foi naquele palco mesmo que o Bola Preta apresentou, na segunda-feira, a fantasia confeccionada para o tríduo de 1950. Em meio aos marmanjos, quem roubou a cena durante a encenação foi a única mulher do grupo: a jovem Vânia Brown, bailando elegantemente do alto de sua autoridade de rainha dos “marcianos”.

Ano após ano, o carnaval de rua ganhava mais força, e a imprensa, talvez para delimitar bem os territórios, só se referia aos seus foliões em termos como “massa popular”. Por sua vez, a festa nos salões era recriada pela crônica com um tom que fazia sugerir algo mais sofisticado: a uma ordem, abriam-se alas para que um novo bloco entrasse e, rivalizando com o “bom gosto da ornamentação”, exibisse fantasias descritas como “ricas e bem confeccionadas”. Como mostra de que estavam de fato crescendo, em 1951 Xavante e Sossego Leão levaram para as ruas carros de mutação e alegóricos. O problema foram as chuvas pavorosas que se abateram sobre a cidade.

Coincidência ou não, foi exatamente quando uma das marchinhas mais cantadas em todo o país naquele ano tinha uma letra que dizia: “Tomara que chova/ Três dias sem parar”. Pode ser que não tenha sido culpa de Emilinha Borba e do povo que achou aqueles versos um barato (e eram: exaltavam o maior inimigo do carnaval – a chuva – só para debochar do problema da falta d’água no Rio), mas, mesmo debaixo do temporal, o Xavante decidiu sair às ruas na terça-feira. Afinal, os componentes estavam todos prontos, com os corpos pintados e loucos para caírem na folia. Por precaução, deixaram os instrumentos na sede do Bola Preta. Mas a tempestade era inclemente – e, em poucos minutos, a tinta desfez-se e deu lugar à pele clara daqueles falsos indígenas.

Mesmo que fossem da rua, Brinca Quem Pode e Xavante, a partir dos anos 1950, também queriam seus minutos de glória nos salões. Tanto para se exibir à elite quanto para experimentar o que era aquele frege altamente selecionado. Reunia-se um grupo pequeno, com cerca de 10 pessoas, chamava-se o presidente do clube a um canto e pedia a ele a autorização para se mostrar aos sócios. Mas era tudo muito rígido. Antes de o grupo entrar, o presidente já estipulava o tempo da apresentação. Era o bastante para se cantar apenas a marcha-hino, no caso da turma de Paulinho Baeta, “Eu sou do Brinca Quem Pode/ Pois ele mesmo é o tal...”, enquanto dava-se duas ou três voltas ao redor do salão. Até que o presidente fazia o sinal, e pronto: que voltassem para a rua – a alta sociedade queria continuar a sua festa.

– Era bem assim, discriminado mesmo – acentua Maria Salete Geraldino, do Brinca Quem Pode.

Em outras palavras, é o mesmo diagnóstico de André Reis, irmão de Maria Salete e ex-presidente do Brinca Quem Pode:

– (Os clubes) raras vezes nos permitiam permanecer, pois ainda existia o racismo.

Mas não pense que era qualquer sociedade recreativa que se abria para os blocos de rua. Blondin e Congresso Lagunense, da classe alta, permaneciam como territórios proibitivos para eles – quem dava as cartas ali, sim, eram Bola Branca e Bola Preta. O máximo a que Brinca Quem Pode e Xavante tinham acesso eram aos clubes de classe média, como 3 de Maio, Atlântico e União Operária. Esta, como fosse reduto exclusivo de mulatos, raramente permitia que os demais perambulassem em suas dependências, os brancos do Xavante inclusive.

– Na Operária, a gente só entrava e saía. Não podia ficar porque tinha aquela época de racismo. Dava aquela volta no salão cantando e saía – recorda o xavantino Valmir Guedes, um dos primeiros componentes do bloco.

Tudo ia bem, não fosse a vida real, às vezes dura, interferir na fantasia. Foi o que aconteceu em 1953, quando o Brinca Quem Pode calou-se antes mesmo de a Quaresma chegar. A uma semana do sábado de carnaval, as roupas denominadas de *Cowboy*, com as quais desfilaria aquele ano, estavam praticamente feitas, a batucada soava afinada e os integrantes tinham na ponta da língua a maioria dos sambas e marchinhas

selecionados para as apresentações. Foi exatamente quando chegou a notícia de que Arlindo Pacheco dos Reis, pai de Almiro Pacheco dos Reis (um dos fundadores do bloco), havia morrido em decorrência de hemorragia cerebral. Era o dia 7 de fevereiro. Desolados, a reação imediata foi acabar com a festa: sem clima, o bloco não iria para a rua aquele ano. Todas as fantasias foram guardadas e tiveram de esperar, trancafiadas em guardarroupa, pelo tríduo do ano seguinte. E não fizeram feio. Em 1954, o bloco, ao lado de outros grupos, foi “grandemente aplaudido pela enorme massa popular que enchia a *praça Floriano Peixoto*”, como noticiou *O Albor* de 6 de março daquele ano.

E o jardim Calheiros da Graça? Teria sido maldosamente abandonado pelos blocos? A resposta é *não* (na verdade, eles somente o deixariam a partir de 1987). Os desfiles continuaram a acontecer ali, a confusão procede do fato de o jardim estar enquistado naquela praça, que anos depois teria o nome trocado para Vidal Ramos. Quem o vê hoje, arborizado, cercado por quatro ruas calçadas ainda a paralelepípedos e ladeado por casas, clubes e a Igreja Matriz, não imagina como era até o começo do século XX.

Não fosse pela igreja, erguida ali desde 1738, o Teatro Sete de Setembro, inaugurado em 1858, e algumas casas, toda aquela área, que ia do sopé do morro do Hospital à atual XV de Novembro, nada mais era do que um campo coberto por guaxima. A situação ficava pior em frente ao local onde hoje está o Congresso Lagunense – simplesmente impraticável, por causa de um banhado. Bom para os meninos, que o tornavam campo minado com as armadilhas que preparavam para caçar a multidão de quero-queros. Os moradores chamavam a região de Campo do Manejo. E era como se fosse um campo interiorano mesmo, pois por ele apascentavam livremente burros, cabras, cavalos, vacas. Alguns deles não só se fartavam na pastagem, como também à noite dormiam ali. Em meio à escuridão, não era difícil que algum transeunte alheado morresse de susto ao tropeçar em uma vaca sonolenta. Ou, o que podia ser pior, alguém que, sem querer, despertasse um burro do sono profundo. O qual disparava bufando como touro para um lado – e ele, com o coração na boca, para o outro.

Mas, ainda no final do século XIX, o cenário bucólico ganharia sopros de urbanização. Por volta de 1894, o clube Congresso deixou o

sobrado da rua 13 de Maio para instalar-se ali, em um prédio na esquina entre Voluntário Carpes e XV de Novembro (até 1897, quando foi inaugurada a sede na esquina da Conselheiro Jerônimo Coelho, exatamente onde hoje está a atual, de 1934). E foi uma mudança que não se deu por acaso. Era, na verdade, uma tendência: como a rua Raulino Horn estivesse tornando-se cada vez mais comercial, os seus moradores – advogados, donos de barcos, exportadores – resolveram migrar para o entorno da praça. A qual, nessa época, estava apenas em fase de crescimento.

Em 1903, o campo foi desmembrado em quadras: uma, para a praça propriamente, e as demais, para a ocupação residencial. E as obras não pararam mais. Ainda naquele ano, o superintendente do município (equivale ao cargo de prefeito) publicou um apelo na imprensa pedindo à população que colaborasse financeiramente com as obras de ajardinamento. Até os clubes arregaçaram as mangas e promoveram quermesses. Com o dinheiro em mãos, a Associação Aformoseadora da Laguna iniciou os trabalhos em meados de 1908, os quais foram concluídos em 1915. Era tanta a dedicação que, em 1910, chegou-se a trazer palmeiras imperiais do Jardim Botânico do Rio de Janeiro para serem plantadas ali.

Em pouco tempo, o jardim Calheiros da Graça, com direito a chafariz no centro, tornou-se a joia da



*Jardim: a menina dos olhos dos lagunenses*

coroa – tendo o cuidado de se levantar cercas (que seriam retiradas em meados de 1925) para que os animais não esmagassem as florezinhas delicadas dos canteiros. Era principalmente o ponto de encontro da elite lagunense, e quem o frequentasse, além de caprichar no traje, preferia os fins de semana. A partir de 1917, com a chegada do Blondin ao prédio onde agora está o IPHAN, a vida social da cidade praticamente concentrou-se ali: quase vizinhos de janela, estavam as duas principais sociedades recreativas, o cinema, o teatro e a Igreja Matriz. E as bandas

Carlos Gomes e União dos Artistas, de vez em quando, ofereciam retretas no local. Certamente, entre um *footing* e outro, muitos romances podem ter começado – ou até terminado.

Mas, exceto pelo carnaval, a *belle époque* do jardim entraria em crise a partir dos anos 1960. Com o prédio do Sete de Setembro incendiado (na época do acidente, nos anos 1970, já havia se tornado cinema) e o do cinema substituído pela rádio Difusora, o movimento não era mais o mesmo – e os novos empreendimentos, o Cine Mussi e o Cine Roma, estavam ao sul, em direção ao Magalhães. Era como se a indústria do entretenimento estivesse descobrindo que Laguna não se limitava só ao centro, e o público, claro, foi junto. Não que o Calheiros da Graça tivesse sofrido esvaziamento total, mas a partir de então deixou de ser o único ponto de encontro na cidade.

Em todo caso, era ali que se dava o desfile dos blocos. Em 1955, os crioulos do Brinca Quem Pode surpreenderam o público. Primeiro: estavam solenemente vestidos de prussianos. E segundo: incorporaram a rigidez dos personagens e chegaram para a apresentação perfilados de acordo com a organização marcial de um exército. Eles tinham de arranjar um jeito de roubar a cena – afinal, o candidato do adversário Xavante vencera o concurso para Rei Momo I e Único e, como era de se esperar, esteve também naquele meio. Parece que o bloco de Remi Fermino estava fazendo escola: a maioria dos cordões que apareceu foi buscar inspiração justamente nas tribos indígenas. Filhos do Xavante era a versão mirim do Xavante, mas ainda havia – também formados por crianças e adolescentes – os Aimorés, Apaches, Guaranis e Guerreiros Tupis. O que não quer dizer que respeitassem fielmente às origens. Em 1956, o Guaranis, por exemplo, desfilou representando, em vez de uma tribo pouco conhecida da Amazônia, o controverso bando dos cangaceiros. Um dos poucos que fugiam à regra era o infanto-juvenil Amigo da Onça.

Para não restar dúvida, naquele 1955 mesmo, os rivais Brinca Quem Pode e Xavante já eram apontados como “os dois maiores expoentes do carnaval popular lagunense”. Com o perigoso agravante de o primeiro ser formado quase que exclusivamente por negros, o que mudaria só a partir dos anos 1960, e o segundo sendo notadamente branco, como se fosse um improvável bloco de um suposto tríduo momesco dinamarquês. Mas, em ambos os lados, havia exceção. Da parte do Brinca Quem Pode,

talvez a única branca fosse Selma Antonio de Sousa, no bloco desde 1949, quando contava apenas sete anos de idade. O isolamento a obrigava a ouvir questionamentos como este:

– O que tu tá fazendo aí, no meio desses pretos sem-vergonha?

Mas Selma não baixava a cabeça. E respondia com a mesma moeda:

– E tu? O que tu faz aí, no meio desses brancos?

Afinal, quem fazia a provocação era ninguém menos que o único negro do Xavante: um homem alto e magro, que vivia no bairro Portinho. O nome dele era Jovino José Bento, mas ficou conhecido mesmo como Inhá. Mas os petardos não vinham apenas de Selma Antonio. Em dias de carnaval, apenas para incendiar os ânimos, ele, fantasiado de índio, com cocar e os braços abertos para deixar à mostra os penduricalhos da roupa, fazia questão de cruzar o território inimigo. Em frente à casa de Paulinho Baeta, na Roseta, era esculachado com uma saraivada de crítica debochada por parte das filhas do líder do Brinca Quem Pode. Uma começava:

– Saí daí, seu nego bobo!

Outra prosseguia no mesmo tom:

– Nunca vi um índio negro!

Pelo menos nesse caso, tudo era levado na esportiva. Sempre sacana, o máximo em reação a que Inhá se dava era abrir um sorriso mais debochado ainda. O mesmo não se pode dizer do que acontecia no centro. Ao menor sinal de provocação, a vítima reagia: “ninguém tem sangue de barata”, avisa Selma. Eram brigas sobretudo entre as torcidas, detonadas quase sempre no pré-carnaval e depois do resultado da apuração. Ainda hoje, um ou outro apresenta cicatrizes pelo corpo, herdadas daqueles quebra-quebras movidos a samba, suor e cerveja. Durante os desfiles oficiais, tentava-se manter o controle.

– Com o Xavante, o pau pegava. Não dava, mas nós era teimoso. Xavante sempre andava com flecha e pau, não dava. Apanhava, ia brigar como? No Mussi aqui, o pau pegou. Nós ia mexer no carro do Xavante, o Almiro (Pacheco dos Reis) queria mexer e tal, o pau pegava. Não dava, nós andava só com a roupinha, o Xavante andava com aquele arco e flecha, nós entrava no pau. O Almiro é um fim de mundo! – recorda o ex-combatente daqueles tempos, Bentinho da Mangueira.

Se o Brinca Quem Pode estivesse desfilando, era certo que da

calçada, entre os componentes do Xavante, chegariam comentários, no mínimo, politicamente incorretos:

– Macacada da Roseta! – dizia alguém, espumando de raiva.

– Cheiro de macaco! – gritava outro.

Como recorda Jane dos Reis, “dois discutiam, cinquenta avançavam”. Quando era a vez de os rivais desfilar, os componentes do Brinca Quem Pode vingavam-se. Da calçada, eles cometiam a irreverência de zombar do esteio do próprio inimigo, ao agir como índios em transe: batiam na boca enquanto urravam, entre gritos de “cara de peixe!” e “cheiro de peixe!”, já que o bairro Magalhães, onde o Xavante estava se firmando, era ocupado por muitos pescadores. E este, aliás, era quase território proibido para os moradores da Roseta – e o contrário também. “Muito corridão levei sempre que ia na casa do tio Cacique (Antonio dos Reis) e tio Maneca (Manoel dos Reis), no Magalhães, em época de carnaval”, escreveu André Reis, filho de Paulinho Baeta, em sua coluna no jornal *O Pharol*, em 2009.

Os ensaios no pré-carnaval ainda não eram organizados. Cada bloco desfilava à hora que quisesse e por onde julgasse mais conveniente. Sem planejamento, não era difícil que dois blocos se batessem de frente ao cruzar uma das esquinas do centro. Foi o que aconteceu certa vez quando o Brinca Quem Pode concentrou-se na praça da Bandeira (agora República Juliana) e seguiu pela Raulino Horn. Ao dobrar à esquerda, para a XV de Novembro, em frente ao Café Tupy – o encontro fatal. Pode ser que tenha sido de caso pensado também, o que não é improvável, mas foi ali que os crioulos trombaram com ninguém menos que os seus inimigos figadais: os componentes do Xavante, que vinham no sentido inverso.

– Aí ali... – interrompe-se João de Sousa Júnior, hoje ex-Brinca Quem Pode, para, em seguida, admitir: – Não sei mais contar. A gente era criança e correu, né? Mas, segundo os que ficaram na confusão, o pau pegou direto.

Naquela época, o policiamento era pouco e, prudentemente, quase não interferia. Até porque o máximo de poderio bélico, além dos arcos e flechas dos xavantes, eram as baquetas dos ritmistas (em 2011, um dos ensaios no centro, em pleno pré-carnaval, foi interrompido por causa de disparos de tiros contra um dos integrantes da bateria da Brinca Quem Pode, que saiu ileso – o motivo da briga nada tinha a ver com o carnaval).

No caso das mulheres, a tática era puxar os cabelos da outra. Uma das filhas de Paulinho Baeta, Maria Salete, como fosse boa de briga e favorecida pela altura, sempre levava vantagem no corpo a corpo. Depois em casa, guardava os chumaços, que eram exibidos e admirados como escalpo.

Não fosse alguma tempestade inconveniente, parece que os ventos estavam soprando mesmo a favor do carnaval de rua. Era o que se podia deduzir com a posse de Walmor de Oliveira como prefeito no lugar de Paulo Carneiro. Tanto é verdade que os próprios blocos fizeram a sua parte: em 31 de janeiro de 1956, dia da cerimônia de transmissão do cargo, deixaram os ensaios de lado e saíram às ruas para dar um pouco de ziriguidum, afinal é Brasil, àquele festival de formalidade. Na verdade, os blocos já estavam se apresentando, desde o começo do ano, aos sábados e domingos – mas a imprensa, aliás, achava pouco e, por isso, sugeriu que os desfiles acontecessem a qualquer dia da semana.

Com Walmor de Oliveira à frente do executivo, o carnaval de 1956 foi o primeiro a contar com um palanque de madeira. Ainda não havia arquibancadas, o povo espremia-se nas calçadas, e quem quisesse ver melhor os desfiles tinha de esticar o pescoço para livrar a visão daquele mar de cabeças à sua frente. Para tentar amenizar o problema, ergueu-se o tal estrado – exatamente em frente àquela mansão tida como a mais bonita de toda a cidade e que depois daria lugar a uma agência bancária, à Conselheiro Jerônimo Coelho (ou rua da Matriz, como o lagunense gosta de chamá-la). Era como uma passarela: o bloco subia por uma rampa, evoluía ali em cima diante de olhares curiosos e depois descia para fazer o contorno do jardim rumo à XV de Novembro.

A construção do palanque representava também a mudança de postura do governo quanto ao carnaval de rua – que nem sempre contaria com a ajuda da prefeitura. Mesmo assim, era como se fosse o reconhecimento que faltava. “Os poderes públicos municipais, tanto o atual como o anterior, *este ano*, prestaram e estão prestando decisivo apoio ao consagrado carnaval lagunense”, detectava *O Albor* na edição do dia 4 de fevereiro de 1956, a uma semana da folia.

Ainda sem comissão julgadora, desde o sábado, dia 11, os blocos já estavam na rua disputando a preferência popular (o júri só seria uma constante por volta de 1977). Mas desfile oficial mesmo só aconteceu na tarde de terça-feira. O Brinca Quem Pode apresentou-se como *Buffalo*

*Bill* – agora, se foi campeão ou não, somente o povo pode responder.

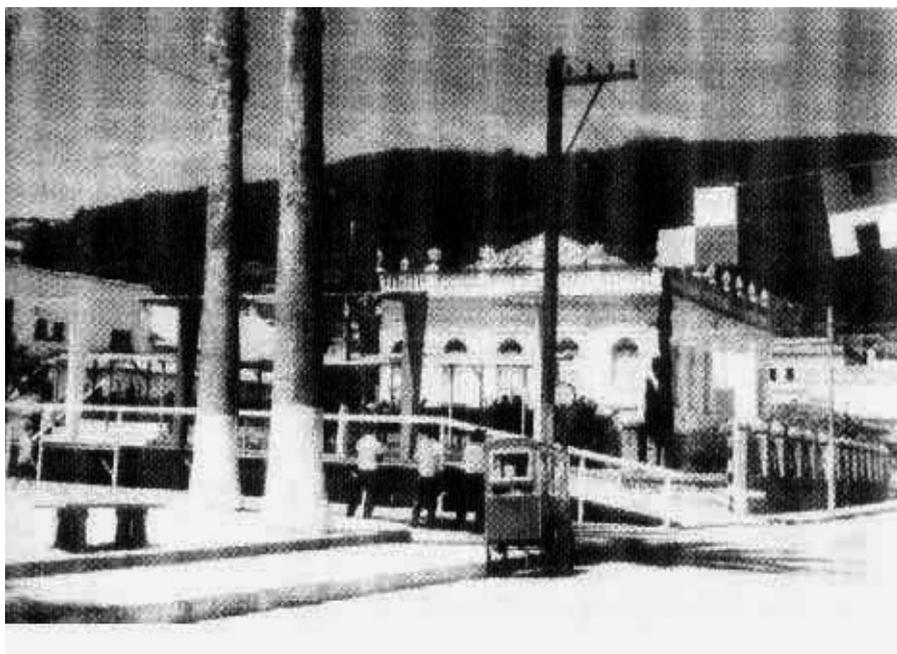
Pronto: estava inaugurada uma nova fase do carnaval. A ideia de se apresentar como escola de samba só seria experimentada pela primeira vez no final dos anos 1960. Por enquanto, Brinca Quem Pode, Xavante e companhia ainda se afirmavam como de fato eram: blocos de rua. Até então, não precisavam de muito para fazer a festa. Bastava uma batucada com cerca de 40 homens, à frente alguns componentes sambando (mulheres eram minoria) e – diante de todos – o porta-estandarte. Ainda não havia nem mestre-sala nem porta-bandeira, portanto era a ele que cabia a tarefa de carregar o pavilhão. Em vez das cores e o símbolo do bloco, como hoje, o estandarte – uma faixa de tecido estendida na vertical – geralmente trazia no alto a frase “Academia Carnavalesca Brinca Quem Pode apresenta...”, seguida de um desenho ilustrativo da fantasia daquele ano, e era ataviado nas bordas com franjas. Entre os porta-estandartes do Brinca Quem Pode lembrados ainda hoje pela dedicação e desenvoltura, estão o sambista conhecido como Catolé e uma componente de nome Zalita. Com essa estrutura incipiente, o bloco não desfilava com mais de 100 pessoas.

Era uma nova fase, sim. Afinal, os blocos agora tinham sob seus pés um palanque que os deixava acima do povo – em partes, pelo menos. A partir de então, eles não passavam mais batido: subiam ao palco, paravam a batucada e ali em cima alguns integrantes tinham seus minutos de atores. De fato, era uma encenação – sem diálogos, mas com o tempero da narrativa. Porém, nem sempre as coisas aconteciam dentro do planejado. Em 1973, por exemplo, o Brinca Quem Pode desfilou fantasiado como o povo maia (e foi o campeão). Ao chegar ao palanque, como previsto, aconteceu a apresentação. No centro do palco, acendeu-se uma fogueira de verdade, pois era ao redor dela que o pajé deveria simular um transe religioso. E assim ele o fez – com tamanha entrega que não viu quando uma parte da fantasia tocou as labaredas. Antes que o fogo se alastrasse sobre todo o corpo, alguns componentes, assustados, subiram ao palco e conseguiram debelar as chamas na roupa. O público não suspeitou de nada, e a quase tragédia, de tão realista, foi aplaudida delirantemente. E o pajé?

– Ele chegou em casa todo sapecado! Todo sapecado! – diagnosticava Jane dos Reis, aos risos e não sem uma pitada de sadismo.



*Jardim em polvorosa: acima, passista do Brinca Quem Pode nos anos 1970; abaixo, o tablado de madeira, montado para o desfile dos blocos*



Em outro caso, a culpa não foi tanto do ator. Dessa vez, contava-se (ou ignorava-se) com a imprevisibilidade do reino animal. A ideia da apresentação era que Osmar da Silva subisse o palanque em cima de um cavalo branco – o que estava sendo aguardado pelo bloco como um trunfo. Só que ninguém esperava pelo pior. Foi quando, exatamente na hora em que deveria cruzar a rampa, ainda no chão, o cavalo empacou. Sob olhares atônitos, Osmar açulava o animal tentando mostrar a ele quem realmente mandava ali. E nada. Foi então que Paulinho Baeta, já impaciente com aquela insubmissão equestre e vendo o tempo correr, ordenou que se cancelasse a encenação. Pelo canto, entre o palco e a calçada, Osmar foi se retirando, montado sobre o seu cavalo insolente.

Mas o carnaval de rua está sujeito mesmo é aos humores da natureza. E em Laguna a situação torna-se ainda mais claudicante por causa do vento nordeste. Quando cisma de soprar, ele desconhece meio-termo – como deixou bem claro quando o Brinca Quem Pode desfilou em 1968 com a fantasia *Eric, o Ruivo*. Para aquele ano, a comissão organizadora resolveu mudar o itinerário do desfile oficial. Em vez de o início ter sido em frente à loja Casa Hoepcke, próximo ao Cine Mussi, começou-se pelo fim: o ponto de partida foi então diante do hotel Rio Branco, entre as ruas Raulino Horn e Barão do Rio Branco. O “nordestão”, como se diz na cidade, soprava infernal naquela noite. Pior para os homens da batucada, obrigados a se comportar como malabaristas: além de se esfalfar com surdos e tamborins, tinham a quase impossível tarefa de segurar os seus chapéus com uma das mãos – do contrário, eles iriam literalmente pelos ares. Só que o corpo a corpo com a ventania era apenas o começo.

Para aquele ano, a apresentação arquitetada nos mínimos detalhes devia reproduzir uma guerra. Havia um castelo cercado por uma muralha aparentemente intransponível, mas à beira de ser invadido pelo exército dos inimigos do rei. O qual, cioso, mandou que se fechassem todas as entradas. Porém, ninguém sabia que as espadas dos invasores tinham o poder quase sobrenatural de romper a tal muralha – que na verdade era uma faixa de papel pintada, segurada nas extremidades por dois moleques. O problema foi que eles a esticaram demais. E aí ficou fácil para o vento: em uma ou duas lufadas, rasgou impiedosamente a tira ao meio. A horda, que estava pronta para o ataque, não sabia o que fazer. Até que alguém mais descolado gritou “atacar!”, e assim foi feito – mesmo sem muralha –,

para, entre duelos de espada, carregar nos braços a rainha desmaiada. A qual, em outra apresentação, quase passou despercebida.

Todos os blocos haviam desfilado, só faltava o Brinca Quem Pode. Os minutos iam passando, e nada. Alguns torcedores, frustrados, começavam a ir embora quando, de repente, ouviu-se ao longe o naipe de metais da batucada: Paulinho Baeta e Arturzinho no pistom e Manequinha do Ataliba no trombone. Os tímpanos mais atentos detectaram logo que era de fato a turma da Roseta, afinal o som que vinha era a própria marchahino do bloco. Os que pensavam em ir para casa retornaram aos seus lugares. Mas o desfile estava aquém do esperado. Nas calçadas, a torcida – já ouvindo risinhos de escárnio da turma do Xavante – perguntava-se:

– E o carro? Cadê o carro?

– Não ficou pronto – respondiam alguns.

Mas informações desencontradas também fazem parte do espetáculo. Onde circulou outra versão, talvez mais trágica (e não menos impossível):

– Quebrou no caminho.

Em todo caso, engoliu-se o choro e, sob a fanfarrice dos rivais, o Brinca Quem Pode pegou o caminho de volta para casa. Até que, na região da praça da Bandeira, a surpresa – empurrado por alguns componentes do bloco, os foliões depararam-se com nada menos do que o próprio carro alegórico. Eles se entreolharam e concluíram: deveriam, todos, voltar para o jardim. Lá, quem sabe com público menor, a alegoria pôde enfim ser apresentada. Era um carro de mutação em forma de castelo, que, ao se abrir, deu passagem para os representantes da realeza: a rainha secundada pelos pajens. (Sim, rainha era mesmo uma constante nas encenações. Em 1970, por exemplo, o papel seria de Elilda de Souza D’Espíndola, mas, impossibilitada pela gravidez, teve de ser substituída por Janice dos Reis. O tema era *Favoritos da Deusa Malaia*, e a *mise-en-scène* consistia em uma luta entre os integrantes. O grupo vencedor da peleja era investido do direito de ficar com a deusa.)

Só não pense que as falhas durante as apresentações fossem exclusividade do bloco de Paulinho Baeta. Entre as outras vítimas, está, por exemplo, o Amigo da Onça, quando certa vez trouxe para o palanque a réplica de um canhão. Ciente do poder de fogo daquela arma, pelo menos quanto ao estrondo, o apresentador tratou de alertar:

– Agora, pessoal, vamos tapar o ouvido, que é um grande estouro de canhão!

A encenação no palanque era o momento mais aguardado do desfile. Quando um bloco anunciava o seu início, todos se acotovelavam diante da passarela disputando o melhor ponto de vista – uns chegavam inclusive a subir nas árvores do jardim. Pois ante o aviso, o público não quis arriscar a ter os tímpanos estourados. Sob olhares ansiosos, o rastilho, encarregado de detonar o ruidoso armamento, foi consumindo a pólvora até chegar ao ponto exato da explosão.

Diante do esgar de decepção vindo da calçada, o locutor apressou-se em se desculpar:

– Eu acho que a pólvora estava molhada.

No Brinca Quem Pode, as apresentações eram arquitetadas quase sempre por Paulinho Baeta e Bento Pascoal, funcionário do Cine Mussi. Daí o fato de muitas delas terem sido inspiradas em filmes épicos exibidos naqueles tempos. Esta fase, em que o cortejo estancava para, em cima do palanque, alguns componentes encenarem de uma guerra entre impérios a um transe indígena, acabou em meados dos anos 1970. Segundo o atual presidente da escola, Joel dos Reis, o último desfile sobre aquele tablado de madeira aconteceu em 1975, quando o bloco levou à rua o tema *Espantelhos do Tibet*. Mas foi no ano imediatamente anterior que se deu uma das encenações mais lembradas pelos torcedores.

Em 1974, as fantasias gravitavam em torno do mitológico rei Netuno – mas não esqueça: ainda não seria dessa vez que o Brinca Quem Pode assumiria a estrutura de escola de samba. Maria Salete Geraldino – *habituée* das apresentações no palanque – ficou com o papel de sereia. O bloco foi chegando, a batucada posicionou-se diante do tablado, e o restante dos foliões estancou-se por ali também. Foi então que a sereia subiu ao palco, cercada por suas quatro iaras. Agora, os ritmistas já não tocavam o andamento frenético das marchinhas. O momento pedia algo mais cadenciado, que se encaixasse na música escolhida para temperar a encenação. Enquanto a sereia era galanteada por um Netuno sedutor, alguém soltava a voz interpretando os versos da ciranda: “Eu vi a sereia cantar/ A melodia era triste/ Que me fez chorar/ Sereia, sereia, sereia do mar...”.

Mas antes de 1975, quando os seletos bailes de salão já estavam

abandonando o rigor e permitindo a entrada de qualquer um desde que pagasse, o carnaval de rua (pós-1946) havia sofrido outras sacudidelas. Uma delas, em 1969, foi o gérmen do que mais tarde seria a imposição de um estilo: o desfile da Vila Isabel em forma de escola de samba.

# LONGE DA PASSARELA, O CHOQUE DE GERAÇÕES

**O RADIALISTA** João Manoel Vicente tinha comprado uma briga com a turma dos blocos. Para ele, mesmo que alguns quisessem, não podiam ser considerados escolas de samba. E os enredos? Alas? Mestre-sala e porta-bandeira? Onde estavam? Um punhado de gente fantasiada sambando à frente da batucada tinha o seu barato, mas não guardava quase nenhuma semelhança com os desfiles das famosas agremiações cariocas, que só contariam com o sambódromo Marquês de Sapucaí a partir de 1984.

João estava a uma das mesas do bar Night and Day, no térreo da rádio Garibaldi, à rua Raulino Horn, quando Osmar Fernandes arredou a cadeira e sentou-se ao seu lado. O qual, entre um assunto e outro, chegou onde realmente pretendia.

– Tu que fala tanto que nós não temos escola de samba, por que não pega a presidência do Vila Isabel?

No rádio desde 1956, João Vicente não esperava por isso. Aliás, nunca passara pela cabeça atuar ativamente – não só como locutor – no carnaval. Tanto que sua reação natural foi declinar ao convite.

– Tô cansado. Tô desde 58 na presidência, não guento mais – argumentou Osmar, tentando causar comiseração no amigo.

Mas João estava decidido e continuou firme em sua posição. Até que entrou o fator político. Em 1969, haveria as eleições municipais, nas quais Ronaldo Pinho Carneiro pretendia candidatar-se a prefeito de Laguna. Em uma das conversas com o radialista, informou-lhe que conseguira articular ao seu favor o apoio dos integrantes de Mangueira e Amigo da Onça. E que só faltava cooptar a turma da Vila Isabel para ter todo o morro ao seu lado. Acontece que João era casado com uma das sobrinhas do ex-prefeito e duas vezes deputado estadual (1959-1962/1963-1966)

Walmor de Oliveira, que pretendia também eleger o seu candidato. Daí sua oposição a Ronaldo Pinho Carneiro.

Mesmo acreditando que seria impossível o adversário unir Mangueira e Vila Isabel – rivais porque esta é dissidência daquela –, julgou por bem intervir. Afinal, em política nada se sabe. Foi então que chamou Osmar Fernandes para uma conversa e o aconselhou:

– Osmar, faz o seguinte: tu convida o Jorge Marcondes de Oliveira, que o Jorge é um grande artesão e quando ele se interessa leva a coisa pra frente, vai lá e convida ele.

O que João queria era que Jorge assumisse aquele rabo de foguete. Porém, sua estratégia não deu certo. Diante de um Osmar alquebrado, arregaçou as mangas e pedia calma. Até porque Jorge era primo de Walmor de Oliveira, e uma conversa ao pé de ouvido, com cada palavra pinçada cuidadosamente, pode pôr qualquer um de joelhos. Nesse meio-tempo, o Night and Day já havia se transformado em Monte Carlo, e foi dali que o radialista viu a presa passar. Antes que fosse tarde demais, chamou-o, colocou a proposta na mesa e deixou claro que Ronaldo *não* poderia ter sob domínio o morro inteiro. (Nessa época, o jovem Ronaldo, hoje com 77 anos, estava se estabelecendo como advogado. Prestes a ver a carreira do filho perturbada pelo cargo de prefeito, os pais imploraram para que dissesse não à Arena. O apelo deu certo, e, no lugar dele, candidatou-se Saul Ulysséa Baião – o vencedor do pleito.) Sendo assim, Jorge aceitou. Mas com uma condição:

– Eu aceito, se tu for meu vice.

Como fosse influente na cidade por ser radialista, João era amiúde convidado para compor diretorias. Na verdade, os convites eram mais por mesuras, em troca do apoio dele na Garibaldi. Foi o que pensou que aconteceria na Vila Isabel. Mas o carnaval estava se aproximando, e nada de Jorge, como presidente, iniciar os preparativos. Dessa forma, não demorou para que os integrantes da agremiação chamassem João às falas, afinal tinha sido ele quem indicara o presidente. Sem saída, assumiu a tarefa que nunca pensara cumprir: organizar um desfile.

Com a Vila Isabel nas mãos, viu-se obrigado a abandonar os discursos e fazer na prática o que considerava uma autêntica escola de samba. A primeira providência foi escolher o enredo, que é a espinha-dorsal de toda a apresentação. Entre uma e outra ideia, chegou-se a *José*

*do Patrocínio: o Tigre da Abolição*, com que a entidade (agora sim, com cara de escola) desfilou na avenida em 1969. Mas era só o começo, ainda faltava a trilha capaz de narrar aquilo a que o povo espremido na calçada estaria assistindo em alas. Para isso, havia o samba-enredo (um gênero mais respeitado depois que Silas de Oliveira compôs *Aquarela Brasileira* para o carnaval de 1964 da Império Serrano, no Rio). Enquanto João Vicente descrevia a história, o próprio puxador da escola, Helinho da Vila, e Odenir do Nascimento, que peitaram o desafio, iam rabiscando os versos em um papel, a uma das mesas do Monte Carlo. Pronto, estava feito o primeiro samba-enredo do carnaval lagunense.

Mas o pioneirismo não poderia passar despercebido. Até então, o único sistema de som era gentileza das duas emissoras instaladas na cidade. Elas cediam o microfone e os alto-falantes – um ficava em frente à sede da rádio Garibaldi, na Raulino Horn, e outros dois, fornecidos pela Difusora, situavam-se respectivamente na esquina da Raulino Horn com a XV de Novembro e próximo ao jardim Calheiros da Graça. Foi aí que João resolveu improvisar. Em um carrinho de madeira, adaptou uma corneta e uma bateria para alimentá-la. O qual era conduzido por um dos integrantes da escola, enquanto Helinho da Vila cantava o samba da própria lavra – agora, com maior repercussão. No entanto, para Helinho, isso teria acontecido em 1971, quando a Vila Isabel desfilou com *Festa para um Rei Negro*, enredo do Salgueiro, do Rio, também para aquele ano. Ainda assim, no cortejo, não podia faltar o casal de mestre-sala e porta-bandeira, representado então por Celso Brum e Maria Júlia.

Entre os blocos de rua mais antigos, é difícil saber quando surgiram as primeiras composições próprias. Em crônica do jornal *O Albor* de 1957, o redator cutucou os músicos lagunenses dizendo que, ao menos para o carnaval daquele ano, “puseram as manguinhas de fora”. Tanto foi que *Camisa Amarela* (“Vesti a camisa amarela/ E fui para a avenida sambar...”), do compositor lagunense Fernando Egghert, já figurava no topo das mais tocadas. Se não bastasse, ele, que era irmão do carnavalesco Zaverio Egghert (por essa época, chefe da comissão de fantasia do Bola Branca), foi também o autor da marcha com que o Xavante *supostamente* desfilaria. Por ser uma fase de ânimos aflorados, em que os boatos eram estrategicamente moedas correntes, nem tudo poderia se confirmar nas apresentações.

O Brinca Quem Pode, por exemplo, teria sido presenteado com duas marchinhas. Uma tinha a assinatura do maestro lagunense Manoel Bessa, e a outra permaneceu em anonimato – mas bem que poderia ser a de Mauro Camilo, composta nessa época e que se identificava tanto com o bloco que se tornou o seu hino. A letra não dava margens a dúvidas: “Eu sou do Brinca Quem Pode/ Pois ele mesmo é o tal/ No samba, frevo e na marcha/ Nas coisas de carnaval/ Brinca Quem Pode, Brinca Quem Pode/ Quando ele sai, a cidade se sacode/ Deixa lado a fantasia/ A sua batucada só nos traz muita alegria”. Curta e animada, como manda a cartilha das marchinhas, traduz o que era o bloco naqueles tempos. Sem pretender então se enquadrar na rigidez da estrutura das escolas de samba, aceitava-se qualquer ritmo (não só samba-enredo) – desde que a batucada (e não bateria) tivesse fôlego, é claro.

Por causa do mau tempo, o desfile de 1957 teve de ser transferido de segunda para terça-feira. O que não é muito difícil de acontecer em carnaval de rua – tanto que a partir de 1959 a apresentação oficial passou a ser na segunda-feira; caso chovesse, haveria o dia seguinte. O fato novo foi se ter formado pela primeira vez, considerando a crônica carnavalesca, uma comissão julgadora para apontar quais foram os melhores. Mais uma vez, lá estava o grande estrado de madeira sobre o qual os blocos fariam as medidas ao júri. Entre os grandes, o primeiro a desfilar foi o Xavante, imediatamente seguido pelo Bola Preta aproveitando a batucada. Depois passou o bloco de salão Protegidos da Princesa, para dar lugar ao Brinca Quem Pode fantasiado de *Príncipes*. Logo atrás, vieram os dândis do Bola Branca e seus trajes de *Caudilhos Cubanos*, sambando ao batuque da arraia-miúda.

Encerrado os desfiles, quase ninguém deve ter pensado em voltar para casa – em poucos minutos, ocorreria a premiação dos vencedores. *O Albor* fala em duas categorias, A e B, mas não entra em detalhes sobre elas. Pelos premiados, a primeira deve se tratar dos blocos de rua, e a segunda, dos mais abastados dos salões. O resultado, previsível, não se deu como hoje, em que o campeão é aquele que amalha mais pontos. Talvez os jurados, na dúvida trazidos de fora, quisessem agradar a todos. Por isso, a apuração foi dividida em três itens – e, para cada qual, um laureado: no conjunto, pelo todo da apresentação, Brinca Quem Pode; na fantasia, Xavante; e no ritmo, Mangueira. O mesmo provavelmente não se repetiria

nos anos seguintes, pelo que se deduz da cobertura do carnaval de *O Albor*. O tablado de madeira foi mantido, menos a comissão julgadora, que teria sido substituída pela opinião abalizada do povo, como informou em uma edição do início de março de 1963.

O ano de 1958, quando estreou aquele que a partir de meados da década de 1980 seria a principal potência do carnaval lagunense – o bloco Os Democratas –, também foi de eleições. E o então prefeito Walmor de Oliveira, que tanto investiu nos folguedos (para aquele ano, por exemplo, ordenou que se decorassem as ruas mais importantes do centro como a um bairro chinês), devia estar contando com o apoio dos foliões. Afinal, colocara o nome na disputa para uma vaga na Assembleia Legislativa. Não teria sido por acaso, como sugere Aloísio Reis, que ele doou terrenos de propriedade municipal para Brinca Quem Pode, no recém-criado Núcleo Residencial da Roseta, e Xavante, no bairro Magalhães – exatamente nesse período de campanha. Pois na votação do dia 3 de outubro o povo soube retribuir e o elegeu deputado (inclusive, na eleição seguinte, o reelegeria). Como Walmor de Oliveira teve de renunciar ao cargo de prefeito, no dia 28 de janeiro de 1959 os vereadores reuniram-se na sala de sessões da Câmara para escolher o seu substituto – e sufragaram a chapa de José Duarte Freitas.

Quando o terreno foi doado para o Brinca Quem Pode, tudo ali não passava de cômodos de areia. As únicas casas existentes ficavam nas atuais Comandante Moreira e Coronel Fernandes Martins, enquanto a área de terra cedida pela prefeitura estava onde hoje se encontra a sede da escola, à rua Santa Rita de Cássia. Mesmo que só fosse ter prédio próprio a partir de 1968, o agrado do então candidato Walmor de Oliveira marcava o enraizamento do bloco na Roseta – a qual até 1929 era praticamente deserta. O núcleo foi surgindo em consequência do recuo da lagoa Santo Antônio, potencializado pelo assoreamento provocado pelas areias trazidas com o vento nordeste (sim, o violento “nordestão”). Ao aterramento natural, seguiram-se outros, pela ação do homem – inclusive os perpetrados durante a instalação dos trilhos e da estação da Estrada de Ferro Dona Teresa Cristina, no Campo de Fora.

Entre os primeiros moradores, estava Tomásia Altina de Sousa. Nascida no dia 3 de maio de 1865 em Imaruí, passou por Lauro Müller até ir para Imbituba, quando decidiu mudar-se para a vizinha Laguna.

Ao chegar a cidade, precisava de um terreno onde pudesse construir uma casa. Procurou o prefeito da época (possivelmente era João Guimarães Cabral, cujo mandato foi de 1923 a 1930), que lhe sugeriu o morro da Roseta. Aliás, o nome da localidade deve-se justamente ao fato de ali existir em abundância a gramínea espinhenta capim-roseta – e olhe que, nessa época, os moradores eram tão pobres que não tinham dinheiro para os chinelos, sendo obrigados a perambular *descalços* por aquele chão salpicado de espinhos.

Menos quando Tomásia atendeu ao convite do padre para que levasse os meninos da Roseta às missas na Igreja Matriz, os quais estavam sendo catequizados por ela – católica fervorosa – dentro da própria casa. Entre aqueles moleques, estava Vitor Sousa (mais tarde, baixista do Capri) – que garante ser o primeiro a nascer ali, no dia 12 de abril de 1930. Por nascer ali, entenda-se que o parto foi feito no casebre mesmo, pelas mãos de uma parteira, como era costume na época. Diante do convite, a religiosa reagiu temerosamente:

– É melhor não, padre.

– Mas por que, dona Tomásia?

– Porque aqui só tem pobre. Chegando lá, o pessoal do centro vai rir, e não vai dar certo.

– Bobagem, pode ir que isso não vai acontecer.

Diante dessa garantia, Tomásia acabou cedendo. Como quisessem fazer bonito, os meninos da Roseta, pelo menos dessa vez, foram todos calçando desconfortáveis tamancas de madeira. Se não bastasse, ainda tinham as alças – feitas com uma borracha muito dura. Mas, ao chegarem ao jardim Calheiros da Graça, o que a religiosa tanto temia aconteceu. Foi quando algum bem-nascido menino do centro, vendo surgir aquela criança toda em tamancos, soltou o grito de guerra:

– Olha lá, os pés de bicho da Roseta!

E eles não estavam dispostos a levar aquele desaforo para casa. Partiram para cima de qualquer inimigozinho que encontrassem pela frente – mesmo que, até então, estivessem em missão de paz. Para cada canto que se olhava, havia um moleque da Roseta atracado a um do centro. Tomásia e até o padre, com batina e tudo, tentaram apartar. Mas a batalha era tão renhida que só a muito custo, com o fôlego em frangalhos, foi que os dois adultos conseguiram debelá-la.

Com o aumento do rebanho de catequizandos, Tomásia viu-se obrigada a buscar um espaço maior, que desse conta de abrigá-lo. Sem alternativa melhor, passou a dar catequese pela relva mesmo ou dentro das canoas dos pescadores, que eram a maior parte dos moradores da Roseta. Para ajudar na lida, convidou Maria Cabreira e Nail Ulysséa, duas representantes da elite lagunense. E foi a própria Nail que conseguiu o aval do pároco Bernardo Philippi para que angariassem recursos, com que foi possível comprar uma casa de madeira por 15 mil réis, à rua Comandante Moreira, nos fundos da atual igreja. Estava arranjado o oratório. Mas faltava um santo para ser o padroeiro. Novamente, recorreram ao pároco, que cedeu uma imagem de Nossa Senhora do Rosário, até então abrigada no forro da Matriz. Nail tratou de restaurá-la, tirou-lhe o rosário das mãos e o substituiu por um cetro – agora seria Nossa Senhora Auxiliadora. A qual foi levada em procissão da casa dos Ulysséa, na hoje praça República Juliana, para o oratório no dia 21 de novembro de 1937.

Em meados dos anos 1930, a Roseta já contava com 25 famílias, o que tornou ainda menor aquele oratório. Em 1945, ele foi substituído por uma capela de alvenaria – que, por sua vez, em 1969 foi trocada por outra, ainda maior, à rua Coronel Fernandes Martins. Salvo algumas reformas, permanece em atividade até hoje. Nesse meio-tempo, é claro que a localidade também se transformou.

Os casebres não eram mais iluminados por lamparinas com querosene, como início da ocupação. E a partir dos anos 1970, quando a Roseta já se tornara bairro Progresso, chegaram os primeiros investimentos em infra-estrutura, iluminação pública, água encanada e calçamento da avenida Calistrato Müller Salles, atraindo para a sua margem algumas famílias da classe média.

Tudo na Roseta (nem todos engolem o nome Progresso) é informal, sem pompa nem circunstância. Um almoço de domingo para comemorar absolutamente nada pode se estender até a noite, regado a algumas caixas de cerveja e com os comensais se acabando como se não houvesse segunda-feira. Mas tem também as festas que terminam em briga ou são forçadas a terminar – é alta madrugada, a vizinha quer dormir, não gosta de som alto e resolve chamar a polícia, afinal isso configura perturbação do silêncio alheio. Daí que o bairro bem que poderia ser um enclave carioca em Laguna. Não por ser um completo subúrbio carioca,

daqueles cantados em samba por Zeca Pagodinho. O que a Roseta tem é a encantadora alma suburbana.

Tem o mercadinho de esquina com as dívidas dos clientes anotadas em cadernetas a serem pagas quando se puder; o terreiro de Umbanda; o campo de futebol; a pracinha abandonada; a escola em que o bairro inteiro estuda. Há, claro, o marido acima de qualquer suspeita que trai a mulher com a vizinha loira cujo esposo também está acima de qualquer suspeita. E pontuando toda relação social: a fofoca. Como a história corrente da dona de casa que colocou a panela de pressão ao fogo para o almoço e voltou aos cômodos para continuar a faxina. Ao retornar à cozinha para conferir o preparo, cadê a panela? Havia sido levada, ainda em fervura, por algum gatuno esfaimado – em pleno dia. Ou o caso das calcinhas. Certo dia, a mãe, já viúva, e a filha saíram de casa e deixaram as peças no varal, expostas ao sol. Quando voltaram, ainda no caminho, foram encontrando todas as calcinhas jogadas à lama, na beira da estrada. Pensaram que fosse estripulia do “nordestão”, mesmo que no lodo estivessem apenas as da mãe, em tamanho bem maior. Para se certificar, foram ao varal nos fundos da casa e se depararam apenas com os fios depauperados. Conclusão das duas: devia ser coisa de alguma ladra ciosa de conforto, o que explica o trabalho de selecionar o butim segundo os próprios padrões ergométricos.

E é só na Roseta que se vai do céu ao inferno apenas cruzando a rua. De um lado da esquina, erguem-se a Igreja de Nossa Senhora Auxiliadora e seu funesto necrotério. Do outro, um bar, daqueles em que uma mesa de sinuca preside o centro e, aos fundos, fervilha um cassino improvisado. Os *habitués* jogam cartas e dominós, mas quem perde uma partida não sai falido. Os homens (só eles o frequentam) costumam pôr em jogo alguma quantia em dinheiro mas não muito, garrafas de cerveja e até inocentes litros de refrigerantes. Fez a fama como Bar Cruzado, mas, depois de um tempo, fechou as portas para dar lugar a uma casa de videogame em meados dos anos 1990 – que durou pouco tempo.

O fim do negócio deu-se por causa de um incêndio provocado por curto-circuito, que reduziu a cinza televisores e videogames. A tragédia aconteceu numa noite de verão e só não foi pior porque os vizinhos agiram rapidamente com baldes e mangueiras. Reformado o espaço, fez-se valer a máxima segundo a qual o bom filho a casa torna. Na nova fase, passou-se a chamá-lo informalmente de Bar do Cabeça. Foi ele, o Cabeça, quem

assumiu as rédeas do negócio, depois que o pai cansou-se do falatório pastoso da clientela embriagada. Na verdade, Cabeça chama-se Gelson – e nem exibe uma cabeça diferente das demais a ponto de ser apelidada.

A Roseta está para o Brinca Quem Pode, assim como a praia do Mar Grosso esteve para os banhos de mar à fantasia. Um dos primeiros a sair em jornal (pós-1946) foi o de 1959, ao qual compareceram, em um dos últimos domingos de janeiro, dos blocos de sempre a foliões avulsos, todos trajando roupas feitas em papel crepom – a não ser os mais pobres, que improvisavam com um humilde papel de embrulho cor-de-rosa. As areias ficaram coalhadas durante aquela manhã ensolarada, enquanto as batucadas se esfalfavam para manter a animação até que as indumentárias fossem destruídas durante os mergulhos. Mas é claro que por baixo os foliões usavam roupas normais, resistentes à água.

Os últimos banhos de mar à fantasia aconteceram em meados dos anos 1970 (período que coincide com o fim de Bola Branca e Bola Preta, impossibilitados de manter o luxo das indumentárias). Em um deles, estava Nilson Rafael, hoje com 72 anos. À época, fazia parte da batucada do Brinca Quem Pode tocando surdo de repique: um tambor tangido com duas baquetas, em uma batida que lembra o atual surdo de terceira, encarregado de dar o ziriguidum ao bumbum dos surdos de marcação. O bloco todo estava na praia lotada, comendo, bebendo e batucando, com que era de se esperar que ninguém quisesse arredar pé tão cedo. Mas dois integrantes estavam com pressa: Almiro Pacheco dos Reis e Luiz Benedito dos Santos, ambos com a responsabilidade de transportar de volta para casa aquela gente toda em um caminhão. Para eles, encerrado o banho, não havia mais nada a se fazer ali. Só que os demais estavam dando de ombros, nem aí para o horário. Irritados, os dois embarcaram na boleia e partiram. Os que ficaram, inclusive Rafael, tiveram de ir embora a pé – pelo morro da Glória e com os instrumentos nas costas.

A partir dos anos 1960, o carnaval já era chamariz no turismo lagunense. Pena que o primeiro da década, em 1960, foi debaixo de aguaceiros fortes e sucessivos. Mas, entre uma bâtega e outra, é claro que o povo foi às ruas. Como fez o Brinca Quem Pode na segunda-feira, quando se apresentou com o tema *Budistas*. Melhor para Selma Antonio de Sousa – mesmo em condições desfavoráveis. É que esse desfile foi a sua estreia como rainha do bloco, o que era bastante usado na época (talvez

como cópia do que Bola Branca e Bola Preta já faziam, tempos atrás). Para ser eleita rainha do bloco, a candidata submetia-se a uma disputa bem prática: ganhava quem vendesse mais bilhetes. Não bastasse o temporal, ainda faltou energia elétrica. O jeito, para variar, foi improvisar. Alguns carros foram estacionados de frente para a passarela com os faróis acesos, com que a rainha Selma, pajens e súditos puderam concluir a apresentação, ainda que encharcados.

O rival Xavante deixou para a terça-feira – e só desfilou para evitar que as fantasias permanecessem trancadas no armário, porque a chuva ficara cada vez mais intensa. Mas o mau-tempo devia ser quase nada para eles, afinal haviam se fantasiado de *Guerreiros da Grécia Antiga*. Nesse mesmo ano, *O Albor* informou que Laguna contaria com um novo bloco: Vila Isabel, que teria sido recentemente criado por um grupo dissidente da Mangueira. O único problema é que, oficialmente, a hoje escola foi fundada dois anos antes, em 13 de maio de 1958. Outra que apareceu como novidade, mas no ano seguinte, em 1961, foi a Portela, do bairro Portinho (vizinho à Roseta). E, ainda então, a crônica carnavalesca já estrilava contra o andamento das batucadas, que, segundo afirmou, estava cada vez mais acelerado: “ao ponto de nem permitir às cabrochas respirarem entre uma frase e outra”. Só que as reclamações não paravam por aí.

Durante os ensaios pelas ruas – que costumavam iniciar cerca de um mês antes do carnaval, às vezes desde os primeiros dias de janeiro –, os blocos tinham a deliciosa mania de se encontrarem. Mas não para batucarem juntos, irmanados: eles “procuravam-se” para rivalizar, com cada um tocando do seu jeito, mais forte do que o outro. O resultado era uma cafarnaum musical. Eles só concordavam em uma coisa: o repertório. Daí que os blocos não abriam mão de canções como *Cantareira*, *Letra J* e *Olha o Rebolado* – para desgraça de alguns críticos mais ranzinzas, que cobravam variedade.

A maior preocupação mesmo era se divertir. O Brinca Quem Pode, vez ou outra, apresentava um carro alegórico – como em 1961, quando trouxe sobre uma alegoria a escultura de um melão. Como fosse de mutação, quando aberta revelava a rainha do bloco sentada no trono. Só que não tinha muito (ou nada) a ver com o tema do desfile: *Cavaleiros Australianos*. Afinal, o seu forte eram batuque e samba no pé, os carros que ficassem sob responsabilidade de outros. O que, aliás, foi

muito bem diagnosticado pela crônica em 1962, ao apontar a coexistência de três modalidades de carnaval: os conhecidos blocos de salão e os de rua (chamados de escolas de samba, sem sê-las de fato) e, a novidade da estação, as redivivas sociedades carnavalescas Respingados, do Magalhães, e Pingos e Respingos, do Campo de Fora – esta agora encarnada em Os Democratas. Era, portanto, com os dois últimos – os principais detentores do *know-how* – que estava a tarefa de apresentar os carros alegóricos.

Sem carnavalesco, eram alguns integrantes que decidiam o tema da fantasia. Podia ser uma ideia pinçada de um filme ou – mais comum – tirada das fotos estampadas nas páginas de revistas como *Manchete*, *Cruzeiro* e *Fatos e Fotos*, que ofereciam ampla cobertura do carnaval carioca. Mas não era algo que se pensasse com antecedência. O grupo se reunia uns três meses antes do desfile, afinal eram poucos componentes e nem mesmo havia muito dinheiro para a confecção das roupas. Como a ajuda da prefeitura fosse incerta, só se podia contar com a contribuição dos integrantes e com o que se amealhasse do comércio e autoridades – o chamado livro de ouro.

– Naquele tempo era brabo. Nós, pra fazer carnaval, nós tinha que tocar baile aí, eu e o Paulinho Baeta, tocar pistom a noite toda pra angariar dinheiro pra escola. Naquele tempo, era abaixo de sacrifício, pra brincar mesmo – observa Antonio Paulo Bento, o Bugre.

Outros, que talvez não levassem muito jeito para a música, ajudavam com o que tivessem mais à mão. Era o caso de Zoê Fernandes de Sousa (mãe de João de Sousa Júnior, expulso do bloco nos anos 1970), que não se contentava em somente costurar algumas fantasias para os desfiles. Para arranjar dinheiro, atracava-se a algumas galinhas que criava soltas pelo quintal da casa, matava-as e depois, já assadas, as colocava em sorteio. O que rendesse da rifa servia para encorpar as parcas economias do Brinca Quem Pode. Mas o reduto – o primeiro – onde as mulheres reuniam-se para costurar os trajes que seriam exibidos no carnaval ficava em uma casa que, nos anos 1960, daria lugar ao barracão da Igreja Nossa Senhora Auxiliadora. Era ali onde pontificava a costureira-chefe, Maria Miguel, a dona do casebre, que tinha o hábito de inventar uniformes a serem usados pelas mulheres do bloco nos ensaios pelo centro. Um dia, ela decidia que deviam ir de camisa branca e calça preta. Em outro, enrolavam toalhas nos bustos como se fossem bustiês.

Durante os preparativos, tudo o que se estava produzindo na casa era protegido como segredo de Estado. Do contrário, podia acontecer de a fantasia ser “furada”: o que significava assistir ao bloco rival desfilando – ainda no pré-carnaval – com os mesmos trajes que se estava fazendo, só para minar o impacto no desfile oficial. Para evitar o golpe, preparava-se um plano de guerra. Enquanto uns trabalhavam, outros ficavam do lado de fora encarregados da ronda, atentos ao menor sinal inimigo. No reduto, o cuidado também era grande. As janelas tinham de ser tapadas – e até mesmo as gretas das paredes eram calafetadas com panos e papéis. Chegava-se ao paroxismo quando algum componente batia à porta para provar a fantasia. Uma das costureiras ia o receber ainda na soleira e, ali mesmo, acredite, vendava os olhos dele. Só então podia entrar para testar o caimento da roupa, geralmente feita com cetim ou chitão.

– A gente não sabia nem qual era cor da fazenda: se era azul, encarnado. Só na hora do desfile – conta Nilson Rafael.

Junta-se o sigilo absoluto aos recursos escassos, e o resultado nem sempre era algo a contento.

– A gente saía com cada fantasia feia! Saía porque não via, não podia ver. A gente era pequena e lá ia, né? – recorda Maria Salete Geraldino, a qual adianta que nem todos calavam-se, resignados. – Outras falavam, brigavam, reclamavam. Só que não pagavam.

Entre os sustos que levou ao se deparar com as fantasias, Maria Salete destaca a confeccionada para o desfile de 1963, quando o Brinca Quem Pode apresentou o tema *Bumba meu Boi*. A não ser pela época, ninguém suporia, ao ver o traje, que fosse carnaval: apenas camiseta e uma curta saia vermelha com bolinhas brancas – nada mais do que isso. Com o que se poderia flunar pelas ruas no dia-a-dia, sem ser perturbada ou contemplada como se fosse alienígena.

Até que Maria Miguel mudou-se para Florianópolis. Escolher um novo local para os trabalhos não foi difícil: bastou caminhar alguns metros até a casa de Paulinho Baeta. Com uma ou outra adaptação, estava pronto o novo quartel-general das costureiras, agora lideradas por Adelina – e o sigilo continuou o mesmo. Ninguém recebia um tostão, ainda assim as máquinas não paravam antes da madrugada.

Os homens passavam ao largo do ateliê, só entravam ali para levar café e Coca-cola – uma dobradinha sorvida para manter os olhos

arregalados até altas horas. Mas nem sempre a mistura adiantava.

– Às vezes de madrugada, a dona Adelina dava uns berros, porque cochilava e acordava com as agulhadas da máquina no dedo – descreve Selma Antonio de Sousa, que também se esfalfava no corte e costura.

Como não era hábito ter-se comissão julgadora, cabia ao povo apontar qual bloco foi o campeão – e o povo, como ensinou Joãozinho Trinta, gosta do luxo: o que lhe enchia os olhos eram as fantasias vistosas. (Mario Sergio Conti, no livro *Notícias do Planalto: a Imprensa e Fernando Collor*, afirma que a frase “O povo gosta do luxo, quem gosta de miséria é intelectual” não foi cunhada pelo carnavalesco, e sim pelo jornalista Elio Gaspari, de quem Trinta a ouviu e acabou encampando.) Claro que os foliões não desfilavam como áulicos do palácio de Versalhes, mas, para chamar a atenção do público, passou-se a investir nos chapéus. Os que fossem os maiores, quase automaticamente, garantiam a vitória para o cordão que os apresentasse. No calor da disputa, chegou-se a levar para avenida capacetes com quase um metro de altura; o componente que se virasse para equilibrá-lo e sambar, tudo ao mesmo tempo. Esses adereços eram feitos com papelão e grude (cola à base de farinha de trigo ou polvilho misturados em água fervente).

– Meu Deus do céu, tinha que segurar na ráfia, que era pesado! – recorda Joel dos Reis, que desfilou pela primeira vez no bloco em 1971. Só iria completar cinco anos de idade em setembro, o que não o livrou de carregar um chapéu de 80 centímetros de altura.

Sem obrigação de levá-los para a avenida, não era sempre que o bloco, você sabe, apresentava carros alegóricos. Quando os fazia, geralmente não passavam de dois – e eram produções precárias. Se conseguissem desfilarem incólumes, podia ser comemorado como façanha. Mas os que resistiam ao frege dificilmente tinham condições de ir para avenida uma segunda vez entre os foliões, como era o esperado. O mais comum era que quebrassem ainda no trajeto, da Roseta para o centro: tanto por causa das trepidações quanto pela fragilidade da estrutura de madeira.

– Uma vez fizemos um carro. Antes de chegar na cidade, quebrou aquela porcaria. Antes de chegar na praça da Bandeira, quebrou tudo. Desbodegou, tivemos que deixar no meio do caminho – lembra Antonio Paulo Bento, o Bugre.

Depois que abandonou o campo do clube Lamego, o Brinca

Quem Pode continuou a caminhada rumo ao norte da cidade. O novo local para os ensaios agora era um depósito da prefeitura (mais tarde, derrubado para dar lugar a uma casa), na esquina entre as ruas Engenheiro Colombo Machado Salles e Teresa Cristina. Mas o bairro continuava o mesmo: Campo de Fora. O qual tão cedo não se veria livre daquela turma ruidosa. Entre uma parada e outra, o bloco ainda esquentou os tamborins na garagem às escuras (os integrantes a chamam de “garagem do Vili”, talvez o aporuguesamento do nome da rua onde se situava: Willy), como lembrara Bentinho da Mangueira, e ao redor de uma casa hoje derrubada, próxima à estação da estrada de ferro, agora desativada.

Naquela época, a batucada era mais rudimentar. Em vez das atuais peles sintéticas, à mão em qualquer prateleira de loja de artigos musicais, antes era preciso ir à caça. Quando ainda não se sabia o que era ecologia, um grupo ia até o bairro Portinho e lá se dedicava à tarefa de matar os cabritos, de olho mesmo era no couro deles – que era retirado, lavado e estendido ao sol por um período que variava:

– Se o cabrito fosse novo, ficava uns dois meses. Se fosse velho, ficava uma carrada de tempo – explica Nilson Rafael.

Outro couro perseguido pelos batuqueiros era o de gato. Depois de pronto para uso, o material era esticado em barricas ou em cilindros de alumínio – estavam feitos os tambores e tamborins. Inclusive as baquetas eram artesanais, preparadas a partir de vara de marmelo. Porém, o trabalho não parava por aí. Antes de o desfile começar, ainda na concentração em frente à Casa Hoepcke, os integrantes da batucada faziam uma fogueira com papéis, da qual aproximavam a parte do instrumento coberta pelo couro – até que, em contato com o calor, esticasse. Em poucos minutos, a despeito da falta de praticidade, atingia-se o som grave do tambor.

Mas, a partir do dia 23 de novembro de 1968, a vida dos ritmistas ficou um pouco mais fácil. Desde então, eles não estavam mais obrigados a embarcar em périplos pelo Campo de Fora regateando um local para os ensaios. Foi quando, naquele sábado, inaugurou-se a primeira sede do bloco – que, em 1962, teve o nome aprimorado para Academia Carnavalesca Brinca Quem Pode. Durante a cerimônia, o prefeito de Laguna Juaci Ungaretti (1966-1970), atendendo ao convite do presidente Neri dos Santos, encarregou-se de cortar a clássica faixa amarrada diante da porta, para marcar simbolicamente a abertura. Depois dos discursos, rapapés e

salamaleques, os convidados assistiram ao que realmente interessava: o teste da pista do salão, já que nele muitos bailes seriam oferecidos. Mais uma vez, a primazia foi privilégio do prefeito e também de Neri dos Santos e do presidente da Câmara de Vereadores Dauro Pinho, que, sob olhares atentos, tiveram de arriscar alguns passos de dança.

As medidas a Juaci Ungaretti não eram à toa. Ainda que o bloco houvesse recebido o terreno da Roseta por doação de Walmor de Oliveira, só com a gestão dele é que a sede saiu do papel. Não havia uma única casa próximo ao local, apenas cômodos de areia. Em regime de mutirão, os componentes foram chegando e, entre ruídos de pá e enxadas, conseguiram aprontar o espaço. As pedras para o alicerce foram conseguidas por doação, e o restante, excetuando o que não foi cedido por Juaci, tirou-se da cabeça. Aos domingos, por exemplo, eles chamavam os carroceiros da comunidade e, ali, organizavam corridas de cavalo. Com promoções como essa, o dinheiro foi sendo amealhado. Antonio Paulo Bento, que então era pedreiro, assumiu os trabalhos de construção e, com mais dois carpinteiros, ergueu o salão de madeira de 12 x 18 metros.

Era, sem dúvida, um grande avanço – mesmo que a construção guardasse algumas particularidades. Hoje, por exigências técnicas, seria impossível, mas a sede, quando inaugurada, *não* tinha banheiro. No máximo, um cubículo de madeira, equipado com vaso sanitário e pia, aos fundos do terreno. Mas somente as mulheres podiam usá-lo. Os homens, sem saída, aliviavam-se entre algum dos tantos escombros de areia existentes ao redor. E a fachada, por exemplo, era em alvenaria – apesar de o restante do galpão, como os componentes do bloco a chamavam, ter sido feito em madeira. Só não pense que o Brinca Quem Pode abandonou Juaci após ter sido concluído o seu mandato de prefeito. Pouco mais de um ano depois, em março de 1971, foi investido no cargo de responsável pelo melhoramento da sede, na diretoria presidida por Luiz Benedito dos Santos, a cuja cortesia fez questão de agradecer.

O desfile da Vila Isabel em 1969 representou uma das grandes transformações no carnaval de rua de Laguna. Era o primeiro passo para que os blocos comesçassem, de fato, a se portar como as escolas de samba do Rio, com tudo a que tinham direito e dever – conforme a turma vanguardista desejava. No Brinca Quem Pode, aquela série de exigências não fazia a cabeça de ninguém, devendo este, portanto, permanecer como



*À dir., uma das filhas de Baeta desfila na escola mirim Aprendizizes do Samba; abaixo, súditos e a rainha (ao centro) do Brinca Quem Pode em visita ao clube Operária, no final dos anos 1950*



bloco: batucada fantasiada no capricho, os integrantes e cabrochas à frente sambando e Paulinho Baeta ao pistom, com mais um ou outro músico, puxando as músicas. Agora, ver-se obrigado a contar um enredo em alas e alegorias, que ficasse para outros. Se não bastasse, precisavam manter-se como bloco para rivalizar ombro a ombro com o inimigo Xavante e, de quebra, com Os Democratas.

Era este o cenário que se apresentava em meados dos anos 1970, quando Nivaldo Mattos estava na direção do Departamento de Turismo de Laguna. Ciente de que não dava mais para blocos e escolas de samba, cada qual com suas peculiaridades, continuarem disputando igualmente, resolveu dividi-los em dois grupos. A velha guarda do Brinca Quem Pode, no comando, não quis saber de aderir à moda carioca. Até que, no dia 21 de março de 1976, João André dos Reis, que só iria completar 25 anos em novembro, derrotou de forma acachapante a chapa da situação – 16 votos contra dois, de Almiro Pacheco dos Reis – e assumiu a presidência. Com o bloco nas mãos, a nova geração não perdeu tempo.

Sem medo das consequências, o grupo decidiu levar o Brinca Quem Pode para avenida em 1977 como escola de samba. Naquele ano, as escolas, agrupadas na categoria A, tiveram de desfilar no domingo e na segunda-feira. O sábado ficara para os blocos e escolas mirins, como Aventureiros do Samba. (Por essa época, existiu também a mirim Aprendizes do Samba, que tinha, entre os integrantes, crianças do Brinca Quem Pode, inclusive algumas filhas de Paulinho Baeta.) Na visão daqueles jovens, o bloco do bairro Progresso não poderia mais continuar comprando briga com Xavante e Os Democratas, como coquetes disputando pela melhor fantasia. Para eles, a agremiação, por ser formada quase exclusivamente por negros, tinha algo mais a mostrar, do que apenas plumas e paetês. Dona de um contingente desses, sobraria samba no pé para ir à luta contra escolas como Acadêmicos do Samba, O Bem Amado e Vila Isabel. Para a primeira tentativa de mudar a estrutura do Brinca Quem Pode, André Reis e Sousa Júnior, que não fazia parte da diretoria, escolheram um enredo afro, *Lendas e Mistérios do Negro no Brasil Império*, e decidiram compor o samba a partir de um ponto de Umbanda.

Mas os dois não conheciam praticamente nada da religião. Em vez de se deterem só aos livros, resolveram sair a campo e ir a um terreiro no morro da Glória – com Sousa segurando às escondidas um gravador de

voz que conseguira na rádio Difusora, onde era locutor (à qual retornou há alguns anos). De volta, puseram a fita para rodar e, mesmo que a gravação estivesse em péssimas condições, um dos cânticos os chamou a atenção. Para solucionar o problema, pediram ajuda a Maria Geraldino, mãe de um dos diretores do bloco, Maurino Alberto Geraldino, e adepta da Umbanda. Ela não apenas entendeu o ponto, como deu uma breve assessoria para André e Sousa Júnior.

Por sorte, estava retornando a cidade, depois de uma temporada em Porto Alegre, o escolado compositor lagunense Ivaldo Roque. Como fosse do Brinca Quem Pode, pelo qual desfilou a primeira vez nos anos 1950 batucando um tamborim de couro de gato, não demorou lhe surgir o convite para compor o samba. A dupla de carnavalescos apresentou-lhe a ideia e impôs, como cláusula pétrea, que a letra englobasse os versos do ponto: “Aonde o milongueiro mora/ Aonde o milongueiro mora/ Aonde o galo não canta/ O pinto não pia/ Criança não chora”. Ivaldo não se intimidou. Mas fez sua exigência:

– Compra umas cachaças, um garrafão de vinho e, na sede, nós vamos fazer isso.

Dia e hora marcados, o grupo, agora com cerca de cinco pessoas, juntou-se ao redor de Ivaldo no antigo galpão de madeira, e, entre uma dose e outra, começou a rabiscar a letra. Claro que o principal compositor foi ele – que não se furtou de pedir ajuda aos amigos para escrever este ou aquele verso. “A cachaça melhora, né?”, avisa Sousa Júnior – e pode até ser: *Milongueiro*, como ficou para a história, é considerado pelos componentes o mais importante samba-enredo do Brinca Quem Pode.

Como era de se esperar, o desfile não agradou a algumas pessoas do bloco, sobretudo os decanos. Afinal, o grupo rompeu com certos cânones, como os chapéus gigantes para os ritmistas. Em vez disso, a fantasia foi inspirada na indumentária africana, com túnicas e, no lugar dos capacetes monumentais, faixa amarrada à cabeça. Muitos dos batuqueiros estrilaram: não iriam sair usando “vestido”. O qual, para piorar o impasse, era arrematado com um par de sandálias de tiras. No ano seguinte, o Brinca Quem Pode, com *Tiradentes: o Mártir da Inconfidência*, novamente desfilou como escola de samba – com alas, porta-bandeira etc. Mas, de terceiro, caiu para o quarto lugar.

Ainda em 1977, no dia 27 de março, houve eleição para presidente.

Sem rival, André reelegeu-se e, para marcar território, colocou os amigos Sousa Júnior, Ivaldo e Inácio Celso Abel na comissão de enredo. Parecia que o caminho estava pavimentado aos reformistas, não fosse o presidente ter de abandonar o cargo após aprovação em concurso para a Polícia Civil, o que o obrigou a se mudar para Lages. Em tese, o primeiro vice-presidente, Nilton Goes, deveria assumir a posição, mas, como não comparecesse às reuniões, o segundo vice, Paulinho Baeta, foi quem a ocupou já em 9 de junho. O troca-troca não facilitou muito a vida da ala jovem – mesmo Baeta sendo pai do ex-presidente; afinal, era um dos fundadores do bloco e, naturalmente, sofria influência dos colegas mais velhos.

Na eleição do ano seguinte, em 5 de março, a nova geração apostou em Nivaldo Mattos (sim, o diretor de Turismo). Mas o plano não deu certo: ele foi derrotado pelo rival Mário Vitor Rodrigues, por 16 votos a cinco. A cartada seguinte era temerária, porém, não o bastante para dissuadi-los. Segundo Sousa Júnior, para que a agremiação disputasse o carnaval como escola, o estatuto deveria classificá-la como tal. Dessa forma, não hesitaram em solicitar o documento a um dos diretores, que facilmente o cedeu. De posse do material, o grupo partiu ao ataque. Sousa sacou de um corretivo e tratou de apagar a palavra “carnavalesca” da identificação do bloco. Sobre ela, escreveu “samba”. Visto de relance, a entidade poderia muito bem ser chamada de Academia de Samba Brinca Quem Pode.

Mas claro que alguém iria desconfiar da rasura. Em reunião no dia 14 de julho de 1978, Baeta, como segundo vice-presidente, pediu a palavra e pôs em apreciação o pedido de afastamento de Sousa Júnior, que, com a ida de André para Lages, estava praticamente sozinho no embate contra a velha guarda.

– Aí uma coisa que até hoje eu sinto no meu coração é que eu fui convidado a me retirar do Brinca Quem Pode – confessa Sousa, informado da decisão por ofício, que o caiu em mãos quando ainda estava no prédio da rádio Difusora, no centro de Laguna.

A ata da escola apenas registra a expulsão dele, sem mencionar outros integrantes do grupo reformista. Mal sabiam os diretores que o regulamento do carnaval de 1980 oficializaria a separação das entidades em categorias. Antes que ficasse só e sem direito a disputar o título, o bloco seria transformado em escola de samba. O novo havia chegado.

# ESCOLA DE SAMBA, AMEA - A OU DEIXE O CARNAVAL

- **NÃO FUI** eu que fiz a escola de samba. Eu só participei da fundação.

A afirmação contraria o que pensa a maioria das pessoas. Mas Sousa Júnior nega ter sido o autor da ideia de criar a Mocidade Independente do Bairro Progresso. Em sua versão, a proposta partiu de Nely Gil da Silva, integrante da Brinca Quem Pode e casada com um dos diretores, Agenor Ernesto da Silva.

Sousa teria sido chamado para uma conversa na casa dela, à rua Leoberto Leal, no Progresso, quando aconteceu o convite.

– Não, dona Nely, eu não quero fazer escola de samba. Eu vou me incomodar com isso – desconversou Sousa.

Nely teria sido acompanhada pelo genro Ademir Roque Filho, então também na Brinca Quem Pode. O qual se encarregou de instar Sousa, até que comprasse a ideia. E conseguiu. Com Sousa cooptado, foram novamente até Nely para começar a colocar a proposta em prática. Chegando a casa na Leoberto Leal, a surpresa:

– Pois é, eu acho que não vou querer. O Agenor disse que não fizesse isso, por causa do compadre Paulinho (Baeta) – argumentou Nely.

– Mas como? A senhora incentivou até agora! Como é que é? – irritou-se Roque.

Nely tentou contemporizar:

– Só se vocês quiserem fazer uma escola de samba de criança.

Sendo assim, nada feito. Sousa Júnior torceu o nariz e preferiu ir embora.

A ideia ficou cozinhando em fogo brando, até que Sousa Júnior, posto em sossego, foi convocado para uma reunião na casa da irmã, Teresa, também na Leoberto Leal. Ao chegar, viu um grupo com cerca de 13 pessoas à sua espera, entre eles também estava Roque.

Mal se acomodou, fez-se a proposta:

– Vamos fundar uma escola?

– Vocês querem fundar? Então vamos – respondeu Sousa Júnior, sem hesitar por muito tempo.

Era o dia 18 de julho de 1980, quando definitivamente se criou a Mocidade Independente. Mas, para Roque, a história se deu de outra forma – e, sim, foi protagonizada por Sousa Júnior:

– Foi o Dão (apelido de Sousa) que me convidou para fundar uma escola – garante.

Roque e Sousa jogavam futebol juntos aos fins de semana no campo do Centro Social Urbano, no Progresso. Depois de uma das partidas, os dois encetaram um bate-papo, que descambou para o carnaval. Sousa já estava fora da Brinca Quem Pode, e Roque andava descontente com a escola desde que apresentou um samba-enredo aos diretores. A música foi composta depois que a sogra Nely o informou que a agremiação corria o risco de não desfilar, por não ter nada planejado nem dinheiro suficiente. Faltavam poucas semanas para o desfile oficial de 1980, mesmo assim Roque sacou da caneta e do papel e compôs *Nosso Carnaval, Nossa História*, a pedido dela. Os primeiros versos diziam: “As rádios Garibaldi e Difusora/ Estão aí para provar/ Que o nosso carnaval é lindo/ E nós gostamos mesmo é de sambar/ Nesta avenida colorida/ Faz o meu povo delirar..”. Mas o então segundo vice-presidente Bugre, que afirma não se lembrar do fato, não aceitou, alegando que o samba era “muito carioca”. Para Roque, a implicância bairrista se explica pelo fato de que morara no Rio de Janeiro havia pouco, de 1970 ao final de 1978.

Ataíde Roque, diretor de bateria e irmão do compositor, analisou a letra e se pôs a alterá-la. Ou quase, pois as únicas mudanças foram apenas em alguns versos da segunda parte do samba. Mas foi o bastante para cair no gosto de Bugre. Magoadado com a atitude do segundo vice-presidente, Roque foi presa fácil para Sousa, quando, na conversa à beira do campo, este lhe lançou a proposta de fundar uma escola. Mesmo pensando inicialmente que não passasse de uma brincadeira, comprou a briga. Mas impôs condições: ela deveria chamar-se Mocidade Independente e ter no pavilhão as cores verde e branco – como a homônima pela qual torcia no carnaval carioca. Na versão de Roque, Nely, que nem teria dado a ideia, apenas ajudou a fundar e logo saiu – de volta para a Brinca Quem Pode.

É claro que em pouco tempo as duas escolas tornaram-se inimigas figadais. E qualquer provocação poderia ser a gota d'água. Como o que aconteceu em meados de fevereiro de 1982, quando a Mocidade cruzava a Raulino Horn durante o pré-carnaval. Marques Correia (todos o chamavam de Marco) talvez já estivesse de pileque, como era costume. Mas, só para provocar, resolveu se intrometer no cortejo da rival. Sousa Júnior tentou se conter, porém, não aguentou – e desferiu um murro contra o integrante da Brinca Quem Pode. Outros da Mocidade aproveitaram e também partiram para cima, até que a pancadaria foi debelada.

Marco morreria na manhã de 24 de fevereiro de 2004, e, horas depois, o corpo já seria enterrado. Dali a pouco, ocorreria a apuração do resultado do desfile daquele ano. Pela primeira vez desde 1973, a sua Brinca Quem Pode seria a campeã. Alguns torcedores que acompanhavam a contagem das notas pelo rádio na casa de Paulinho Baeta seguiram em festa pela Comandante Moreira, rumo ao centro da cidade, onde a taça foi entregue. Poucos metros adiante, enquanto passavam pela casa de Marco, ainda na mesma rua, calaram-se em respeito ao colega. Um ou outro não conteve as lágrimas e chorou.

Sousa admite que, nos primeiros anos da Mocidade, sentia o coração pulsar mais forte ao ver a ex-escola passar. Mas o sentimento, aos poucos, foi arrefecendo:

– Hoje eu sou rival. Quero mais é que se exploda, que fique na lanterna. Não quero perder pra ele – provoca Sousa, referindo-se à arquiinimiga no masculino. Na verdade, o mesmo se dá com a maioria das pessoas, por hábito – afinal, por pouco mais de 30 anos, a escola de Paulinho Baeta foi bloco: o Brinca Quem Pode.

Do outro lado da trincheira, a provocação não é menor.

– A fundação da Mocidade não mudou nada no Brinca. Ele (Sousa) queria levar o pessoal daqui, mas não conseguiu. Como não conseguiu até hoje – defende Selma Antonio de Sousa. E o mesmo sobrenome entre eles, aliás, não é coincidência: ela é casada com um dos irmãos de Sousa Júnior.

– Devido à Mocidade Independente, eu detesto verde – afirma. Mas, ironicamente, essa era a cor da fantasia com que desfilou pela primeira vez no Brinca Quem Pode, aos sete anos.

No mesmo tom, o presidente da escola, Joel dos Reis, diagnostica

o grau de rivalidade com a co-irmã Mocidade:

– É uma briga particular entre as duas, não importa a classificação. O importante é uma ficar na frente da outra.

Não bastasse o caldo explosivo que era a dissidência, a Brinca Quem Pode só conseguiu vencer a rival, pela primeira vez, em 1984. E nem dá para dizer que foi algo arrasador: obteve apenas a quinta posição, ao passo que a arquiinimiga ficou logo atrás, empatada em penúltimo com Amigo da Onça. No embate inicial entre as duas, em 1981, deu Mocidade – ainda que ambas estivessem se engalfinhando pelas últimas colocações: a debutante escola de Sousa Júnior chegou em sétimo, com 354 pontos, e a de Baeta, em oitavo, segurou a lanterna, com 332 pontos. Enquanto isso, muito longe delas, a Vila Isabel, com 548 pontos, ia à loucura com a conquista do terceiro campeonato consecutivo. Para temperar a mistura, ainda havia Ataíde Roque à frente da bateria da Mocidade (em 1984, seria substituído pelo irmão, Ademir Roque Filho).

Nascido em 1949, tudo bem que Ataíde não tenha iniciado na Brinca Quem Pode: desfilou pela primeira vez aos 13 anos na bateria da Mangueira, onde aprendeu a tocar tantã com Bentinho. Somente foi para o então bloco do Progresso no final dos anos 1960 e, como lembra, chegou “garimpeiro, ficava só olhando”. Ainda naquela época quem dava as cartas na batucada era Paulinho Baeta. Mas, em fins dos anos 1970, quando Bugre assumiria o apito, Ataíde (todos preferem chamá-lo de Pelé) seria galgado a auxiliar. Cerca de 30 anos depois, compara, decepcionado, a batucada de então – cheia de bossa porque não se abria mão de instrumentos como chocalho, frigideira e pandeiro – com a de agora:

– Hoje tá muito acelerado, é só barulho. Não tem harmonia. O cara acaba com o ferro do reco-reco e não consegue acompanhar a bateria – constata ele, que desfilou a última vez em 2000, quando foi campeão com a Mocidade como mestre de bateria.

Pelé pode ter chegado como “garimpeiro”. Mas não tardou para que começasse a compor sambas para o bloco. O que costumava fazer entre doses de cachaça, a uma mesa de bar – mesmo que fosse incompatível com a vida, em tese, regrada de jogador de futebol. Sim, durante anos pisou os gramados por times como Barriga Verde e Atlético Mineiro do Barro Branco, de Lauro Müller, e – apesar do apelido – nunca jogou na linha, nem fez dribles ou gols antológicos. A função dele era o oposto: defender,

como goleiro, a sanha do ataque inimigo. O ritual de criação era quase sempre o mesmo. Entrava no boteco, sentava a um canto, mandava vir a bebida e começava a batucar na mesa, enquanto ia à cata das palavras. Um dos seus redutos preferidos era a controversa rua Nova, então valhacouto de gigolôs, malandros e prostitutas. Naquele território intolerável para quem desconhecesse os meandros da boemia, Pelé sentia-se à vontade. Mal aparecia na porta de um dos pés-sujos engolfado pelo som de um bolero, e algum sacana adiantava-se em provocá-lo:

– Chegou o cantor!

Sem muita paciência para gozação barata, o compositor atacava:

– Vão se fuder!

Podia ser que encontrasse também um parceiro de batucada. Era quando, meio altos, decidiam fazer um samba. O único acompanhamento para a melodia era mesmo a mesa como percussão. E ali, de improviso, a letra ia sendo construída – sem que alguém se preocupasse em anotá-la ou, mais difícil, registrá-la em um gravador. Com a obra feita, palavras e música bem entrosadas, cantavam-na a plenos pulmões. Até que no dia seguinte, recuperados do porre, alguém perguntava pela composição. Mas era tarde – ninguém fazia a mínima ideia do que diziam os seus versos. Com que muito samba deve ter se perdido nessas noites de boemia.

“A gente esquece até a própria coisa que fez na vida”, justifica Pelé, por não se lembrar das letras que fez para o Brinca Quem Pode. Garante que compôs três sambas, mas só se recorda de um, que acredita ser o primeiro deles: “Nessa cidade, quem é que dizia que o mais querido do povo não saía?/ Ouçam o som dos tamborins/ E a cadência da nossa bateria/ A nossa escola vem brincar com perfeição/ Pede licença pra passar nesse salão/ Salve, Laguna, cidade beleza de encantos/ Nosso endereço: Brinca Quem Pode, Brasil”. Para variar, foi composto em um boteco. Pelé chegou ao Bar Everest, no Progresso, sentou-se à mesa e pediu ao balconista uma dose de 51. Mauro Camilo (o mesmo da marcha-hino) disse que precisavam fazer um samba para o bloco. Agora precavido, Pelé pediu que anotasse, enquanto, entre goles de cachaça e batuque na mesa, a letra era criada. Se a cachaça inspirava? “Naquele tempo só tinha isso, não tinha mais nada pra fazer”, observa.

É óbvio que o samba-enredo mudou. Hoje, o compositor é obrigado a narrar um enredo. Naquele tempo, escrevia sobre o que quisesse, como

neste caso: “Chegou a primeira escola de samba/ Escola que não tem igual/ Pelo som da bateria, até parece um batalhão naval/ Nesse mundo só há duas coisas/ Que balançam o meu coração/ É a ginga da minha cabrocha/ E o balanço das ondas da mar...”. A liberdade era tanta que, por pouco, um dos sambas para o carnaval não foi um plangente sambacação. Convocado para fazer a letra, Pelé, diante daquela melodia suave ali dedilhada ao violão pelo parceiro, reagiu. Podia ser tudo, menos música para animar um desfile. Ciente disso, tratou de verter em palavras o que os acordes queriam contar: “Nessa casa, houve tantos momentos felizes/ Nessa casa, a dois só vivemos felizes...”. Ao violão, estava o primo Ivaldo Roque.

E não era qualquer violonista. Quando foi embora de Laguna para Porto Alegre, em meados dos anos 1950, Ivaldo pôs as malas nas costas e saiu decidido a tentar a sorte. Se desse certo, levaria a vida como músico. Aos quinze anos, mal sabia ele que, em 1980, ninguém menos do que Elis Regina estaria gravando uma de suas composições em parceria com o gaúcho Jerônimo Jardim. Praticamente desconhecidos do público nacional, os dois conseguiram emplacar *Moda de Sangue* no álbum *Saudade do Brasil*, ombreando com verdadeiros petardos da MPB, como *Alô, Alô, Marciano*, *Canção da América* e *Maria, Maria*. Com que, inclusive, presenteou o amigo Baeta quando este completou 59 anos, em 1981.

Foi, sem dúvida, um dos principais momentos da carreira de Ivaldo – abreviada precocemente. Internado no hospital de Tubarão por complicações decorrentes da cirrose hepática, o seu estado de saúde havia se agravado desde o dia 3 de abril de 1986. Até que não resistiu e morreu às 6h45 de segunda-feira, dia 7. O falecimento foi lamentado em Laguna e Porto Alegre, onde a notícia ocupou quase uma página inteira do principal jornal gaúcho, o *Zero Hora*. Nas duas cidades, o tom da homenagem foi o mesmo: a falta de maior reconhecimento. Um dos poucos tributos foi torná-lo nome de rua – uma no bairro Esperança, na cidade catarinense, e outra, no loteamento Chapéu do Sol, na capital gaúcha.

Nascido no dia 12 de fevereiro de 1939, Ivaldo teve uma vida – apesar da personalidade calma – mais rocambolesca do que tranquila. Mal chegou a Porto Alegre (lembre-se: aos quinze anos), foi flagrado pelo Juizado de Menores trabalhando como servente de pedreiro em uma construção. Como estivesse sozinho na cidade, deveria voltar

imediatamente para Laguna – ou seria levado para a Febem. Ficou com a segunda opção. Dali, seria natural que fosse ganhar a vida na noite como músico, mas, com a mesma dedicação, também iria se apresentar em concertos e festivais – em seu repertório, havia músicas eruditas. Nesse meio-tempo, do final dos anos 1950 a 1976, trabalhou ainda como linotipista do jornal *Correio do Povo* (vida da artista, você sabe, é incerta), mas teve de se aposentar por problemas de saúde decorrentes dos produtos químicos empregados na atividade.

Como quem não quer nada, ainda foi gravado por Pery Ribeiro e Eliana Pittman, compôs o concerto *Prelúdio Regional*, que chegou a ser editado em Nova Iorque, entrou para a Academia de Samba Praiana, onde organizou o primeiro desfile do carnaval porto-alegrense em forma de escola de samba, e participou de alguns conjuntos. Entre eles, o Pentagrama, formado por volta de 1974. Falando mais de temas rurais do que urbanos, o grupo fazia aquilo que Ivaldo chamava de “nativo moderno”. O que foi levado ao paroxismo ainda em 1974, na quarta edição do festival Califórnia da Canção Nativa, em Uruguaiana (RS). Dispostos a bagunçar o coreto do tradicionalismo local, ele e os parceiros deram uma rasteira nos conservadores com a música *Coto de Vela*: em vez da ode ao gaúcho, preferiram cantar a lenda do Negrinho do Pastoreio. Claro que a heresia não foi bem recebida – ainda assim, forçaram a criação de uma nova categoria no festival. Aquilo que não se encaixasse em folclórico ou campeiro, seria classificado como de projeção – com tudo o que isso possa significar.

Entre idas e vindas, de Laguna a Porto Alegre, Ivaldo só se fixou mesmo na cidade catarinense a partir de 1984. Em ambos os lugares, esteve à frente de programas de rádio, sendo que na terra natal ainda escreveu para jornais (inclusive trabalhou na prefeitura lagunense). Com o gaúcho Robson Barenho, foi o autor do primeiro samba-enredo da Mocidade Independente, *No Mundo do Faz de Conta*, de 1981 – para atender a um pedido por telefone, já que estava na capital do Rio Grande do Sul, do amigo Sousa Júnior. Este lembra que um de seus últimos encontros com Ivaldo, que em Laguna morava à rua Comandante Moreira, Progresso, aconteceu em um bar. Quando o viu aos tragos, não conteve a preocupação:

- Tá bebendo de novo, Ivaldo?
- Não, não. Agora tô melhor. Fiz tratamento.

Em pouco tempo, o compositor iria cair de cama e ser internado. Vencido pela cirrose hepática, Ivaldo morreria cedo – aos 47 anos.

Dentro da Brinca Quem Pode, há quem negue que houve discriminação étnica no interior da própria escola. Mas não teria sido por acaso que, em reunião no dia 3 de novembro de 1974, o presidente Carlos Martins declarou que, no domingo seguinte, dia 10, a agremiação daria uma *soirée* – para “brancos e morenos”. Se não bastasse, ainda determinou: a partir de então, não haveria mais separação de “cores” no clube. Pode ser que não fosse um racismo odioso, quase violento. Mesmo assim, a segregação, talvez encarada como algo natural, estava ali. Tanto é que, no dia 19 de outubro de 1970, a diretoria reuniu-se para oficializar a criação do Grêmio das Margaridas Brancas, uma confraria só de mulheres – algumas mais jovens, outras grisalhas – encarregada de organizar promoções para levantar recursos para o então bloco. Até aí tudo bem. O problema é que, entre as condições para se participar do grupo, a candidata devia ser *branca*. Pouco menos de dois meses antes, no dia 24 de agosto, os diretores já tinham fundado oficialmente outro grêmio, o Grêmio das Rosas, formado apenas por negras.

Com os grêmios (hoje inativos) ou na retaguarda ou à frente das atividades sociais, que praticamente se resumiam a bailes, a sede do bloco estava sempre em polvorosa. Vez ou outra, as festas eram na União dos Artistas. No hoje considerado clube de negros – a Operária –, era quase impossível, afinal quem não fosse mulato sequer passava do portão. O carro-chefe dos eventos eram, sem dúvida, os bailes de calendário, os quais pinçavam, no mínimo, uma data comemorativa de cada mês para pretexto. Com que se fazia baile de carnaval, Páscoa, Natal, das viúvas. Como para cada evento desses a diretoria organizasse apresentações (um casal, todo de branco, dançando valsa no baile de 1º de janeiro, por exemplo), certa vez sobrou para Juçara dos Reis, uma das filhas de Baeta e então com cerca de 18 anos, interpretar uma transtornada viúva.

O combinado era que, devidamente trajada – de preto e com lenço no rosto –, ela desfilasse duas vezes ao redor do salão, sob os olhares dos convivas, sentados à mesa. Se não bastasse ter de enfrentar a plateia, o que só fez depois de já embriagada, ainda tinha de usar o salto alto emprestado pela irmã Janice. Enquanto simulava o choro, ia enxugando as lágrimas com o lenço, mas tendo o cuidado de não cobrir a visão. Do contrário,

qualquer vacilo poderia ser o bastante para que os saltos prendessem em alguns dos vãos entre as madeiras do assoalho – e o tropeço seria certo. Com passos claudicantes, até que estava saindo-se bem. Só não esperava, ao passar por uma das mesas, ser insistentemente puxada pelos braços por um amigo gaiato:

– Tá bonita, hein? Tá bonita, hein? – insistiu ele, ao vê-la cuidadosamente equilibrando-se na ponta dos pés.

E Juçara, por pouco, não desceu literalmente do salto.

Em dias de festa, Baeta convocava as filhas e algumas amigas delas para lustrar o assoalho da sede. O que devia ser feito segundo a regra: à mistura de cera com um pó vermelho, o vermelhão, era preciso acrescentar raspas de vela. Com isso, não só o movimento dos pés durante a dança tornava-se mais fácil, como o próprio brilho do chão era potencializado com o vai e vem de sapatos. Mas não pense que os bailes eram privilégio dos mais velhos. Às sextas-feiras, depois das 22 horas, a sede transformava-se em boate para os jovens, que iam em peso – afinal, o preço do ingresso era irrisório.

Ao som de um *Taterka Linear*, dançavam o que estivesse na moda até a uma da manhã. Podia ser um *disco* de Boney M ou um samba malicioso de Dicró, como *Olha a Rima*. Ou então *Lady Laura*, de Roberto Carlos, que invariavelmente era pedida por um dos frequentadores cuja mãe também se chamava Laura. Ele, entre extasiado e emocionado, descarregava os sentimentos golpeando a mesa onde o aparelho de som ficava. A cada pancada, o disco, claro, pulava – para todos ouvirem. Só não era de bom alvitre pôr na agulha *Festa de Umbanda*, de Martinho da Vila.

Quase ato contínuo, três irmãs – apelidadas à boca pequena de Negas-boi – entravam em transe ali mesmo. Quando fosse possível, alguém as conduzia, incorporadas, para a rua, onde ficavam se debatendo com as mãos contraídas atrás das costas e a respiração ofegante, até os santos subirem. E os dançantes nem precisavam consultar o relógio para saber se o baile estava perto do fim. Era só lançar uma olhadela ao redor e ver um grupo de homens se engalfinhando – geralmente, por causa de mulher. Estava dada a senha.

– Às vezes começava lá dentro, e eles botavam pra rua. Aí a briga comia solta lá fora. (Os envolvidos) iam arrancando cerca, dando paulada

um no outro. A polícia ainda nem existia, (a viatura) era aquele fusca azul, mas nem vinha – relembra Juçara dos Reis.

Presidente da escola de 1981 a agosto de 1983, Bugre também não se esquece daquele período, quando – sem o aporte oficial – tentava impor a ordem com as próprias mãos:

– Cansei de trabalhar ali, vim com pedaço de faca, de pau, pra vim pra casa, porque muitos queriam me pegar por aí – os vagabundos, porque eu não dava colher de chá. Eles me respeitavam lá dentro. Não tinha polícia, não tinha nada. Eu que mandava, então eles achavam que eu era o Lampião. Nunca tiraram farinha comigo.

Nesse meio-tempo, a própria sede transformou-se. Ainda em novembro de 1976, com as eleições municipais à porta, o Brinca Quem Pode recebeu para uma reunião os candidatos a prefeito e vice pela Arena, respectivamente, Mário José Remor e João Gualberto Pereira. Sem muito tempo para conversa fiada, o presidente André Reis foi logo adiantando que a função daquela diretoria era “cumprir os sonhos dourados” do bloco. O que, em outras palavras, significava uma *nova sede*. Como estivesse ali para cabalar votos, Remor garantiu que bancaria as pedras para o alicerce do prédio. E mais: se fosse eleito, ajudaria ao máximo as obras. Mas demoraria um pouco para que esse projeto saísse do papel.

Em 21 de julho de 1981, o presidente Bugre, quase quatro meses depois de eleito, reuniu na sede os diretores e gente da imprensa, que não por acaso foi convidada. O motivo era o anúncio do recebimento de um cheque no valor de 100 mil cruzeiros, doado pelo governador Jorge Bornhausen – que só foi conseguido com a mediação do vice-prefeito Gualberto Pereira. Os recursos eram um aporte às obras de reforma da antiga sede de madeira. Onde ainda não seria dessa vez que o “sonho dourado”, ou seja, o novo prédio, iria ser concretizado. O trabalho, claro, ganhou fôlego novo. Sim, porque havia começado em 25 de abril daquele ano, em regime de mutirão aos fins de semana – até ser inaugurado em 15 de agosto, agora com a construção de toaletes mais confortáveis para homens e mulheres. E não era sem tempo: em maio de 1981, Ivaldo Roque afirmara em sua coluna no semanal *O Renovador* que o prédio em madeira estava “quase caindo”.

Com um histórico desse, não foi difícil para Bugre se reeleger em 14 de março de 1982, mesmo que a escola viesse de um carnaval

desastroso: só não perdeu para a sétima e última colocada Amigo da Onça porque amalhou 52 pontos, dois a mais que a lanterna. Nessa época, as escolas eram avaliadas em oito quesitos, e a Brinca Quem Pode só ganhou dez em um deles: bateria. Para cada item, havia um julgador, sendo que o de Harmonia, por exemplo, era cabeleireiro, e o de Mestre-sala e Porta-bandeira, assessor de planejamento da Companhia Catarinense de Turismo. Não por acaso, em 1972, uma das juradas, ao ser perguntada sobre o que entendia por coreografia, tascou: a seu ver, nada mais era do que a diversificação das cores. Em todo caso, dias antes do desfile de 1982, Paulinho Baeta já havia avisado que a escola sairia modestamente. O principal projeto então era mesmo a construção da nova sede – agora, em alvenaria.

Desde os primeiros meses de 1982, novamente em mutirão, os diretores estavam assentando os tijolos do prédio (alguns não abriam mão de uns goles de caipira para aguentar a empreitada). Este foi erguido ao redor da velha sede de madeira, que, enquanto não foi posta a abaixo, ainda suportou bailes para reforçar as economias da escola. O presidente Bugre faz questão de deixar claro que a obra só avançou, em parte, pela ajuda do prefeito Remor, cujo mandato só terminaria no dia 1º de fevereiro de 1983. Como 1982 fosse ano eleitoral, era de esperar que os candidatos aparecessem regateando votos. De sua parte, a escola que se safasse em meio ao fogo-cruzado. Em menos de um mês, entre agosto e setembro, foi visitada pelos candidatos a prefeito João Gualberto Pereira e Nelson Abraham Netto, os respectivos vices e os aspirantes a vereadores Leonel Patrício, João Batista Cruz e Dourival de Oliveira (os dois últimos já haviam cabalado votos em julho). Entre adulação e promessas, a escola ainda embolsou, ao todo, 80 mil cruzeiros em doação para as obras.

Estava quase tudo pronto. Os operários estavam pondo abaixo a velha sede de madeira para poder concluir a colocação das telhas sobre o novo prédio – exatamente quando foram surpreendidos por fiscais do Conselho Regional de Engenharia e Arquitetura (CREA). “O engenheiro fui eu”, reconhece Bugre. Na prática, isso queria dizer que a obra foi erguida sem a planta elaborada por um especialista. Imediatamente, os fiscais mandaram interromper o trabalho até que as irregularidades fossem resolvidas. E, de lembrança, deixaram uma multa de 25 mil cruzeiros.

Com o documento em mãos, o presidente Bugre não viu outra

saída senão, como sói, recorrer ao prefeito Remor. Ele não só doou materiais, como também pagou a conta – com a condição de a escola contratar o engenheiro. Negócio feito, o diretor saiu à caça, e, entre uma conversa e outra, Dourival de Oliveira (que fora candidato a vereador) lhe sugeriu o próprio irmão, Adélcio de Oliveira. Em pouco tempo, a planta estava concluída e a situação normalizada – com o detalhe de que o contratado era recém-formado, nunca tinha elaborado profissionalmente algo do tipo. Mesmo assim, foi atento o bastante para recomendar aos construtores que erguessem colunas entre as paredes, o que parecia óbvio: do contrário, a sede poderia desmoronar a qualquer momento com o peso do telhado.

Em 28 de janeiro de 1983, deu-se enfim a inauguração. Estavam os diretores e, entre os convidados, alguns inevitáveis figurões como o prefeito Mário José Remor, o vice-prefeito eleito Rogério Wendhausen, um vereador, comerciantes, jornalistas e o rei momo do carnaval. Durante a cerimônia, o presidente Bugre convidou Remor para cortar a fita diante da porta. Este entendeu a mesura, mas preferiu passar para outro:

– Seu Bugre, chama aí o que mais te ajudou pra cortar essa fita.

O presidente procurou em volta e convocou Nilson Rafael, que o auxiliara como servente:

– Eu? – surpreendeu-se.

– É tu mesmo – ordenou Bugre, que no dia 5 de abril, quase um mês depois de ser eleito para o terceiro mandato, declararia que a escola estava no vermelho por causa das obras. A dívida somava 246 mil cruzeiros.

Com sede nova e vertida em escola de samba, a Brinca Quem Pode guardava pouca semelhança com o que fora desde o início. Pela escassez de recursos financeiros, ainda não se desenvolvera tanto em termos de números levados à avenida – o que ficava mais evidente em comparação com outras escolas. Internamente, desde março de 1973, quando Luiz Benedito dos Santos foi eleito presidente pela terceira vez, as mulheres passaram a fazer parte da diretoria. Ex-território estritamente masculino, agora se abria para receber, como procuradoras, Izabel dos Reis, Janice dos Reis e Maria Luzia da Silva. Mas os avanços não pararam por aí. Em dezembro de 1978, durante a eleição que definiu Julia Marciano como presidente do Grêmio das Rosas (que já aceitava mulheres brancas),

Selma de Sousa pediu a palavra e propôs aos diretores que as componentes da confraria tivessem o direito ao voto nos pleitos do bloco. Ninguém estrilou, e a sugestão foi aprovada. Curiosamente, Selma seria a primeira mulher a ser nomeada presidente de honra, na diretoria eleita em 1980, e vice-presidente, na gestão de 2001.

Nessa época, o mandato durava um ano – sem qualquer limite à reeleição. Era o que determinava, sem ser contrariado (afinal, impunha-se como lei orgânica), o estatuto da oficialmente chamada Academia Carnavalesca Esportiva e Recreativa Brinca Quem Pode. O documento foi aprovado no dia 28 de março de 1976, mas o seu registro em cartório – o primeiro do bloco – só foi feito no dia 25 de agosto de 1977. Um de seus artigos, inclusive, garantia que as cores do pavilhão eram o vermelho e o branco – como até hoje. Enquanto a agremiação saía da informalidade, o carnaval de Laguna era novamente sacudido.

Depois do campeonato de 1973, a Brinca Quem Pode só repetiria o sucesso nos anos de 2004 e 2006. Entre 1974 e 1982, o primeiro lugar na tabela apenas recebia as escolas O Bem Amado e Vila Isabel. Visto hoje à distância, os carnavalescos comparam o aparecimento da O Bem Amado, em 1973, ao impacto causado pela Beija-flor no carnaval carioca. Mantidas as proporções, faz sentido. Mas é bom que se diga: a Beija-flor só irrompeu como cortejo nababesco com Joãozinho Trinta, três anos depois – a partir de 1976. No caso lagunense, a revolução ficou restrita ao visual, agora mais luxuoso. Pudera: a O Bem Amado era algo como a continuidade dos blocos Bola Branca e Bola Preta, que, a partir de 1975, não desfilariam mais – por problemas internos, falta de apoio das autoridades e escassez de recursos financeiros. Dessa forma, não era de causar espanto o fato de a escola, nos primeiros anos, não aceitar a presença de negros.

Nos anos 1970, o carnaval de salão não era mais como antes. Com a folia nas ruas dando as cartas, a elite – mais concentrada no centro da cidade – sentia-se órfã. O que não era o caso de entrar para uma das escolas de samba existentes e sambar no meio da ralé, sob o risco de as grã-finas serem apalpadadas por alguma mão boba em meio à farrá. Era preciso algo mais restrito. Daí a ideia posta à mesa por Hugo Bittencourt ao radialista João Manoel Vicente – de novo ele – em um quiosque nas areias da praia do Mar Grosso, durante o rescaldo do carnaval de 1972.



*Choque de classes:  
acima, o paupérrimo  
Brinca Quem Pode, em 1980,  
sai oficialmente como escola  
pela primeira vez; ao lado, a  
alta sociedade desfila na  
O Bem Amado, em 1977, e  
a mulher do presidente  
da agremiação (ao centro)  
aproveita para entrar  
no samba também*

Por que não fundar uma escola só para a alta sociedade, frequentadora assídua dos clubes Blondin e Congresso?

– Naquele tempo, preto não frequentava nem Blondin nem Congresso, de maneira nenhuma. Por isso que ela foi criada só pra branco – justifica João Vicente.

Com os instrumentos comprados na loja Americana, de Ibraim José Abrahão, formou-se um grupo disposto a batucar. Mas o máximo de intimidade que tinham com o samba era pelas charangas. Foi aí que João decidiu contratar Bentinho da Mangueira para ensaiar aquela turma, reunida em uma quadra de barro nos fundos do clube Blondin. O músico aceitou – mesmo sabendo que, nos desfiles pela rua, quem estaria no comando era outro, obviamente do centro da cidade. Ele, se quisesse, poderia assistir da calçada. Sem sede, as alegorias da agremiação eram feitas no pátio da escola Jerônimo Coelho, à rua Tenente Bessa, centro. E, para fazer as fantasias, João chamou uma das costureiras do Brinca Quem Pode: Lourdes Silveira. Donde, na prática, a escola O Bem Amado não prescindia tanto de negros.

Foram dois anos de vitórias consecutivas, 1977 e 1978 – até que um grupo de carnavalescos assumiu a dianteira da Vila Isabel e deu à escola um antológico tetracampeonato, de 1979 a 1982. Entre os nomes que fizeram da agremiação do morro uma rival capaz de ombrear com o luxo da O Bem Amado, estavam os irmãos Mauro e Mauri Candemil. Em pouco tempo, eles ainda ganhariam o reforço de dois egressos do Bola Branca: Antonio Carlos Marega e Zavério Egghert. Estes sempre demonstraram simpatia pelo Brinca Quem Pode, e Zavério, que foi por duas vezes nomeado presidente de honra, inclusive auxiliava nos preparativos do bloco da Roseta – com ideias, materiais e dinheiro. A dupla só não capitaneou (e quem sabe a transformasse em nova potência) os desfiles da Academia por um desencontro.

Depois de definidos enredo e fantasias, Paulinho Baeta foi incumbido de buscar no comércio o que a lista elaborada pelos dois carnavalescos recomendava. Encerradas as compras, Zavério dirigiu-se até a Roseta para checar se o tecido dourado que pedira para a confecção de algumas camisas havia chegado. Antes de lhe mostrar a encomenda, Baeta foi logo avisando que encontrara outro, talvez mais bonito. Zavério esperou. Quando se deparou com o material, foi como um banho de

água fria: recusava-se a fazer fantasia com algo que se parecesse tecido de capa de colchão. Para evitar problemas futuros, resolveu ir embora – acompanhado do escudeiro Antonio Carlos Marega.

Em meio ao rebuliço provocado pela Vila Isabel, o carnaval lagunense sofreu outro, talvez mais significativo. Na verdade, era apenas a *oficialização* do que já estava sendo feito desde meados dos anos 1970, com Nivaldo Mattos à frente do Departamento de Turismo: ou seja, a divisão das agremiações em duas categorias. O que ficou então estabelecido com o regulamento de 14 de janeiro de 1980, elaborado pela comissão de carnaval e instituído como consequência imediata do decreto municipal nº 01/80, de 11 de janeiro de 1980, que criou a Copa do Carnaval Lagunense. Com isso, as entidades, segundo as próprias características, poderiam escolher se enquadrar como “blocos ou ranchos” ou “escolas de samba” – as quais eram as únicas com direito a disputar a taça de campeã do carnaval. Se as demais quisessem competir pelo título, que também se convertessem. Isto implicava em informar a comissão de carnaval da decisão, no mínimo, 30 dias antes do desfile oficial, apresentar-se com 150 componentes ou mais e seguir as rígidas exigências de uma escola de samba. Tudo para que a disputa se desse em igualdade de condições, pelo menos quanto à forma de apresentação na avenida.

Com a “carioquização” do frege, alguns quesitos em julgamento caíram ou foram adaptados. Naqueles primeiros anos, eram eles: alegoria; apresentação; coreografia e evolução; disciplina; enredo; fantasias; organização e pontualidade (votado pela comissão de carnaval e não pelo júri); originalidade; porta-bandeira e ritmo.

Das agremiações tradicionais, Xavante foi a *única* que se recusou a desfilar no domingo como escola de samba, naquele ano de 1980. Preferiu sair como bloco-rancho e venceu na categoria (ainda assim, de 1981 em diante, já estaria também no rol das escolas). A Vila Isabel foi mais uma vez a campeã, enquanto a Brinca Quem Pode, com *Nosso Carnaval, Nossa História*, ficou em quarto lugar, só não perdendo para a quinta e última colocada, a Os Democratas. E a luxuosíssima O Bem Amado? Dias antes do desfile, a escola exigira da prefeitura uma verba maior que a concedida para as demais, impondo que, sem isso, nada feito. O executivo, claro, não aceitou.

Por essa época, a O Bem Amado não contava mais com o apoio

do advogado João Aderbal Agostinho da Silva, que, enquanto presidente da escola em 1977 e 1978, investira dinheiro do próprio bolso para bancar todo o luxo peculiar aos seus desfiles. Segundo ele, o que pesou em sua saída foi o fato de outros diretores levarem a fama e os louros pelo sucesso da agremiação na avenida – e não ele, que sacrificava parte das economias. Diz que pensou em ir para o bloco de Paulinho Baeta e, assim, transformá-lo em a nova O Bem Amado. Mas como nunca foi convidado pela turma do bairro Progresso, ficou por isso mesmo.

Nos bastidores do então Brinca Quem Pode, Eraldo Machado (conhecido como Laranjinha) conta que houve votação para se decidir se o bloco sairia em 1980 como escola de samba ou não. A moda até que chegara um pouco tarde a Laguna, afinal, desde os últimos anos da década de 1960, as escolas monopolizavam o carnaval do Rio – ainda que a pioneira, a Deixa Falar, tivesse estreado em 1929. Mas esta hoje não passaria de um bloco. Escolas mesmo, responsáveis por inaugurar um estilo, foram Mangueira, Portela, Unidos da Tijuca, Salgueiro, Império Serrano e Vizinha Faladeira. Elas fundiram o que já existia de outros carnavais e acrescentaram novos elementos, como reco-reco, surdo de marcação e tamborim. Ou as alas fantasiadas, como a das baianas.

Diante do resultado a favor da mudança, Laranjinha não se conteve e explodiu com um soco na mesa:

– Vocês nunca mais vão ganhar! O Brinca não pode virar escola! O Brinca não tem estrutura pra isso!

Bufando, virou as costas e saiu. Garante que nunca mais retornou à sede da agora escola, da qual participava desde os anos 1960, e, só de raiva, tempos depois foi para a Mocidade Independente.

O Brinca Quem Pode havia se tornado a Brinca Quem Pode.

## O CARNAVAL DE RUA TAMBÉM SE ENCASTELA

**OS PRIMEIROS** dias de janeiro de 1981 foram difíceis para a Brinca Quem Pode. Pela segunda vez, Paulinho Baeta fora vítima de um derrame cerebral novamente no lado esquerdo do corpo. Com a sua casa à rua Comandante Moreira sendo o quartel-general da escola, onde a maior parte das fantasias eram feitas, a família teve de se desdobrar entre os preparativos para o desfile e as idas ao Hospital Senhor Bom Jesus dos Passos, em Laguna, onde ele estava internado.

O curioso é que os dois derrames de Baeta (o primeiro, em meados de 1980) aconteceram em um momento de transformações no carnaval lagunense: a fundação da rival Mocidade Independente em julho de 1980 e, um pouco antes, o decreto que praticamente obrigou, de forma indireta, os blocos a se converterem em escolas de samba, pois, do contrário, estariam de fora da disputa pela taça. Desde então, para atender a uma das cláusulas pétreas das escolas, a que proíbe instrumentos de sopro junto à bateria, a Brinca Quem Pode teve de abrir mão do seu famoso naipe de metais. Inclusive, do pistom de Baeta – o que, aliado à dissidência, pode ter afetado a parte emocional do músico e contribuído com a sua doença, afinal foi também dominando o instrumento que ele se consagrou na cidade:

– Quando o Brinca chegava no período do pré-carnaval tocando aquela marcha, “Eu sou do Brinca Quem Pode...”, o Paulinho Baeta tocava aquilo (ao pistom) como se fosse a última coisa da vida que ele fosse fazer, com tanto amor que ele tinha pela coisa. A cidade se transformava, todo mundo pulava, a não ser quem não gostasse do Brinca – descreve Sousa Júnior.

Mas a situação dentro da escola permaneceu complicada. Por dois anos seguidos, numa época em que o mandato era anual, os

presidentes eleitos não chegaram ao fim da gestão. Antes, de 1968 (início dos registros em ata) até os anos 1980, seis presidentes haviam pedido demissão por motivos diversos, de doença à falta de apoio dos prepostos. A novidade agora era que a ordem tinha se invertido: foram os diretores que exigiram as destituições. No primeiro caso, acusações de desvio de dinheiro detonaram a queda do presidente Bugre em 1983, privando-o do direito de capitalizar a proeza que foi construir a atual sede da agremiação, inaugurada ainda em janeiro daquele ano.

Bugre cedeu o bufê do prédio ao seu secretário Inácio Celso Abel (o Deguiar). Este, encarregado de vender bebidas e cuidar dos carteados, afirma que semanalmente o presidente ia à sede recolher o “barato”: uma porcentagem em dinheiro para os cofres da escola, extraída das apostas nos jogos de baralho. Interessado em saber o destino do montante, Deguiar conta que nunca obtinha resposta. Houve quem desconfiasse dessa justificava, com que, entre sussurros, começaram a correr boatos de que ele próprio estaria embolsando o que se amealhasse da jogatina. O secretário não só considerou a incriminação um desaforo, como detonou: se estivesse acontecendo a maracutaia, não era ele o favorecido, e sim o presidente.

Por sua vez, Bugre nega que tenha sequer recolhido o “barato”, muito menos desviado a porcentagem das apostas:

– Não gostei. Envaretei. Passei duas noites sem dormir. Pensei até fazer bobagem. Pensei até em tirar a vida dele – confessa. – A coisa mais triste: tu não fazer, e o cara dizer.

A acusação foi a gota d’água. Mesmo negando veementemente, o presidente não encontrou muito respaldo, afinal vinha de enfrentamentos sucessivos com alguns diretores. Até que em assembleia extraordinária no dia 5 de agosto de 1983, quase cinco meses depois de ter sido reeleito, a diretoria apresentou a Bugre a carta de demissão. Inicialmente, ele a recusou, mas, como não houvesse jeito, acabou cedendo. No lugar, assumiu o vice-presidente, Valtair da Silva – no mesmo dia, 16 de agosto, em que morreu Primitivo dos Santos, um dos fundadores do então bloco Brinca Quem Pode.

No ano seguinte, o candidato eleito Inácio Celso Abel, empossado em 1º de abril, nem chegou a completar dois meses de mandato. Na verdade, a sua gestão já começara com um difícil problema pela frente: a dívida de

304 mil cruzeiros contraída no último carnaval. O rombo nas contas exigia pulso firme – o que, como o próprio ex-diretor reconhece, não foi o que se viu. Às voltas com a boemia, Deguiar faltou (sequer justificou) até mesmo à reunião convocada pelo conselho fiscal no dia 21 de maio, justamente para tratar dos problemas internos em que a escola estava mergulhada. Por causa das dívidas, o aparelho de som da sede chegou a ser empenhado por uma revendedora de bebidas. Diante do pouco-caso, não havia outra saída senão pedir a demissão do então presidente.

– Saí do Brinca e, de raiva, fui pro Vila – conta Deguiar.

O ex-presidente afirma que a mágoa arrefeceu e entrega: só não retornou à antiga escola porque se sentia envergonhado pelo comportamento relapso durante o pouco tempo em que esteve à frente da agremiação.

Com a queda de Deguiar, o vice Maurino Alberto Geraldino (mais conhecido como Lino) ocupou a cadeira. E um de seus primeiros lances foi trazer Ademir Roque Filho de volta à Brinca Quem Pode, o que fez de modo certo. Roque estava descontente na Mocidade, onde pela primeira vez tinha sido mestre de bateria em 1984, e havia declarado que não sairia mais naquela escola. Lino soube disso e, como os dois fossem amigos, não teve muita dificuldade para cooptá-lo.

Ainda em 1984, diante do crescimento das escolas de samba, algumas pessoas arvoraram-se em dizer que o labiríntico itinerário percorrido por elas estava tornando-se impraticável. Os foliões organizavam-se próximo à Casa Hoepcke, à rua Conselheiro Jerônimo Coelho, pela qual seguiam, faziam o contorno do jardim e enveredavam-se – para desgraça das baianas com seus vestidos – pelas estreitas ruas XV de Novembro e Raulino Horn (geralmente, os desfiles acabavam na esquina entre essas duas ruas, o que representava cerca de 450 metros). Com tanta curva, ficava difícil manobrar as alegorias, e, como o sistema de som ainda não passasse de um carro com indigentes alto-falantes, as primeiras alas tinham de se esforçar muito para poder ouvir o que o puxador de samba estava cantando lá atrás – talvez até em outra rua ainda.

Sem muitos recursos, a não ser o que se amealhasse de verbas públicas, a Brinca Quem Pode mantinha-se de fora da fase de gigantismo. Eram outros tempos, em que só bom samba e cabrochas gingando não bastavam. O carnaval de 1984 era a prova. Apesar de ter ganhado o 3º

Festival de Sambas-enredo com *Festa Colorida e Dança da Deusa Vodum*, de Ivaldo Roque (que já era o compositor gravado por Elis Regina), a escola não teve condições de levar também o título do desfile oficial. Apresentando-se com praticamente duas alas mais a bateria (o que, no total, representava uns 100 foliões), chegou em quinto – ao todo, havia oito agremiações em disputa.

No dia do desfile, os integrantes de uma das alas, chamada *Guerreiros Africanos*, organizaram-se na casa de Nely Gil da Silva, à rua Leoberto Leal. Era cerca de 40 pessoas, sendo que as mulheres deveriam ir de turbante na cabeça. Encarregada de preparar o adereço quase em ritmo industrial, Jane dos Reis, em vez de apenas amarrá-lo, resolveu dar ainda uns pontos de costura. Nunca se sabe: se os panos cismassem de não resistir ao pula-pula, seria um desastre. Terminado o desfile, uma das componentes apavorou-se ao desamarrar o turbante. É que, na pressa, Jane acabou não apenas costurando os nós dos panos, como também alguns fios do seu cabelo. Mas, com um puxa dali e puxa de cá, a situação se resolveu.

A primeira tentativa de mudar o local de desfile deu-se em 1985 – no mesmo ano em que a Brinca Quem Pode levou para a avenida um enredo homenageando o bastião da escola, Paulinho Baeta. O samba, fracamente intitulado *Com Baeta, Vamos lá*, tinha as assinaturas de Ivaldo Roque e Mauro Candemil (sim, o mesmo que ajudou a Vila Isabel a conquistar os quatro títulos consecutivos). Em vez do contorno no jardim, as agremiações foram obrigadas a sambar pelos mesmos paralelepípedos calcados durante o pré-carnaval (como o são ainda hoje): a Raulino Horn. E a concentração, da Casa Hoepcke, foi transferida para a praça República Juliana. Mesmo com o reforço de Candemil, a Academia ficou em sétimo lugar. Em outras palavras, a penúltima posição.

De olho no carnaval seguinte, a diretoria reuniu-se na sede às vésperas do *Réveillon*, ou seja, 30 de dezembro de 1985, para escolher o samba de 1986. Possivelmente, era a primeira vez em que oficialmente fazia-se uma votação desse tipo. O júri, formado por sete pessoas, deu a vitória a André Reis – depois de a gravação da música ter passado por duas audições. Como ainda não houvesse carnavalesco, o trabalho na escola era desenvolvido pelo inverso: do samba é que se construía o enredo e todo o desfile, e não o contrário. Onde o dono do samba era ao mesmo tempo

compositor e carnavalesco. Derrotado pela obra *Rei Sol, Amiga Lua*, de André Reis, o outro concorrente, Ivaldo Roque, teria ficado chateado. O descontentamento, segundo Ademir Roque Filho, tinha mais a ver com o fato de o compositor vitorioso não ter comparecido à seleção, afinal estava morando em Lages.

– A gente faz o samba, vem aqui, se apresenta e ainda perde? – teria reclamado Ivaldo, com a sua fala baixa e tranquila.

O carnaval de 1986 seria o último de Ivaldo Roque – e também o fim de uma época. A partir de 1987, os desfiles deixaram o labirinto ao redor do jardim, onde a multidão se comprimia nas calçadas, para tomar a rua Gustavo Richard, no centro. Esta não é precisamente uma reta, porém, não tem a sequência de curvas do antigo trajeto. Para quem tinha fôlego, a troca não foi tão boa porque a distância era menor. Em compensação, a pista era mais larga, mas, aqui, o céu não podia ser o limite. Se as escolas quisessem apresentar alegorias com esculturas altas, tinha sempre o empecilho dos fios elétricos que cortam a avenida em diagonal.

Com *Rei Sol, Amiga Lua*, a Brinca Quem Pode subiu algumas posições, de sétimo para quinto lugar. A apresentação oficial estava marcada para domingo, mas, com a chuva (sempre ela), teve de ser adiada para a segunda-feira. Mesmo assim, uma das alas da escola foi entregue aos componentes no sábado – coisa rara de acontecer dentro da corrida contra o tempo que são os bastidores de um desfile. Só que ninguém esperava que uma das integrantes usaria a própria fantasia naquele sábado, em um baile de carnaval na boate New Wave (onde hoje, em outro prédio, está o Centro Administrativo Tordesilhas). No dia seguinte, depois de ser informado por algumas amigas que também estiveram na festa, Joel dos Reis, um dos responsáveis pela ala, chamou a moça às falas e inclusive a ameaçou de ser expulsa da escola: pelo risco de avaria da roupa e por ter, em parte, acabado com o impacto na avenida. Se fosse na época da rivalidade figadal com o Xavante, em que até uma linha de costura era tratada como segredo de Estado, as consequências – para a foliã e a agremiação – poderiam ter sido bem piores.

Para a estreia das escolas na Gustavo Richard em 1987, a prefeitura montou, ao lado do palanque das autoridades e comissão julgadora, um lance de arquibancadas de 120 metros, com capacidade para 3.500 pessoas (o que se repetiria nos anos seguintes). Claro que não era o bastante para



*O original e a cópia: a destaque da Beija-flor na contracapa do disco de 1986 e o pastiche, com algumas adaptações, na Brinca Quem Pode, em 1987*



*1998: no primeiro desfile depois da morte de Baeta, o pavilhão marcado pelo luto*

suportar todo o público. Daí que a esmagadora maioria se acotovelava nas calçadas, só separada da passarela por uma corda. Havia ainda os mais precavidos que, durante o dia, amarravam aos postes cadeiras e bancos para marcar território. Em novo palco, a Brinca Quem Pode começou a falar grosso – ainda que o primeiro título nesta nova fase só viesse em 2004. Inclusive, naquele ano, a escola chegou a ter entre os seus foliões um senador argentino, Miguel Alfredo Fraguero, acompanhado da esposa, Ines Perez Soares. Mas ao que o carnaval assistiu mesmo foi praticamente a soberania da Os Democratas, com uma ou outra variação: venceu 11 dos 16 desfiles que ocorreram na Gustavo Richard, entre 1987 e 2006.

Tudo bem que a escola de Paulinho Baeta, com o enredo *Carnaval Tropical*, manteve-se na quinta colocação (e olhe que o resultado só foi divulgado na quinta-feira, quatro dias depois do desfile oficial). Mas, para o brio dos torcedores, foi muito bom vê-la mais encorpada, agora com 200 componentes – alguns, pela primeira vez, usando brocado, em vez dos humilíssimos chitão e cetim. De certa forma, era a escola reencontrando a sua fama de “a alegria do povo”. Porém, em comparação com os números da campeã em 1987, Os Democratas, ainda havia muito a caminhar. Por exemplo: a escola da Roseta, com seus 200 foliões, afirmou ter gastado 250 mil cruzados; a adversária não só levou mais que o dobro de integrantes para a avenida – 460 pessoas –, como lançou mão de um orçamento que chegou a 320 mil. Em todo caso, a proeza do presidente José Maurício foi o suficiente para lhe garantir a reeleição no dia 5 de abril de 1987. E venceu de forma acachapante: 43 votos contra 14 do segundo colocado, Carlos Gualberto da Silva.

Sem carnavalesco, era o grupo que decidia – a partir do sambanredo – como seria a fantasia de cada ala. Mas não pense que se ficava quebrando a cabeça por muito tempo. O mais comum era se pegar fotos do carnaval carioca e adaptar as indumentárias, de acordo com o tema do desfile, tempo hábil e dinheiro em caixa (o que não era exclusividade da Brinca Quem Pode nem algo ultrapassado: ainda hoje se faz). Em 1987 mesmo, uma das alas, com algumas alterações, foi copiada da contracapa do disco de sambas das escolas do Rio de 1986. Às vezes, o método era outro.

Foi o que se empregou quando Joel dos Reis recebeu o convite para ser o mestre-sala da escola, perto do carnaval de 1993. A diretoria estava

em uma reunião, na casa de Jane dos Reis, à rua Comandante Moreira, discutindo alguns assuntos para o desfile, quando o vice-presidente Ademir Roque Filho lhe fez o desafio inesperado. Até então, o mestre-sala era Antonio da Silva, mas, como estivesse em Santos (SP) e não desse garantia de que estaria em Laguna para a apresentação, os diretores não quiseram arriscar.

– Eu não sabia nada de mestre-sala, a gente só via pela televisão. Aí comecei a procurar, já existia vídeo cassete, a gente foi atrás de vídeo – recorda Joel.

Pronto: com a irmã dele Jacira dos Reis, estava formado um dos principais casais de mestre-sala e porta-bandeira da Brinca Quem Pode. Bem entrosados, em pouco tempo caíram nas graças do povo. Mas nem sempre a comissão julgadora atendia às expectativas. Em 1998, quando as três juradas do quesito lhes deram nota 9 (e algumas mais baixas para outras duplas), muita gente chiou. Inclusive, o radialista João Carlos Pagani de Oliveira (o Boy) sugeriu: que as julgadoras ficassem, *por cinco anos seguidos*, em frente a uma televisão assistindo a apresentações de mestre-sala e porta-bandeira, tamanho era, segundo se dizia, o desconhecimento delas quanto ao item.

Salvo os anos 1997 e 1999, em que não houve o desfile das escolas de samba por falta de recursos, Joel e Jacira apresentaram-se juntos de 1993 a 2001, reeditando a parceria em 2008 e 2010. Claro que, até chegar aos dois, muitos nomes assumiram a responsabilidade de carregar o pavilhão vermelho e branco. Um dos primeiros casais de mestre-sala e porta-bandeira (e casal no sentido exato do termo: os dois eram namorados) foi João Macedo com Jane dos Reis. Depois, a bandeira passou para as mãos de Aracy Silveira e, após alguns anos, foi transmitida a Jacira dos Reis – que em 1989, grávida da terceira filha, teve de ser substituída pela irmã Janice dos Reis. No lugar de Macedo, ainda passaram Marques Correia e Antonio da Silva.

Desafio aceito, era a hora de correr atrás da fantasia. Durante dias, Joel – recuperado do susto com que recebeu o convite – não só se dedicou a esmiuçar os passos de um mestre-sala pelos vídeos em cassete dos desfiles do carnaval carioca, como também farejou ideias para a roupa com que ele e a parceira Jacira iriam se apresentar. Entre uma fita e outra, deteve-se diante do carnaval do Salgueiro de 1992, *O Negro que Virou*

*Ouro nas Terras do Salgueiro*. Voltou-se para a irmã Jane dos Reis, que o acompanhava no garimpo, e declarou:

– Jane, eu vou copiar essa aqui.

Imediatamente, tratou de desenhar o modelo da roupa do casal salgueirense e repassou para outra irmã, Juçara dos Reis, que se encarregou de costurá-la.

– A gente copia o que é melhor, o mais bonito. Fizemos igualzinho: vermelho e dourado. Copiamos tudo!

Sem acusação de plágio, a Brinca Quem Pode desfilou, obteve a terceira colocação em uma disputa acirradíssima – somou 200 pontos, enquanto a segunda colocada, Os Democratas, teve 201, e a campeã, Xavante, 202 – e, nos bastidores da escola, a fantasia de Joel e Jacira ainda foi debochadamente apelidada de “Salgueirô”. A estreia da nova dupla só não foi em melhor momento porque o rodado do último carro alegórico – o que levava alguns componentes da velha guarda – quebrou em plena avenida.

Por sorte, o acidente aconteceu cerca de 100 metros do final do desfile, quando já se tinha passado defronte à comissão julgadora. Com isso, a escola não foi penalizada, mas aquela turma de idosos teve de descer da alegoria e terminar a apresentação a pé. E a equipe de força viu-se obrigada a fazer justiça ao nome. Como as rodas traseiras estivessem avariadas, não bastava apenas o empenho duplicado para se empurrar o carro. Um dos integrantes lançou-se debaixo da alegoria – e assim foi até a dispersão – duelando com o rolamento para que este se mantivesse em linha reta. Infelizmente, depois do desfile, ainda na madrugada de segunda-feira, uma das integrantes da velha-guarda, Olindina Jerônimo Pires, passou mal em casa. Levada às pressas ao hospital, acabou morrendo de problemas cardíacos.

Em plena manhã de domingo, dia 6 de setembro de 1987, às vésperas de feriadão, o presidente José Maurício seguiu à risca o edital de convocação de agosto de 1987. A assembleia, convocada para tratar da reforma parcial do estatuto, deveria começar às 9 horas. Mas, como houvesse menos de 1/3 dos associados, só pôde iniciar meia-hora depois – a despeito do número de presentes. Pode ser que mais pessoas estivessem ali, porém, em ata consta a assinatura de apenas quatro. Entre outras disposições modificadas, estava a que acabava com a reeleição e estipulava

em dois anos o mandato de presidente. Apesar de se ter seguido os trâmites legais, as mudanças não tiveram o apoio de quase ninguém, muito menos seguiram adiante. Tanto foi que o estatuto reformado nem chegou a ser registrado em cartório. Com que continou valendo o de março de 1976.

Antes de 1989, a Brinca Quem Pode nunca tinha desfilado com a águia no carro abre-alas. É bem provável que, até então, quase ninguém soubesse que ela era o símbolo da escola – instituído por Paulinho Baeta diante do que assistia, e essa era a justificativa para a escolha, nos desfiles da sua querida Portela. Mas, como não conhecesse nenhum artesão que pudesse fazer a escultura, ficou por isso mesmo. Até que em uma conversa sem grandes pretensões na varanda da casa com o genro Edson Roberto da Luz, então vice-presidente desde julho de 1988, tocou novamente no assunto. Com o carnaval daquele ano à porta, o diretor se compadeceu: disse que ia tentar, mas não dava garantia de nada.

Conversa encerrada, Edson continuou com os preparativos para a apresentação de 1989, em que a Brinca Quem Pode levaria o enredo *E por Falar em Saudades*, e, nesse meio-tempo, teve de ir a Imbituba, a 30 km de Laguna, buscar instrumentos para a bateria, doados por um colega de trabalho. Enquanto caminhava em direção à sala onde estavam surdos, repeniques e caixas de rufo, deparou-se com uma escultura em forma de cabeça de águia e ladeada por dois chumaços de um material imitando nuvens. Não podia deixar aquela oportunidade passar batida. Foi até o primeiro que encontrou pela frente e perguntou quem era o autor da obra. Com o endereço em mãos, ele e o presidente Ademir Roque Filho, sem perder tempo, zarparam para a casa do escultor.

Mal chegaram, por volta das 20 horas, os dois sentaram-se à mesa, e Edson tratou de expor a situação ao artesão. Heberle, que trabalhava também de vigia na Indústria Carbonífera Catarinense (ICC), parecia não se condoer com a história contada pelo diretor – mesmo ele dizendo que Baeta era o fundador da escola, um homem de idade avançada e que dera o símbolo à agremiação.

– Vocês não têm dinheiro, e eu não tenho tempo pra fazer. Vou cobrar muito, e minha esposa tá grávida – respondeu.

Talvez Heberle quisesse usar a gravidez da mulher como desculpa para declinar ao convite. Mas se deu mal. Ela virou-se para o marido e, sabendo que desejo de grávida não se nega, lançou a palavra final:

– Vai lá, Heberle, vai lá fazer essa águia pra ele.

Na dúvida, o escultor preferiu não contrariá-la. No lugar de dinheiro, não quis nada a não ser gasolina para se deslocar entre as duas cidades e lanche durante o trabalho. Em três dias, a águia estava feita – mesmo sob a desconfiança de quem visitava o barracão. Ninguém acreditava que daquele esqueleto de madeira sairia alguma coisa: Heberle fincou dois canos de ferro no carro, sobre os quais encaixou dois sarrafos mata-juntas para os pés da escultura, a eles pregou mais dois ao comprido para se fazer o corpo e outros dois, na perpendicular, para as asas, que foram arrematadas com duas varas transversais ao corpo – o mesmo fez na cauda da águia. Se não bastasse, ainda mandou vir materiais pouco ortodoxos: 50 kg de jornal e 10 kg de farinha de trigo.

O arcabouço foi preenchido com os papéis transformados em bolas, para o que a diretoria montou uma força-tarefa, com crianças inclusive, e a farinha, misturada à água fervente, tornou-se cola. Quem não gostou muito foi a sogra de Edson, Adelina, de quem pegou uma panela grande para fazer as vezes do caldeirão. Depois de horas sobre uma fogueira, é claro que ela ficaria imprestável – para a fúria de Adelina. Até a cabeça da ave foi feita em jornal, só o bico esculpiu-se em isopor. Com toda a estrutura pronta, faltava apenas o arremate para que aquilo pudesse ser chamado de águia. Lançando-se mão de tintas marrom e dourado e muito *glitter*, o trabalhado estava encerrado. Dali para frente, seria quase heresia a Brinca Quem Pode desfilar sem o seu símbolo no carro abre-alas.

Enquanto isso, muitos dos adereços para as fantasias eram confeccionados em algumas salas da escola Comendador Rocha, à avenida Calistrato Müller Salles. Como os estudantes estivessem em férias, não era nenhum problema transformá-las em barracão, afinal era a escola de samba do próprio bairro Progresso.

– O pessoal saía do trabalho e ia pra lá. Era bonito de ver – conta Ademir Roque Filho.

Mas a empolgação com a estreia à frente da escola durou pouco. Depois de um carnaval em que ela ficou novamente em terceiro lugar (o que não era tão ruim dentro das condições da Brinca Quem Pode), presidente e vice não suportaram críticas ao trabalho, levantadas por um grupo isolado, e decidiram pedir demissão – eles que estavam nos cargos

interinamente. Na verdade, a senha já havia sido dada em uma reunião no dia 4 de março de 1989, no rescaldo dos desfiles, quando o presidente estrilara contra alguns supostos detratores. Até que no começo de julho, diante da agremiação acéfala, Ademir Fernandes, do conselho fiscal, convocou reunião para apresentar a ideia de se fazer uma comissão de trabalho. Proposta aprovada, Carlos Gualberto da Silva foi escolhido o presidente.

Chateado, Edson só voltaria depois do carnaval de 1990 – com a escola sob comando de nova diretoria, é claro. E Ademir Roque Filho não pôde se afastar tanto. Ainda nos primeiros dias de janeiro daquele ano, apenas desceu do ônibus vindo de Capivari de Baixo, onde trabalhava, e ali, na parada em frente à escola Comendador Rocha, um grupo de torcedores da Brinca Quem Pode, desesperados, o interceptou com a notícia de que a escola possivelmente não desfilaria. Roque estranhou, mas, colocado contra a parede, não teve alternativa senão participar de uma reunião no dia 7 de janeiro. Nela, a comissão de trabalho justificou-se alegando que não havia mais tempo hábil para os preparativos e os recursos oferecidos pelo prefeito Nelson Abraham Netto eram insuficientes – o que não convenceu o ex-presidente:

– Dinheiro é igual pra todo mundo. Vamos fazer!

Para se ter uma ideia da gravidade da situação, àquela altura, a escola nem enredo tinha. Era preciso, portanto, começar do zero. Perguntado sobre o que levar à avenida, Roque respondeu:

– Vamos fazer “O resplandecer de uma nova década”.

Até então, ninguém podia imaginar o que aquilo daria. Mesmo porque “O resplandecer de uma nova década” não passava de um anúncio de jornal que chamara a atenção de Roque: gostou e pensou que renderia um bom enredo. Era um tema que aproveitava o filão do começo de uma época e permitia se falar de tudo, de esperanças renovadas à Copa do Mundo de Futebol, que ocorreria dali a pouco na Itália.

Quando decidiu que a escola iria para avenida, o grupo sabia que teria um trabalho hercúleo pela frente – o que quase não muda ano a ano, o agravante era o pouco tempo. Tanto foi que já eram 22 horas, com os desfiles prestes a iniciar, e Roque, autor do enredo, do samba e mestre de bateria, ainda estava na sede da escola terminando um dos carros alegóricos. O qual não passava da adaptação de uma das alegorias apresentadas no

ano anterior. Com algumas modificações, deixara de ser a escultura da taça Jules Rimet, da Copa de 1970, no desfile sobre a saudade e agora representava o Mundial que a seleção brasileira sonhava conquistar dali a pouco.

O *tour de force* valeu a pena. A vitória da Os Democratas eram favas contadas, mas, contra todas as apostas, a Brinca Quem Pode desbancou Mocidade Independente e Xavante e abocanhou o segundo lugar – colocação que se repetiria nos anos seguintes, em 1991 e 1992, quando a escola, por pouco, não saiu com um samba falando sobre o desenvolvimento de Laguna, que tinha versos como: “Ainda bem que eu prefiro o calçadão no verão/ Que no inverno vira um deserto”. O calçadão a que a letra se refere ficava no Mar Grosso. Mais tarde, ele foi aberto para dar lugar a uma rua.

Depois de sambar e cantar a plenos pulmões na Gustavo Richard, quem tivesse fôlego dobrava a esquerda, seguia pela Conselheiro Jerônimo Coelho e caía na esbórnica, não importando se era diante da Igreja Matriz. Sim, porque até 1996 o carnaval de rua, sem regulamentos nem comissão julgadora, resistiu no entorno do jardim Calheiros da Graça. Mas não dá para dizer que era como antigamente. Com Laguna na rota dos turistas de grandes centros urbanos, como São Paulo, é claro que a festa perdeu um pouco da inocência de cidade pequena e ficou mais maliciosa. Como detectou um repórter em 1991, havia quem fumasse maconha ou cheirasse lança-perfume numa boa, sem ser incomodado por ninguém. Outros subversivos não queriam comprar brigar com a lei e, por isso, apelavam para o bom humor estampando em camisetas frases sacanas do tipo “Preserve o verde, não coma os marcianos”. Alguns atrevidos preferiam se arriscar na tentativa de “furar” o baile dos clubes próximos: ou seja, entrar sem pagar.

Hoje, a repressão tornou impossível – mas nessa época os trios elétricos, como o Cassiano, não interrompiam o som antes das 7 horas da manhã. E tocava-se de tudo no baile público, de samba a rock. Mas o auge da folia era quando aos trios subiam Caravellas ou Suor e Ritmo, duas bandas baianas que marcaram época – e toda uma geração – no carnaval lagunense. Para completar, era ali no jardim que os ensaios durante o chamado pré-carnaval desembocavam. O que aconteceu até 1996, quando a XV de Novembro, que dá acesso ao Calheiros da Graça, foi

transformada em calçadão. Desde então, os ensaios das escolas passaram a tocar em linha reta, ao longo da Raulino Horn com chegada na esquina com a Conselheiro Jerônimo Coelho (perfazendo pouco mais do que 200 metros).

Naquele carnaval de 1996, o desfile da Brinca Quem Pode, previsto para começar à 0h da segunda-feira, só ganhou a avenida 35 minutos depois. O motivo? A chuva, para variar – que caía forte sobre a cidade desde as 23 horas, quando a Unidos da Esperança espocou os primeiros fogos anunciando a sua entrada na Gustavo Richard. Por ter saído debaixo d'água, esta escola, que segurou a lanterna em sexto lugar, *indiretamente* acabou com a festa da Xavante.

Os xavantinos haviam investido alto no desfile e, por isso, não esperavam outra coisa senão o campeonato, sobretudo porque a agremiação estava completando 50 anos. Mas, como o mau tempo não desse trégua, os seus diretores cruzaram os braços e afirmaram que, sob aquelas condições, a escola não desfilaria. E assim o fizeram, inclusive porque o artigo 10º do regulamento garantia que, em caso de chuva, a apresentação deveria ser transferida para o dia seguinte. O problema é que quem cancelava ou não era a comissão do carnaval – mais ninguém. Esta usou o seguinte argumento: se a Unidos da Esperança enfrentara os aguaceiros, por que Brinca Quem Pode e Xavante não poderiam fazer o mesmo (Vila, Mocidade e Os Democratas desfilaram na segunda-feira, conforme o estabelecido previamente)? Diante da ausência, a comissão tirou cinco pontos da Xavante, que, sem a punição, permanecia empatada, em 197 pontos, com a Brinca Quem Pode. Feito o decréscimo, a escola caiu de segundo para terceiro: sete pontos atrás da campeã Os Democratas, que somou 199. O resultado, obviamente, agradou à escola do bairro Progresso – mesmo que o seu enredo fosse uma crítica ao que considerava ser absurdos cometidos por jurados em carnavais passados. Os integrantes da bateria, por exemplo, desfilaram vestidos de palhaços.

Sob chuva, é claro que muito do que se produziu durante dias no barracão seria destruído em alguns minutos. Praticamente todas as 17 alas acabaram saindo sem os chapéus, feitos de papelão. Com o adereço em frangalhos, os integrantes da bateria não pensaram duas vezes e o jogaram às águas da lagoa Santo Antônio, à beira da avenida Colombo Machado Salles, a poucos metros de onde os componentes organizavam-se para

o desfile. E o mestre-sala, Joel dos Reis, teve de desfilar mesmo suando de febre. Pelo mau tempo, ninguém esperava que houvesse apresentação àquela noite. Daí que, acamado, Joel não acreditou quando o vice-presidente entrou pela casa dos Reis, à Comandante Moreira, informando que haveria carnaval sim – tudo porque a Esperança saíra. Mais do que nunca, foi uma corrida contra o tempo. Mas, e como a porta-bandeira Jacira, com seu vestido, iria caminhar às pressas cerca de 1,5 km até o centro? Sem opção, ela teve de ir para o local do desfile sentada no capô do carro (um *Gol* “chaleira”) do vice-presidente.

Com a troca de comando na prefeitura de Laguna a partir de janeiro de 1997, quando saiu Nazil Bento Júnior e entrou João Gualberto Pereira, quem ficou de mãos abanando foram as escolas de samba. Bem que o novo prefeito tentou obter recursos dos governos estadual e federal, mas não conseguiu. Para complicar a situação, os cofres públicos do município não estavam em condições de, por si só, bancar a festa: o valor das dívidas chegava a 5 milhões de reais. Pela primeira vez, desde 1987, quando passou a ser a passarela das escolas durante as apresentações oficiais, a rua Gustavo Richard ficou às moscas no carnaval. O próprio baile no vizinho jardim Calheiros da Graça não aconteceu. Este, no ano anterior, já havia dado sinais de que não tinha mais fôlego para competir com o que seria a moda das folias seguintes: o carnaval na praia do Mar Grosso. Enquanto lá a festa terminava somente pela manhã, entre 8 e 9 horas, no centro os trios silenciavam-se por volta das 3 horas, afinal o público era irrisório (não por acaso, as gramas do jardim praticamente passaram incólumes ao arrasta-pé).

Em pleno carnaval, a Gustavo Richard podia estar com jeito de deserto. O que não era o caso da Comandante Moreira, no bairro Progresso. Com o cancelamento dos desfiles no centro em 1997, os torcedores da Brinca Quem Pode poderiam muito bem guardar plumas, paetês e tamborins e esperar, resignados, pelo carnaval de 1998 – se é que haveria. Mas, em vez disso, arregaçaram as mangas e organizaram a festa ali mesmo, até porque tinham um bom motivo para isso: os 50 anos de fundação da escola. O aniversário só seria no dia 17, mas, como ninguém quisesse comemorar na Quaresma, o melhor a se fazer era antecipar e, de quebra, cair no samba por cinco dias seguidos, entre 4 e 8 de fevereiro. E por que à Comandante Moreira? Ora, apesar de a sede oficial ficar à Santa

Rita Cássia, a cerca de 200 metros, era ali, na casa de Paulinho Baeta, onde a Brinca Quem Pode ganhava forma para a batalha na avenida.

Nas cinco noites, a rua foi fechada para o público cair na farra ao som de trio elétrico e da bateria da escola, inclusive agremiações rivais compareceram à festa. Sem a animosidade mais exacerbada de quando há disputa pelo título, representantes da Mocidade, Os Democratas, Sai na Marra, Unidos da Esperança e Xavante puseram as rixas no bolso e, *noblesse oblige*, resolveram praticar a política de boa vizinhança: debandaram-se para lá para cumprimentar a colega cinquentenária, aliás a segunda mais velha entre elas (Xavante, de 1946, é a decana). Mas aquele ano que havia começado com festa não tinha nada de prenúncio do que seriam os meses seguintes.

Até 1997, Baeta já havia passado, em meados dos anos 1990, pela amputação das duas pernas por causa de trombose – antes que o trombo (coágulo) migrasse dos órgãos inferiores para o pulmão, provocando embolia. Mas, na manhã de 1º de dezembro, teve de ser internado às pressas, com a saúde debilitada e dificuldade em respirar, no Hospital Senhor Bom Jesus dos Passos. Estava então com 76 anos, e, pelo seu estado, a família sabia que ele resistiria por pouco tempo. Por volta de 7h30 do dia 2 de dezembro, mal a filha Janice dos Reis chegara ao hospital para ficar no lugar do outro filho, Joel dos Reis, que passara toda a noite ali, Baeta entrou nos estertores finais – e morreu, por falência de múltiplos órgãos e parada cardíaca, no Dia Nacional do Samba. Quase sete meses depois, em 23 de junho de 1998, era a esposa Adelina que morreria, vítima de isquemia cerebral.

Diante da perda recente, a escola cogitou não sair em 1998. Mas alguns integrantes argumentaram que, ao desfilar, estariam também homenageando Baeta. Martelo batido, foram todos para a avenida sabendo que seria uma apresentação difícil para a escola, principalmente para os familiares do carnavalesco – que desfilaram com uma tarja preta no peito em sinal de luto –, logo quando o enredo falava sobre a plethora de festas ao longo do ano, do carnaval ao Natal. Porém, com a divulgação do resultado na Terça-feira Gorda, eles espumaram mais de indignação do que choraram de tristeza. O descontentamento foi tanto que nem compareceram ao desfile das campeãs na mesma terça-feira. A vencedora, mais uma vez, foi a Os Democratas, com 197 pontos, e, imediatamente

atrás, empatadas com 196, estavam Xavante e Brinca Quem Pode. O desempate foi resolvido pelo quesito mestre-sala e porta-bandeira, em que por sinal ambas haviam granjeado o mesmo total. Como, de acordo com o regulamento, a menor das três notas (são três jurados para cada item) devia ser eliminada, a escola do Magalhães, por 19 a 18 pontos, ficou com a segunda posição.

Com o resultado entalado na garganta, alguns componentes da Brinca Quem Pode, não contentes, partiram da casa de Paulinho Baeta, onde haviam acompanhado a apuração pelo rádio, e em marcha foram até o centro da cidade, estrilando pelas ruas contra notas que julgavam absurdas. Para eles, o mais ultrajante foram as três notas nove recebidas pelo casal de mestre-sala e porta-bandeira. Outros quesitos menos descontados, que receberam um nove apenas contra dois 10, também não foram poupados. Foi o caso dos itens bateria, adereço e comissão de frente – com o agravante de que as notas baixas nestes dois últimos quesitos foram dadas por dois jurados que moravam no centro (nessa época, a comissão julgadora era formada principalmente por lagunenses). Como um tivesse casa na Raulino Horn e outro na praça República Juliana, ficou praticamente impossível fugirem ao coro revoltoso dos torcedores da escola – que debochadamente contestava a virilidade de um e sacaneava a fanhosez do outro.

No rescaldo do carnaval de 1998, houve nova eleição para presidente da escola. Sem outro concorrente, o então vice-presidente Ademir Roque Filho foi eleito por aclamação. Com Edson Roberto da Luz, que ficou à frente da Brinca Quem Pode de março de 1996 a abril de 1998, agora como vice, estava rearranjada a dupla que comandaria a escola até o pleito de março de 2001. Na verdade, excetuando-se os períodos de julho de 1989 a março de 1990 e março de 1992 a dezembro de 1993, Roque e Edson, desde julho de 1988, estiveram liderando a Academia durante todo esse tempo. Mas a experiência deles teve de aguardar um pouco – carnaval de novo, só no ano 2000.

Estava-se na metade de janeiro de 1999, a cerca de um mês para o desfile oficial, e nada de garantia do prefeito Gualberto Pereira de que haveria recursos para as escolas. Nessas condições, os diretores responderam com um muxoxo e voltaram para a casa de mãos abanando. O mesmo não se deu com o carnaval na praia do Mar Grosso, bancado pelo prefeito em



*Carnaval de carros quebrados:  
acima, a vítima em 1993; ao lado,  
em 2000; abaixo, em 2010*



parceira com a Associação dos Hotéis, Bares e Restaurantes de Laguna (AHBRL). Com a festa assegurada em 2000, a Brinca Quem Pode, de olho nos 500 anos de descobrimento do Brasil, que seria festejado em abril, resolveu também entrar na onda do patriotismo.

Dona de um samba fácil e com refrões fortes, a escola não quis perder a chance e decidiu inovar na bateria (em termos). Os ensaios em frente à sede da escola e o pré-carnaval na Raulino Horn haviam começado, algumas paradinhas (bossas que a bateria faz, diferentes do seu andamento normal de samba-enredo) estavam sendo treinadas, e alguém pensou em incorporar ao batuque local a carioquíssima batida *funk*. À revelia do mestre de bateria Ademir Roque Filho, os irmãos Anderson e Piero Reis, netos de Paulinho Baeta, foram até a casa do avô, acompanhados do colega de batucada Marcos Aurélio Bittencourt, e ali ouviram à exaustão o samba-enredo da Viradouro (RJ) de 1997. E por que não foram direto ao CD de algum *funkeiro*? Porque a referência que tinham era mesmo a bateria da escola de Niterói daquele ano, cuja ousadia foi criticada pelos mais conservadores – o que não a impediu de conquistar o campeonato.

Após destrinchar como atuariam surdos, caixas e tamborins, eles apresentaram a bossa ao chefe. Aféito a inovações, Roque aceitou na hora. E assim, durante o principal refrão do samba (“500 anos, vamos festejar/ Vem, meu amor, comemorar...”), em vez do ritmo tradicional, os ritmistas atacavam uma batida *funk* – ao que nem o cordato secretário de Turismo, Leonel Patrício, resistiu enquanto assistia da calçada à passagem da escola em um dos ensaios na Raulino Horn e caiu na dança. Pelo menos uma dos três jurados de bateria, Puka Saraiva, não deve ter gostado muito: tascou um nove, contra duas notas 10. Se não bastasse o carro sobre a miscigenação quebrar em plena avenida (nem chegou ao fim do trajeto: teve de ser empurrado a custo para o canto direito da pista, antes de passar diante da comissão julgadora, para que o restante da escola pudesse seguir), a Brinca Quem Pode ainda se viu obrigada a assistir à sua maior rival, a Mocidade, levar o título. Contra seis concorrentes, a Academia chegou em quarto lugar.

Quando Edeomar Nascimento (o Quico) assumiu a presidência em março de 2001, inaugurou-se uma nova forma de se fazer carnaval na escola: a importação de mão de obra e a consolidação da figura quase

onipotente do carnavalesco. Nos quatro desfiles em que esteve à frente da Brinca Quem Pode (2003, 2004, 2008 e 2009), o único trabalho que os integrantes da agremiação em Laguna tiveram foi o de elaborar os carros alegóricos. Dispensados de ficar horas confeccionando fantasias, só restava aos torcedores envergar a roupa e defender a agremiação na avenida.

– É mais barato trazer de fora. Aqui, é tudo caro, todo mundo se acha estrela – justifica.

Quico acrescenta que, como os recursos só chegam a cerca de um mês para o desfile, os diretores, sem alternativa, ficam inevitavelmente reféns dos preços exigidos pelos profissionais. Os quais, segundo diz, acabam inflacionando o mercado em época de carnaval. Encomendando as fantasias, o carnavalesco faz o que o orçamento permite. E por que carnavalesco de fora da cidade? O ex-presidente acredita que Laguna não dispõe desse tipo de mão de obra.

Como em 2002 novamente não houve carnaval, os figurinos desenhados pelo carnavalesco gaúcho Bira Azevedo, de Porto Alegre, tiveram de ficar na gaveta à espera do ano seguinte. Inclusive o samba *Por Favor, que Horas São?*, que, na história da escola, foi o primeiro a ser lançado em CD e composto por um também gaúcho, Zeca Swinguinho (em parceria com o conterrâneo Chocolate), teve de aguardar. Antes do desfile à vera, o presidente Quico, em março de 2002, convocou assembleia geral e apresentou um novo estatuto: em sua opinião, mais moderno e compatível com a configuração que o carnaval alcançara. Nesse ponto, a mudança mais visível foi a alteração no nome da escola – de Academia Carnavalesca Esportiva e Recreativa Brinca Quem Pode, passou a se chamar, desde então, Academia Carnavalesca Recreativa Escola de Samba Brinca Quem Pode. Sim, agora oficialmente o antigo bloco tornou-se de fato *escola de samba*. E a duração do mandato de presidente ficou determinada em dois anos, com direito a uma única reeleição, que, até então, podia acontecer amiúde, sem limites.

O *prêt-à-porter* de Bira Azevedo deu certo, e a Brinca Quem Pode conseguiu deixar o quarto e último lugar amealhado em 2001 para regalar-se com o vice-campeonato. Mas o desfile de 2003 foi especialmente desafiador para Joice dos Reis Maciel. Ela só iria completar 14 anos em maio, mas naquela apresentação, no início de março, assumiu a responsabilidade de ser a porta-bandeira da escola – com o peso de substituir a própria mãe,



*Itinerário da folia: à esq., componentes da Brinca Quem Pode no último desfile ao redor do jardim, em 1986; a escola (no meio da página), em 2006, encerra a fase do carnaval na Gustavo Richard; a dupla Joice e Joel no primeiro desfile no sambódromo, em 2007*



Jacira dos Reis, que teve de se afastar após ser submetida, no final de 2002, a uma delicada cirurgia no cérebro para controlar um aneurisma. A escolha de Joice foi meio natural: não só porque tivesse facilidade com a dança, como também, desde pequena, imitasse os meneios da mãe, improvisando a bandeira com camiseta desgastada e um cabo de vassoura. Na estreia, ela e o parceiro, o seu tio Joel dos Reis, obtiveram um 9,5 e duas notas 10.

O carnaval de 2003 não só assinalou uma nova Brinca Quem Pode, como ainda definiu a configuração encampada até hoje para os desfiles oficiais. Não que a estrutura das escolas tivesse sido fortemente bagunçada – o que se estabeleceu de modo definitivo foi o número tão claudicante de agremiações em disputa. A partir de então, decidiu-se que seriam cinco – Brinca, Mocidade, Os Democratas, Vila Isabel e Xavante – e dessa forma ficou. Para se ter uma ideia: nos anos 1980, eram geralmente oito escolas; em 1994, eram nove escolas, divididas em dois grupos (cinco no especial e quatro no grupo 2); no ano seguinte, eram seis e todas em um só grupo – com isso, excluídas da elite, Amigo da Onça, O Bem Amado e Mangueira (inativa desde 1994) nunca mais desfilariam; em 2001, sete escolas foram às ruas: Mocidade, Os Democratas, Xavante e Brinca, na chave especial; e Vila, Acadêmicos do Magalhães e Unidos da Esperança, no segundo grupo. Com a assunção da Vila, o grupo principal chegou, portanto, a cinco escolas em 2003 – o que se mantém até hoje.

A Brinca Quem Pode estava vivendo boa fase, o resultado galvanizara os ânimos dos torcedores – mas as eleições de março de 2003 deram uma considerável rasteira no oba-oba. Inicialmente, 83 nomes foram considerados aptos para votar naquele pleito em que Quico e Ademir Roque Filho disputavam a vaga de presidente. Mas, como outras pessoas apareceram na sede exigindo direito ao voto, Quico, ainda valendo-se da autoridade de quem estava à frente da escola, resolveu aumentar em 10 o número de votantes – no que foi avalizado pela mesa eleitoral.

– Trouxeram (para votar) gente que não tinha a ver com a história – acusa Roque.

Por sua vez, Quico garante que só constavam da lista de eleitores os que desfilaram na escola por, no mínimo, três anos – como exige o estatuto. Outro problema deu-se quando uma menor de idade foi proibida de votar. Roque revoltou-se contra a decisão e, ali mesmo na sede, durante a votação, deflagrou um bate-boca com os responsáveis pela

eleição. Diante do descontentamento, a derrota por 21 a 52 foi apenas a gota d'água para cimentar a decisão de Roque de se afastar da escola. Diz que nunca pensara em desfilar em outra agremiação. Até que recebeu o convite de diretores da Vila Isabel e, como estivesse decididamente de fora do carnaval, acabou aceitando. Estava desfeito o casamento de 18 anos, de 1985 a 2003, entre Roque como mestre de bateria e a Brinca Quem Pode.

De quebra, alguns ritmistas mais experientes também migraram com o mestre. E quem ocuparia a sua vaga? Não era tarefa fácil, afinal Roque é um dos mais conhecidos mestres de Laguna e, no último carnaval pela Academia, havia conquistado as três notas 10. Os diretores buscaram a solução em casa e confiaram a responsabilidade a Anderson Reis (o mesmo da batida *funk*). A experiência zero na função e a pouca idade – só iria completar 28 anos em agosto – não entraram na avenida, e Anderson manteve o nível: de novo, três notas 10. E não é que a Brinca Quem Pode, pela primeira vez desde 1973, levou o campeonato, com um enredo sobre a mitologia grega? Excluindo-se a nota mais baixa de cada um dos 10 quesitos, como determinava o regulamento, ganhou 10 em todos os itens – a não ser o 9,5 amealhado pela dupla de mestre-sala e porta-bandeira, Reinaldo Teodoro e Saionara Sousa. O mestre-sala Joel dos Reis decidiu não desfilar pela escola: estava descontente porque, em 2003, a calça de sua fantasia e o capacete só lhe foram trazidos em cima da hora, com a Brinca Quem Pode já na concentração. E a sobrinha Joice, inarredavelmente, apenas dançaria em parceria com o tio.

Sem aporte de recursos públicos para as escolas, em 2005 a Gustavo Richard novamente viu-se órfã de carnaval (que então se concentrou principalmente no Mar Grosso, só com bandas e alguns blocos animados por trios elétricos). Pelo menos era a última vez (até hoje) que isso aconteceria. Porque, imediatamente no ano seguinte, em 2006, a Brinca Quem Pode, agora presidida por João André dos Reis, conquistou o bicampeonato falando sobre as lendas e os mistérios em torno do mar. E novamente sob o comando do carnavalesco Bira Azevedo. Este, quando os trabalhos já estavam encaminhados, chegou afoito ao barracão na Calistrato Müller Salles, onde as três alegorias estavam sendo construídas, e solicitou à equipe que providenciasse uma plataforma no carro abre-alas, para mais uma integrante. Era uma ordem de sua mãe de

santo. Segundo ela, em um enredo como aquele, era inadmissível que não desfilasse alguém representando Iemanjá, a orixá das águas salgadas nas religiões de matriz africana – do contrário, a escola poderia esperar por tudo, menos o título. Na dúvida, cumpriu-se o solicitado.

Embalada pelo bicampeonato, a Brinca Quem Pode (que ficaria em segundo) pisou a pista em 2007 com o peito estufado, mais do que nunca competindo pela vitória. Sobretudo porque aquele desfile, debaixo de chuva, era o primeiro no Centro de Múltiplas Atividades Hindemburgo Moreira, no final da Colombo Machado Salles, em direção à praia do Gi. O qual foi inaugurado no dia 16 de fevereiro daquele ano pelo então governador Luiz Henrique da Silveira, responsável pela obra iniciada em 2005 e que consumira 3,4 milhões de reais do governo do estado. Em 4,1 mil metros quadrados de área construída, o centro dispõe de 17 salas de aula e outras 25 de apoio – e, claro, arquibancadas com capacidade para seis mil pessoas e uma pista de 180 metros para os desfiles (antes, na Gustavo Richard, eram cerca de 350 metros). Esta, ainda em janeiro de 2007, sob o decreto municipal nº 1.912, foi denominada Passarela do Samba Paulinho Baeta.

Em outras palavras: a fase em que o carnaval oficial era travado na Gustavo Richard, com o povo assistindo da calçada, olho no olho e sem pagar um tostão, havia chegado ao fim. Desde então encastelado (como os seus antepassados, que se fechavam nos clubes seletos) em um dos dois únicos sambódromos de Santa Catarina (o outro é a passarela Nego Quirido, em Florianópolis), o desfile se desenrola a alguns metros abaixo do nível em que está o público, agora refestelado do alto de geladas arquibancadas de cimento – contanto que pague ingresso, obviamente (se bem que não é muito difícil entrar sem pagar). Mas, como se fosse cláusula pétrea na tradição das escolas de samba, o pré-carnaval permanece na Raulino Horn.

Para os diretores, a mudança foi boa, não há mais limite para as alegorias – a não ser o financeiro, para custear a produção. Em vez dos paralelepípedos, o asfalto. Mas, na opinião do atual presidente da Brinca Quem Pode, Joel dos Reis, a pista é pequena, precisa ser aumentada em cerca de 100 metros. Com o lirismo deixado para trás, não basta ser escola de samba, é preciso ser “superescola de samba” – o que, segundo ele, significa alas com 30 componentes cada, ou mais; menos do que isso seria

impraticável. Daí que, para 2013, quando a Brinca Quem Pode falará sobre a água e a necessidade de sua preservação, os diretores pretendem levar à avenida entre quatro e cinco alegorias e 800 componentes, e não os habituais 500 integrantes. Para que o projeto, arquitetado pelo carnavalesco Zeca Swinguinho, saía do papel, calcula-se desembolsar de 150 a 200 mil reais, amealhados das promoções, como bingos e rifas, e, principalmente, do poderes públicos – que, nos últimos três anos, limitaram-se ao governo do estado; a prefeitura apenas bancou a infra-estrutura para os ensaios no centro.

De 2007 até 2012, quando a Brinca Quem Pode, com o carnavalesco Zeca Swinguinho, ficou em segundo lugar homenageando novamente Paulinho Baeta (a primeira vez fora em 1985, lembra?), os resultados levam a crer que a ida para o sambódromo, por enquanto, não foi tão vantajosa para a escola. Depois do vice-campeonato na estreia em nova casa, com enredo assinado pelo carnavalesco e teatrólogo lagunense Jairo Barcelos, a agremiação desceu ladeira abaixo. Do terceiro lugar em 2008, caiu para quarto (leia-se penúltimo) no ano seguinte e assim permaneceu até 2011, cujo desfile ficou a cargo de Bira Azevedo. Claro que nesse ínterim as demandas institucionais mandaram recado.

Em 2007, Edeomar Nascimento assumiu a presidência e, como sói em suas gestões, importou mão de obra: nos dois anos de mandato, contratou o carnavalesco paulista Adriano Bernardo para cuidar do *prêt-à-porter*. Em maio de 2009, o mestre-sala Joel dos Reis tornou-se presidente e reelegeu-se em 2011 para novo biênio. E chamou Jairo Barcelos, autor do enredo, para supervisionar os trabalhos de 2010. Ironicamente, as fantasias foram confeccionadas (em 2011 também) na União Operária, a mesma que, por um bom tempo, foi um clube aberto apenas a mulatos – agora recebia componentes de uma escola formada, sobretudo, por negros. Em 2010, contra todas as expectativas de um desfile arrasador, o que se viu foi uma sequência da sempre temida quebra de carros – de três, só um passou incólume. A segunda alegoria nem chegou a entrar na passarela: mal cruzou a linha inicial, apresentou problemas nas rodas e, às pressas, teve de ser posta de escanteio. O pior aconteceu com o abre-alas, cujo rodado, para azar da escola, quebrou no meio da avenida. Depois de cerca de 10 minutos atravancando o desfile, conseguiu-se colocá-lo em movimento – ainda que seguisse a custo e em zigue-zague. Em sua página

na internet, o *ClicRbs* informou: “O primeiro carro alegórico a entrar na avenida não fez o tradicional trajeto em linha reta. O carro virava para os dois lados da passarela, cumprimentando o público, que teve a chance de vê-lo de frente”. Nos bastidores da escola, é óbvio que a notícia mal apurada foi lida às gargalhadas.

Mesmo não sendo convidado, o imponderável é sempre destaque absoluto na avenida. Acima de qualquer favoritismo, é quem define, às vezes, vitoriosos e derrotados – mandando às favas dedicação e cifras de dinheiro. Mas no que ele não interfere é na paixão do torcedor, que o faz, ano a ano, repetir o ritual de vestir a fantasia e defender a escola na passarela, ou vibrar na arquibancada. E só pode ser ela – a paixão – o que explica trabalhar duramente, ao longo de semanas, para um desfile de apenas 70 minutos. Só a paixão é o que pulsa no coração carnavalesco.



# AGRADECIMENTOS

Este trabalho só foi possível com a colaboração dos entrevistados. Mesmo que se tenha recorrido a jornais e documentos, que, por sinal, não existem a contento, a maior parte do que está impresso aqui é resultado do contato direto entre a curiosidade do repórter e as pessoas. Afinal, são elas as protagonistas desta história e a quem quase sempre se dá pouca voz.

O que faltava era a oportunidade. E elas foram generosas em se deixar enveredar pelos labirintos da memória e, assim, resgatar fatos e personagens anônimos que compõem a trajetória da Brinca Quem Pode. Porque, como a vida, uma escola de samba é também “mutirão de todos, por todos remexida e temperada”, ensinou Guimarães Rosa. Sem estas pessoas – ao mesmo tempo, protagonistas e testemunhas – o livro seria apenas um frio e distante compósito do que já foi publicado pela imprensa.

Portanto, agradeço aos que, com seus depoimentos, permitiram a realização deste projeto: Ademir Roque Filho; Antonio Carlos Marega; Antonio de Souza (Catarina); Antonio Paulo Bento (Bugre); Ataíde Roque (Pelé); Atanázio Silveira; Bento João Antonio (Bentinho da Mangueira); Dourival de Oliveira (Tofinha); Edegar Nascimento (Quico); Edson Roberto da Luz; Eraldo Machado (Laranjinha); Glória Luísa dos Reis; Hélio Pereira (Helinho da Vila); Inácio Celso Abel (Deguiar); Jane Conceição dos Reis; Janice dos Reis (Chinha); João Aderbal Agostinho da Silva; João André dos Reis (Dé); João de Sousa Júnior (Dão); João Manoel Vicente; Joel dos Reis; Juçara dos Reis Martins; Lourival Fernandes de Oliveira; Maria Salete Geraldino (Tei); Nilson Rafael; Ronaldo Pinho Carneiro; Selma Antonio de Sousa; Valmir Guedes; Valmir Guedes Júnior; Verges da Silva; e Vitor Sousa.

Agradeço ainda a Aloísio Luiz dos Reis, que foi o primeiro a levar a Brinca Quem Pode à academia, com quem mantive profícuas trocas de informação; a George dos Reis Paulo, por ter digitado para mim, no meio da correria, a vasta lista de samba-enredos da escola; a Antonio Carlos Marega, Jacira dos Reis Maciel, Jane Conceição dos Reis, João Aderbal Agostinho da Silva, Joel dos Reis, Joelma dos Reis e Paulo Aisenman, por

terem cedido fotografias de seus arquivos pessoais; a Manoel Damásio Martins, pela sugestão de fontes; a Márcio Carneiro, do *Jornal de Laguna*, por ter disponibilizado algumas edições deste semanal; aos funcionários, que se mostraram incansáveis em me fornecer materiais, do Arquivo Público Municipal de Laguna, da Biblioteca Pública de Laguna e da Biblioteca Pública de Santa Catarina, em Florianópolis; a Daisi Irmgard Vogel, pela orientação certa; e aos que, mesmo não sendo citados, também ajudaram a colocar minha ideia *no papel* – afinal, isto é um livro.

# BRINCA QUEM PODE ANO A ANO

Ano	Fantasia/enredo	Colocação
<i>Desfiles ao redor do jardim Calheiros da Graça</i>		
1947	Casamento na Roça	
1948	Camisas Listradas	
1949	Malandros ao Luar	
1950	Marinheiros Americanos	
1951	Bando da Lua	
1952	Cowboys	
1953	O bloco não desfilou	
1954	Corneteiros da Guarda Imperial Alemã	
1955	Prussianos	
1956	Buffalo Bill	
1957	Príncipes	
1958	Cavaleiros Australianos	
1959	Corsários	
1960	Budistas	
1961	Cavaleiros Australianos	
1962	Espantelhos do Diabo	
1963	Bumba meu Boi	
1964	Muchachos dos Pampas	

1965	Soldados Egípcios	
1966	Gaúchos	
1967	Guerreiros Tártaros	
1968	Eric, o Ruivo	
1969	Feiticeiros Congolese	
1970	Favoritos da Deusa Malaia	
1971	Príncipe Amarab	
1972	Filhos do Sol	
1973	Os Maias	1º lugar
1974	Rei Netuno	2º lugar
1975	Espantalhos do Tibet	4º lugar
1976	Epopéia dos Erics	3º lugar
1977	Lendas e Mistérios do Negro no Brasil Império	3º lugar
1978	Inconfidência Mineira	4º lugar
1979	Alegria, Alegria	4º lugar
1980	Nosso Carnaval, Nossa História	4º lugar
1981	A Era Maravilhosa das Fantasias	5º lugar
1982	Coquetel de Fantasias	6º lugar
1983	Samba, Suor e Cerveja	7º lugar
1984	Festa Colorida e Dança da Deusa Vodum	4º lugar
1985	Com Baeta, Vamos Lá	8º lugar
1986	Rei Sol, Amiga Lua	5º lugar
<i>Desfiles na rua Gustavo Richard</i>		

1987	Carnaval Tropical	5º lugar
1988	Brasil de Todos os Tempos	5º lugar
1989	E por Falar em Saudade	3º lugar
1990	Resplandecer de uma Nova Década	2º lugar
1991	O Zodíaco no Samba	2º lugar
1992	O Voo da Liberdade nas Asas da Imaginação	2º lugar
1993	Brinca com Amor e Paixão: eis a Razão	3º lugar
1994	Brasil do Oiapoque ao Chuí, Tem Magia que me Faz Feliz	3º lugar
1995	Anita: uma História de Amor, Sonho e Paixão	4º lugar
1996	Bom, Bonito e Barato	2º lugar
1997	Não houve desfile	
1998	As Festas	3º lugar
1999	Não houve desfile	
2000	Um Grito Ecoou... 500 Anos Brasil	4º lugar
2001	Um Grito de Paz	4º lugar
2002	Não houve desfile	
2003	Por Favor, que Horas São?	2º lugar
2004	Da Mitologia Grega à Dinastia de Zeus	1º lugar
2005	Não houve desfile	

2006	O Mar, Misterioso Mar	1º lugar
<i>Desfiles no sambódromo</i>		
2007	Mãe Gaia e o Milagre da Vida	2º lugar
2008	Os Quatro Elementos na mesma Folia	3º lugar
2009	Do Oriente ao Ocidente, o Voo da Minha Águia pela História das Máscaras	4º lugar
2010	Xica da Silva Bagunça a Corte de Portugal no Brasil	4º lugar
2011	O Fruto que Alimenta, Fortalece e Rejuvenesce: essa É a Lenda do Guaraná	4º lugar
2012	Rufam os Tambores para Anunciar: da África a Paulinho Baeta	2º lugar

# A TRILHA SONORA DOS DESFILES

**MARCHA DO BLOCO – criada na década de 1960**

**Autor: Mauro Camilo**

Eu sou do Brinca Quem Pode  
Pois ele mesmo é o tal  
No samba, frevo e na marcha  
Nas coisas de carnaval

Brinca Quem Pode  
Brinca Quem Pode  
Quando ele sai a cidade se sacode  
Deixa de lado a fantasia  
A sua batucada só nos traz muita alegria

*Sambas-enredo*

**LENDAS E MISTÉRIOS DO NEGRO  
NO BRASIL IMPÉRIO – 1977**

**Autores: Ivaldo Roque, João André dos Reis e João de Sousa Júnior**

Aonde o milongueiro mora  
Aonde o milongueiro mora  
Aonde o galo não canta  
O pinto não pia  
Criança não chora

Aonde o milongueiro mora  
Aonde o milongueiro mora  
O Brinca Quem Pode apresenta  
Uma grande passagem da nossa história

Vieram de além-mar  
Os primeiros escravos  
Pra trabalhar, pra sofrer  
Pra ajudar a fazer a riqueza do Brasil  
E os negros  
Os negros desembarcavam em São Vicente  
E se espalhavam pelo país  
Pra nascer cana de açúcar, fumo e algodão  
Batuque, samba, congada  
Quilombos e devoção  
Até que um dia Oxalá iluminou a Princesa Isabel  
Que aboliu a escravidão  
Não existe mais senzala  
Negro não é mais escravo  
Negro ama todo mundo  
E também quer ser amado

## **O MÁRTIR DA INCONFIDÊNCIA – 1978**

**Autor: Ivaldo Roque**

A riqueza nossa  
E a liberdade do nosso povo  
Tiradentes batalhou  
Mas deu no que se viu  
A Inconfidência Mineira  
Silvério dos Reis traiu

Na morte de um homem  
Começa o seu amanhã  
Se dez vidas tivesse  
Todas eu daria  
Liberdade, liberdade  
Ainda que tarde  
Aconteceu o que o grande herói queria  
Ora, pois, pois  
Que genial  
O grande herói é tema do meu carnaval

## **ALEGRIA, ALEGRIA – 1979\***

**Autor: desconhecido**

Quem vem aí  
É o Brinca Quem Pode  
Alegria, alegria  
Vejam quem desfila

## **NOSSO SAMBA, NOSSO CARNAVAL – 1980\***

**Autores: Ademir Roque Filho e Ataíde Roque**

As rádios Garibaldi e Difusora  
Estão aí para provar  
Que o nosso carnaval é lindo  
E nós gostamos mesmo é de sambar  
Nesta avenida colorida  
Faz o meu povo delirar

## **SAMBA, SUOR E CERVEJA – 1983**

**Autor: desconhecido**

Lai, lai, lai, lai...  
Mostramos nossa beleza  
Lai, lai, lai, lai... e  
Com samba, suor e cerveja

Na avenida iluminada  
O Brinca Quem Pode vai passar  
Mostrando que a tristeza e a dor  
Não tem lugar para o desamor

Tem, tem passistas a sambar  
Tem, tem tamborim a batucar  
Nosso enredo na avenida vai passar  
Olha o refrão que agora vou cantar

Lai, lai, lai, lai...  
Mostramos nossa beleza  
Lai, lai, lai, lai... e  
Com samba, suor e cerveja

## **FESTA COLORIDA E DANÇA DA DEUSA VODUM – 1984**

**Autor: Ivaldo Roque**

Ôi lelê  
Ôi lelê  
Ôi lalá

Canta povo meu  
Na festa colorida  
A dança da deusa Vodum  
Animando nossa vida  
Saravá, Ogum

O Brinca Quem Pode  
Homenageia a influência  
Dos imigrantes africanos  
Na cultura brasileira  
Iorubás, jejês, nagôs

Pretos originários de Daomé  
Contribuíram na nossa formação racial  
Lendas e costumes  
Cultos e religiões  
Que atingiram também  
O nosso carnaval  
Pelo bastão de Xangô  
E o caxangá de Oxalá  
Filho Brasil pede a benção  
Mãe África

## **COM BAETA, VAMOS LÁ – 1985**

## **Autores: Ivaldo Roque e Mauro Candemil**

Eu sou do Brinca Quem Pode  
Pois ele mesmo é o tal  
No samba  
No frevo  
Na marcha  
Nas coisas de carnaval

Hoje  
Vou cantar com alegria  
E mostrar em fantasia  
Um personagem popular  
Do morro da Roseta  
Oh! Baeta, vem brilhar

Do carnaval, és cheio de glória  
Teu nome ficará na história  
Tua vida é nosso enredo  
Que cantamos com gratidão  
Com tua escola querida  
Do bairro que te abraçou  
Com o povão a sambar  
Vem, Baeta, vem brilhar

Quem pode, pode  
Quem não pode se sacode  
Brinca Quem Pode  
Brinca quem quiser brincar

## **REI SOL, AMIGA LUA – 1986**

**Autor: João André dos Reis**

Extravasando  
Meu coração de alegria  
Vem chegando o sol, rei sol

Este é o carnaval da academia  
Sol, astro maior do universo  
Vem trazendo ao povo meu  
Nesse ano, muito sucesso  
Nos idos tempos de outrora  
No esplendor do luar  
Amantes apaixonados  
Viviam a cantarolar  
Êi, lua amiga  
Onde estás que não vens  
Manda a tua luz de prata  
Que eu quero beijar o meu bem

**BRASIL DE TODOS OS TEMPOS – 1988**  
**Autores: Ademir Roque Filho e Nely Gil da Silva**

Vamos falar de Brasil  
Que é uma grande nação  
Cada homem é um bravo cidadão

A cultura das três raças  
É uma fascinação  
No linear da integração... que beleza  
Que beleza  
É esta mistura de raça e valor  
Brasil berço dos imigrantes  
Negro e brancos esperanças e amor  
O Brinca vem mostrar na passarela  
Esta imagem tão bela

Olha o frevo e o maracatu  
Boi bumbá e a rancheira aqui do sul  
Carimbó e o batuque do tambu  
E vamos na onda do caxambu

E o povo

Esfuziante de alegria  
Vem delirar neste dia de folia  
Ginga pra lá  
Ginga pra cá  
Entra na roda  
Quero ver você gingar

## **E POR FALAR EM SAUDADE – 1989**

**Autor: Ademir Roque Filho**

Abram alas, oi  
Hoje é dia de folia  
Nas asas da ilusão  
Vai feliz um coração  
Em tempo de nostalgia  
Quanta saudade  
Do dominó, do Pierrot, da Colombina  
Do Arlequim saudando nosso povo  
Com chuva de confete e serpentina ô ô ô

Quem vai querer quem vai querer  
O lambe-lambe tira foto pra você  
Quem vai querer quem vai querer  
Pé de moleque, cocada boa pra vender

O seresteiro, oi  
Com seu violão a dedilhar  
Sinhazinha faz a festa  
Aproveite a hora é esta  
O romantismo vai voltar  
Abra seus braços  
E num abraço cheio de emoção  
Brinque, cante, vibre  
A vida ainda tem razão

Deixa falar, deixa falar

Nesta avenida, o meu povo relembrar  
Deixa falar, deixa falar  
Brinca Quem Pode nova“mente” vem brilhar

## **RESPLANDECER DE UMA NOVA DÉCADA – 1990**

**Autor: Ademir Roque Filho**

Brinca Quem Pode tu és  
Brinca Quem Pode eu sou  
Brinca Quem Pode numa década de amor

Acho que vou  
Vaiiiii

Vou extravasar minha alegria  
Nesta avenida multicolor  
Contagiando esta galera  
Que a tanto espera  
Ter de novo o seu valor

Miragens  
De um futuro ideal  
À baila, novas esperanças  
Promessas, mudanças  
O sonho a ninguém faz mal

Oiiii

Oi rola, gira o mundo  
O mundo vai girar  
Linda morena, eu quero te abraçar  
Oi rola, gira o mundo  
O mundo vai girar  
Entra na roda, vamos festejar

E o samba

O samba, atração do carnaval  
Festa tradicional de emoção  
Futebol, a nossa grande arte  
Vai à Copa mostrar raça  
Vibra a nossa seleção

Um grito ecoa no ar... é gol  
Bem distante da nação  
Voa, águia, em liberdade  
O Brasil é campeão

Vaiiiii

## **O ZODÍACO NO SAMBA – 1991**

**Autor: Ademir Roque Filho**

ÔÔÔÔÔÔ  
ÔÔÔÔÔÔ

Nesta vida...  
Nesta vida  
De mistérios e sedução – e sedução e sedução  
Vou mostrar na avenida  
Minha escola tão querida  
E se mundo de ilusão

Fascinante...  
Fascinante – oh fascinante  
Belo e sensual  
É a astrologia a rainha  
E o motivo desse carnaval

Eu sou de libra...  
Eu sou de libra  
Eu vou balançar  
A sorte eu não procuro

Ela em minhas mãos virá

Eu sou de peixes  
Eu vou mergulhar  
Nesse mar de fantasias  
Com a “Brinca” vou brincar

E saudar  
As estrelas  
Lá no infinito a nos guiar  
Lua amiga...  
Lua amiga  
Clareia este meu sonhar  
Brilha o sol...  
Brilha o sol  
Iluminando o meu caminhar

Hoje eu vou...  
Hoje eu vou  
Vou ver Diana  
Musa do amor

## **O VOO DA LIBERDADE NAS ASAS DA IMAGINÇÃO – 1992**

**Autor: Ademir Roque Filho**

Ecoou  
Um grito de alerta pelo ar  
Despertou  
A humanidade que hoje ainda vive a sonhar

Brinca...  
Brinca Quem Pode  
Hoje vai arrebentar  
Neste dia de folia  
Com toda a sua alegria  
Sem dar bola pro azar

E o povo...  
O povo  
Chora, sofre e lamenta  
Grita, xinga e aguenta  
Sem direito a protestar  
E o índio...

Índio dança  
Lança seu grito de guerra  
Implorando compaixão  
Lutando por sua terra

Eu vou  
Vou vadiar  
Vou viver assim  
Vou tomar um super porre  
Esquecer o que é ruim

E voar  
O voo da liberdade  
Nas asas da imaginação  
Sobrevoando a passarela  
A águia do meu coração

**BRINCA COM AMOR E PAIXÃO: EIS A RAZÃO – 1993**  
**Autor: Ademir Roque Filho**

A paradinha dessa bateria  
Faz a galera toda arrepiar  
Incentivando nossa harmonia  
De emoção eu sei que vou chorar

Mas vem...  
Vem brilhar  
Não custa nada, vem sonhar  
Quero ver o povo vibrando

Com o arrastão que agora vai passar  
Eu sei que sou  
O seu prazer  
Mas vaidade não vai me vencer  
Saia da sombra  
Venha se aquecer  
Brinca Quem Pode é muito mais você

Mas hoje...  
Hoje o meu astral  
Está legal, que sensação  
Brinca, és amor, és paixão  
És poesia, és minha razão

Chorar...  
Chorar, pra que chorar?  
Academia está aí pra alegrar  
Vermelho e branco  
Me envolve o coração  
Eu vou manter a tradição

**BRASIL DO OAIPOQUE AO CHUÍ,  
TEM MAGIA QUE ME FAZ FELIZ – 1994**  
**Autor: Ademir Roque Filho**

Brasil  
Cenário de grande beleza  
Vou te cantar em verso e prosa  
Exaltando a natureza  
Brasil  
És um imenso relicário  
Um verdadeiro santuário  
Um paraíso tropical  
Brasil, meu Brasil  
Mostra a cara neste carnaval

Do Oiapoque ao Chuí  
Tem fuzuê, belo matiz  
Do Oiapoque ao Chuí  
Oi tem magia que me faz feliz

Radiante...  
Radiante de euforia  
Embarco neste sonho genial – oh mas genial  
Coração verde-amarelo  
Branco e azul anil  
Vê que lindo visual – oh mas tem folclore  
Tem folclore, tem mandinga  
Culturas e tradição – ih a grande arte  
A grande arte é o futebol  
Trazendo mais emoções – ôôô

Ô – ôôô – ôôô – ôôô – ôô – ôôô – Brasil  
Ô – ôôô – ôôô – ôôô – ôô – ôôô – Brasil

## **ANITA: UMA HISTÓRIA DE AMOR, SONHO E PAIXÃO – 1995**

**Autor: Ademir Roque Filho**

Quem não viu  
Hoje vai ver mais uma história do Brasil – o show...  
O show vai começar  
Nossos artistas estão aí para encenar – amor  
Amor, sublime amor  
Esse é o tema que o poeta encontrou  
Anita, és inspiração  
A tua vida foi amor, sonho e paixão  
Um grande amor assim  
Tem que perpetuar  
Só fala mal de ti  
Quem nunca soube amar

Mas foi...

Foi no século passado  
Que tudo aconteceu  
Um bravo herói italiano  
A nossa heroína conheceu  
Oi mas numa casa...  
Na casa de caboclo  
Um cafezinho, e Aninha apareceu  
Amor à primeira vista  
O destino assim teceu

É no balanço que eu vou  
Eu também vou navegar  
Maravilhosa é a vida  
Nas ondas desse mar

Quem não viu...

## **BOM, BONITO E BARATO – 1996**

**Autor: Ademir Roque Filho**

Vai meu samba – vai  
Vai dizer a ela  
A tristeza foi embora – por que  
A Brinca já está na passarela

Mas venho...  
Venho da ala norte da cidade  
Mas trago a felicidade  
Sou chamado de arrastão  
Quando alguém me trata com maldade  
Eu viro fera de verdade  
E grito jamais serei o vilão

Vai, minha vermelho branco

Vai manter a tradição  
Nessa zoeira, arrebenta coração

Mas quando será...  
Quando será o dia da minha sorte  
Sei que o meu santo é forte  
Mas tá cansado de apanhar  
Festa profana é  
O meu mais forte axé  
Brinca Quem Pode mostrar o seu canto de fé  
Festa profana é  
O meu mais forte axé  
Nesse balanço, vibra e brinca quem pode

Que bonito...  
Bom, bonito e barato  
Na avenida, o fino trato  
Arrepiando de emoção  
Quem sente um pouco de saudade  
Da imparcialidade  
Sonhar também faz parte da ilusão

Vai meu samba...

## **AS FESTAS – 1998**

**Autor: Ademir Roque Filho**

Alô, alô, rapaziada  
Se liga que a Brinca vem aí  
Trazendo as festas pra avenida  
Segura o samba e não deixa cair

Vou viajar  
Com os reis magos, na avenida desfilando  
É carnaval  
Minha Laguna, renasceste, que legal

Sinta alegria da criançada  
Que faz parte da folia  
Ó, minha mãe, vamos brinca até raiar o dia

Sou negro, sou raça  
Da Brinca que passa... Liberdade!  
E no arraiá dessa folia  
Negro deseja somente alegria

É nesse luar que contagia  
Festa das flores, que magia  
Halloween que sensação  
No futebol, quanta emoção  
Papai Noel, de trenó desce do céu  
Traz um brinquedo nem que seja de papel

## **UM GRITO ECOOU... 500 ANOS BRASIL – 2000**

**Autor: Ademir Roque Filho**

500 anos, vamos festejar  
Vem, meu amor, comemorar  
Brinca Quem Pode vem pra exaltar  
Ó meu Brasil, eu sempre vou te amar

Navegando rumo às Índias  
Seu Cabral aqui chegou  
Terra à vista, um grito ecoou  
Fauna e flora, um verde manto  
Surge o sol do Novo Mundo  
Esperança, muito encanto  
De Ilha de Vera Cruz à Terra de Santa Cruz  
A descoberta evoluiu  
Diante de tanta beleza  
O sol, a vida, a natureza  
A terra se chamou Brasil

ÔÔÔ é o lamento do negro sofredor  
ÔÔÔ sai da senzala, vem e mostra o seu valor

O índio que aqui nasceu  
Escravidado e humilhado não cedeu  
O branco quis impor sua cultura  
Mas a raça que era pura  
Cantou, dançou e convenceu

## **UM GRITO DE PAZ – 2001**

**Autores: Ademir Roque Filho e Paulo Nei**

Bate forte tambor  
Esquenta a bateria  
Hoje a Brinca Quem Pode  
Traz a paz que contagia

Alegria nos corações  
Harmonia entre as nações  
Reina a felicidade  
Brilha a luz da bondade  
Não existe guerras  
Lágrimas de dor  
Tudo agora é festa  
Milênio do amor

Paz na Terra  
Eu vou implorar  
Chega de guerra  
Deixa o povo sonhar

Fraternidade, união  
Uma só vontade de estender a mão  
Surge um sentimento lindo e novo  
Capaz de transformar o mundo todo  
Paz e amor, ô ô ô, paz e amor

## **POR FAVOR, QUE HORAS SÃO? – 2003**

**Autor: Chocolate e Zeca Swinguinho**

Assinalou no céu, oi  
O astro-rei com o seu esplendor  
Tá na hora de acordar  
Brinca Quem Pode vem fazer o *show*  
Dia e noite no quadrante estelar  
Relógio d'água, a primeira invenção  
Vem pra cá, que a hora é essa  
É *Big Ben*, bate o meu coração  
Eu falei pode girar...

Gira, gira, mãe baiana  
Quero ver girar  
Vira, vira, ampulheta  
Que o tempo vai passar

A indústria...  
A indústria encaminhou... encaminhou  
Engrenou a evolução... evolução  
A Suíça é o centro do comércio mundial  
Hoje em vermelho e branco nesse carnaval  
Tem hora pra almoçar, pra fazer festa  
Fazer amor, ave-maria pra rezar  
E se deu meia-noite tem assombração  
Que elegância, olha o pulso de Dumont

E nesse tic-tac, vou balançar... vou balançar  
Por favor, que horas são?  
Canta junto esse refrão  
Que a águia vai voar

## **DA MITOLOGIA GREGA À DINASTIA DE ZEUS – 2004**

**Autor: Zeca Swinguinho**

O *show* vai começar... vai começar  
É tanta emoção... emoção  
Com a Grécia, vou delirar  
Vou embalando essa multidão  
Vou com a Brinca no meu coração

Zeus dá asas à alegria  
Nessa noite de magia  
Arquitetura milenar  
Maravilhosa é a arte de sonhar  
Ser humano é encanto  
Belas ninfas em seu manto  
Vou mostrar  
Dá licença que a Brinca vai passar

Sacode arquibancada  
Mitologia iluminada  
O brilho de Apolo chegou... chegou... chegou...  
Guiado pelos deuses eu vou

Naveguei...  
Naveguei e lindos templos encontrei  
Poseidon, dos mares é rei  
História, beleza e poesia  
Eurídice e Orfeu, a paixão  
Eros, Afrodite, sedução  
Minha bateria vai levando a multidão  
Na fantasia, no visual  
No clarão de Zeus  
A águia anunciou meu carnaval

**O MAR, MISTERIOSO MAR – 2006**  
**Autores: Alexandre Fortes e João André dos Reis**

Eu quero ver o caldeirão ferver  
Brinca Quem Pode é um mar de sedução

É garra, é força  
Minha águia é tradição

Naveguei  
Em busca de tesouros  
E encontrei  
Na imensidão azul do mar  
Mistérios, lendas e poesia  
Dessa vida, faço meu carnaval  
Fonte de energia colossal  
Atlântida, onde estás que não te vejo  
Não escondo o meu desejo  
De poder te avistar  
Netuno, senhor do mar  
Agita a onda e me ensina a navegar

O mar vermelho e branco vem  
Com a proteção dos orixás  
Jogo flores para a princesa do mar  
Janaína, filha santa de Iemanjá

Serpentes e dragões eu avistei  
Pelo canto da sereia me encantei  
Sou marujo, dos mares sou o rei  
Por náíada eu me apaixonei  
Plante água, mergulho em seus encantos  
Hoje bebo da fonte da vida  
Vem, Laguna, navegar nessa avenida

**MÃE GAIA E O MILAGRE DA VIDA – 2007**  
**Autores: Alexandre Fortes e João André dos Reis**

Ó mãe terra, mãe querida  
Sou teu filho e clamo proteção  
O meu sonho é tão real  
A semente da vida

Germina neste carnaval

Sonhei que eu era o pai do tempo  
Deusa Gaia, tua força eu vi crescer  
Uma fonte de energia  
A mais bela magia  
Do teu ventre, filhos fortes vi nascer  
Do teu chão, brotou o milagre da vida  
Fruto do amor  
Urano, os titãs iluminou  
Ó mãe universal, minha hora vai chegar  
Então, seu seio vou repousar

Vou pedir para Oxum abençoar  
Fertilizando o solo, vou trabalhar  
Tudo que se planta, dá, na terra mãe  
O ritual da dança já vai começar

A mulher no paraíso  
Ao pecado sucumbiu  
Transgrediu a lei da obediência  
Mas diz a ciência que tudo isso é ilusão  
Descobriu da imensidão do espaço sideral  
A essência da criação

## **OS QUATRO ELEMENTOS NA MESMA FOLIA – 2008**

**Autores: Alexandre Fortes e Renato Demétrio**

Voa, voa, minha águia, mostra sua força  
Vou no ritmo bem forte, segura, eu quero ver  
Bate palma, multidão, pedindo bis  
Com a Brinca Quem Pode, eu quero mais é ser feliz

Hoje eu venho exaltar  
A criação do criador  
Quatro forças a brilhar

Terra, água, fogo e ar  
Sem eles nada existiria  
A vida surgiu das profundezas  
Dos mares profundos, mistérios  
Cidades perdidas e seres encantados  
Nesta imensidão azul  
Mar, grandioso mar  
Sempre exerceu fascínio sobre os homens

Brinca Quem Pode chegou  
Faz a terra tremer  
Eu semeio alegria, colho paz e amor  
Entro em erupção na avenida  
O meu vulcão espalha emoção

Bota lenha na fogueira  
Vamos esquentar o carnaval  
Majestoso sol  
Fundamental para a nossa existência  
A indústria e o comércio  
Utilizam o calor para produzir  
Consciência nessa hora  
Não vamos poluir nosso precioso ar  
Quero respirar o mais puro ar  
Quero sentir o perfume das flores  
O vento forte forma as ondas no mar  
E refresca meus pensamentos  
Me deixando em alto astral

Pode ventar, pode chover, pode dar sol  
Eu não quero nem saber, pois é carnaval  
Vou me embriagar de alegria  
Grito bem forte vamos cair na folia

**DO ORIENTE AO OCIDENTE, O VOO DA MINHA ÁGUIA  
PELA HISTÓRIA DAS MÁSCARAS – 2009**

**Autores: Renato Demétrio e Zeca Swinguinho**

Quem é você  
Nas festas, na folia, nos salões  
Com esse belo visual  
Brinca Quem Pode dá um show no carnaval

Vai voar a minha águia  
Eternizando no tempo  
Lá na Itália foi vislumbrar  
Em cada face pra mostrar um sentimento  
Grécia, Egito e Roma... cultura  
Nas aldeias da África, é popular  
Expressa arte com suas formas e magias  
É mistério, é segredo, é alegria

Nos bailes, Veneza conquistou  
Cidade romance, o estratagema do amor

Máscaras  
Nos palcos, cinema é emoção  
Comédia é sua tradição  
É suspiro no ar...olhar  
O fetiche reveste a encantar  
Sou super-herói de rosto escondido  
Com o poder de derrotar o inimigo

Na vida real desmascarar  
Os comandantes do Brasil  
Com isso a bateria vai arrepiar  
Vermelho e branco, neste enredo vem sambar

**XICA DA SILVA BAGUNÇA A CORTE  
DE PORTUGAL NO BRASIL – 2010**

**Autores: Renato Demétrio**

Hoje é carnaval  
Vou cantar pra geral minha alegria  
Sou Brinca Quem Pode, e a Laguna explode  
Canta, Xica da Silva

Conta a estória da história  
De Brasil e Portugal  
Representante da coroa portuguesa  
Em busca de riqueza  
Pedra preciosa, ouro, meu Brasil  
Na escravatura, a cor gera censura  
Na terra que os índios batizaram  
Uma negra escrava, guerreira  
Exemplo de Exu mulher  
Seduz a todos no Arraial  
Exibe sua beleza nesta festa cultural

Nem melhor nem pior, apenas diferente  
Xica da Silva, negra valente  
Bagunça a corte de Portugal  
Encanta o meu carnaval

Ao Tijuco...  
Chega João Fernandes, o contratador  
Por Xica da Silva, se apaixonou  
Rainha negra em Diamantina, se transformou  
Alforriada, mulata matrona  
Ó Xica da Silva, mandona  
Boa amante, tem tudo o que quer  
Liteira, joias raras e tesouro  
Colares de pedras de ouro  
A santa Quitéria, ergueu uma capela  
Num lago artificial, uma luxuosa galera  
Seu poder de sedução, a nossa inspiração  
Herança negra  
Lutou por liberdade

Xica da Silva seduzindo a cidade  
Lutou por liberdade  
Xica da Silva seduzindo a cidade

## **O FRUTO QUE ALIMENTA, FORTALECE E REJUVENECE: ESSA É A LENDA DO GUARANÁ – 2011**

**Autores: Fabiano Cafu e Renato Demétrio**

Bate o tambor  
Deixa meu samba ecoar  
Brinca Quem Pode chegou pra sacudir, pra balançar

No voo da águia, a Brinca anuncia  
Da Amazônia, a lenda do guaraná  
Nas terras de maués  
Que apikás queriam conquistar  
Vem a mais bela história de amor  
Do ventre da índia, Tupã abençoou  
Nasce a salvação maué  
Tem festa na aldeia  
Na Brinca, samba no pé

Vem sentir minha energia  
O sabor do guaraná  
Minha bateria vai te arrepiar  
Vem sentir minha alegria  
Brinca, escola do povão  
Sou Brinca Quem Pode  
Tem que respeitar meu pavilhão

O tempo passou, a inveja cresceu  
Jurupari então apareceu  
Espírito do mal, seu veneno foi letal  
Dias de lamentação  
Do céu, um raio, um trovão  
Então, a semente brotou

Ô! ô! ô! ô!  
O curumim voltou  
Ô! ô! ô! ô!  
Forte como um guerreiro  
O fruto brasileiro tem sabor nacional  
Reconhecido no mercado mundial

## **RUFAM OS TAMBORES PARA ANUNCIAR: DA ÁFRICA A PAULINHO BAETA – 2012**

**Autores: João André dos Reis e Zeca Swinguinho**

Paulinho Baeta foi genial  
Emocionou este povão  
Na vermelho e branco, sua paixão  
É enredo neste carnaval

Brilhou a estrela no céu  
Reluzindo a mãe África  
Os negros reis, nossos ancestrais  
Em cenário de belezas naturais  
Viviam neste paraíso  
Mas a cobiça chegou  
Navegaram em navios tumbeiros  
Rumo ao solo brasileiro  
Pra trabalhar nas plantações

Na senzala, um ritual de fé  
Ai que saudade, já raiou a liberdade  
Vou exaltar nesta melodia  
Tá na hora de cantar, Academia

Força e humildade  
De um tecido, nasce o homem  
A família que reflete este nome  
Vida na arte, boemia e futebol, é diversão  
Representar o segundo batalhão

Com seu pistom  
Foi um grande folião  
És imortal  
Paira no ar com nossa águia deslumbrante  
Brinca Quem Pode pisa forte e radiante  
Pra homenagear

*Sambas não-identificados\*\**

### **Samba 1**

Canta, povo  
Canta mais  
Hoje é dia de folia  
Brinca Quem Pode  
Tu és a glória  
Quem não brincar  
Vai ficar de fora  
Lá, lá, lá...

### **Samba 2**

Eu já pedi a autorização  
Para sambar até de pé no chão  
Os tamborins, padeiro e cuíca  
Brinca Quem Pode  
Quem não pode não brinca  
Eu sou da Academia de samba e alegria  
E quando há batucada  
Não faço mais nada  
Só quero é sambar

### **Samba 3**

Chegou a primeira escola de samba  
Escola que não tem igual  
Pelo som da bateria  
Até parece um batalhão naval  
Nesse mundo só há duas coisas

Que balançam o meu coração  
É a ginga da minha cabrocha  
E o balanço das ondas do mar

#### **Samba 4**

Quem disse que o Brinca não sai  
Não tem cabeça pra pensar  
O Brinca vai sair  
A cidade vai sambar  
E eu vou gargalhar  
Qua-qua-qua-qua!  
E eu vou gargalhar  
Qua-qua-qua-qua!

#### **Samba 5**

Existe num vale entre as montanhas  
Um povo cheio de amor  
Aí nasceu a velha lenda  
Um bravo guerreiro de alto valor  
Quem falou que o Brinca morreu  
Se enganou  
O Brinca não morreu  
Nem morrerá

#### **Samba 6\*\*\***

**Autor: Ataíde Roque**

Nessa cidade  
Quem é que dizia  
Que o mais querido do povo não saía?  
Ouçam o som dos tamborins  
E a cadência da nossa bateria  
A nossa escola vem brincar com perfeição  
Pede licença pra passar nessa salão  
Salve, Laguna, cidade beleza de encantos  
Nosso endereço, Brinca Quem Pode, Brasil

\*Apenas trechos dos sambas, lembrados pelos entrevistados. Pela ausência de registros, não há como completar as letras.

\*\*Possivelmente, são sambas da fase em que a Brinca Quem Pode era bloco. Desconhecem-se os seus compositores e o ano em que foram apresentados na avenida.

\*\*\*Não há registro de quando o então bloco Brinca Quem Pode desfilou com o samba.

# PRESIDENTES

<b>Nome</b>	<b>Período da gestão</b>
Bento Pascoal Machado	10/03/1968 (eleição) a 07/07/1968
Verges da Silva	07/07/1968 a 28/07/1968
Neri dos Santos	28/07/1968 a 23/04/1969
João Leonel Correa	23/04/1969 a 21/02/1970
João Leonel Correa	21/02/1970 a 29/10/1970
Paulo Tibúrcio dos Reis	29/10/1970 a 05/11/1970
Antonio Correa	05/11/1970 a 14/03/1971
Luiz Benedito dos Santos	14/03/1971 a 26/03/1972
Luiz Benedito dos Santos	26/03/1972 a 11/03/1973
Luiz Benedito dos Santos	11/03/1973 (eleição) a 06/05/1973
Carlos Martins	19/05/1974 a 23/03/1975
João Carlos Pacheco dos Reis	23/03/1975 a 28/03/1976
João André dos Reis	28/03/1976 a 02/04/1977
João André dos Reis	02/04/1977 a 09/06/1977
Paulo Tibúrcio dos Reis	09/06/1977 a 26/03/1978
Mário Vitor Rodrigues	26/03/1978 a 27/11/1978
Erotildes Garcia	27/11/1978 a 29/04/1979
Erotildes Garcia	29/04/1979 a 06/04/1980
Paulo Tibúrcio dos Reis	06/04/1980 a 21/11/1980
Erotildes Garcia	21/11/1980 a 11/04/1981
Antonio Paulo Bento	11/04/1981 a 20/03/1982
Antonio Paulo Bento	20/03/1982 a 26/03/1983
Antonio Paulo Bento	26/03/1983 a 05/08/1983
Valtair Ernesto da Silva	16/08/1983 a 01/04/1984

Inácio Celso Abel	01/04/1984 a 21/05/1984
Maurino Alberto Geraldino	21/05/1984 a 31/03/1985
Erotildes Garcia	31/03/1985 a 22/03/1986
José Maurício	22/03/1986 a 11/04/1987
José Maurício	11/04/1987 a 20/05/1988
José Maurício	20/05/1988 a 18/07/1988
Ademir Roque Filho	18/07/1988 a 09/07/1989
Carlos Gualberto da Silva	09/07/1989 a 18/03/1990
Ademir Roque Filho	18/03/1990 a 28/03/1992
Domingos de Carvalho Rosa	28/03/1992 a 01/12/1993
Ademir Roque Filho	06/12/1993 a 26/03/1994
Ademir Roque Filho	26/03/1994 a 24/03/1996
Edson Roberto da Luz	24/03/1996 a 03/04/1998
Ademir Roque Filho	03/04/1998 a 20/04/1999
Ademir Roque Filho	20/04/1999 a 24/09/2000
Ademir Roque Filho	24/09/2000 a 30/03/2001
Edemar Nascimento	30/03/2001 a 06/04/2003
Edemar Nascimento	06/04/2003 a 01/04/2005
João André dos Reis	01/04/2005 a 11/05/2007
Edemar Nascimento	11/05/2007 a 08/05/2009
Joel dos Reis	08/05/2009 a 02/04/2011
Joel dos Reis	02/04/2011 a 2013

# AS CAMPEÃS DO CARNAVAL

<b>Ano</b>	<b>Escola</b>
1973	Brinca Quem Pode
1974	O Bem Amado
1975*	O Bem Amado
1976*	O Bem Amado
1977	O Bem Amado
1978	O Bem Amado
1979	Vila Isabel
1980	Vila Isabel
1981	Vila Isabel
1982	Vila Isabel
1983	Xavante
1984	Os Democratas
1985	Os Democratas
1986	Vila Isabel
1987	Os Democratas
1988	Xavante
1989	Os Democratas
1990	Os Democratas
1991	Os Democratas
1992	Os Democratas
1993	Xavante
1994	Os Democratas
1995	Os Democratas
1996	Os Democratas
1997	Não houve desfile
1998	Os Democratas

1999	Não houve desfile
2000	Mocidade Independente
2001	Os Democratas
2002	Não houve desfile
2003	Os Democratas
2004	Brinca Quem Pode
2005	Não houve desfile
2006	Brinca Quem Pode
2007	Vila Isabel
2008	Os Democratas
2009	Vila Isabel
2010	Os Democratas
2011	Os Democratas
2012	Os Democratas

\*Os dados foram extraídos da dissertação *Brinca Quem Pode: territorialidade e (in)visibilidade negra em Laguna – Santa Catarina*, de Aloísio Luiz dos Reis. Porém, apesar de todas as buscas, não foram encontradas outras fontes para se checar tais informações.

# BIBLIOGRAFIA

Praticamente todos estes livros nada têm a ver com o carnaval de Laguna, porém, foram fundamentais para se traçar o contexto em que se desenrolam os fatos narrados em *O enredo dos enredos – 65 anos de Brinca Quem Pode*:

CABRAL, Oswaldo Rodrigues. **História de Santa Catarina**. 3ª ed. Florianópolis: Lunardelli, 1987.

CASTRO, Ruy. **Carnaval no fogo**: crônica de uma cidade excitante demais. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

CONTI, Mario Sergio. **Notícias do Planalto**: a imprensa e Fernando Collor. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

FILHO, Alcides Goularti; MORAES, Fabio Farias de. **Formação, expansão e desmonte parcial do complexo carbonífero catarinense**.

Disponível em:

<<http://www.fee.tche.br/sitefee/download/jornadas/2/e6-01.pdf>>.

Acesso em: 28 de setembro de 2012.

LUCENA, Liliane Monfardini Fernandes de. **Laguna**: de ontem a hoje; espaços públicos e vida urbana. 1998. 165 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1998.

REIS, Aloísio Luiz dos. **Brinca Quem Pode**: territorialidade e (in) visibilidade negra em Laguna – Santa Catarina. 1996. 206 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1996.

SOUTO, Luci Nemézio Justino de. **Ivaldo Roque, um músico de Laguna**. 2002. Monografia (Licenciatura em Educação Artística) –

Universidade do Estado de Santa Catarina, Laguna, 2002.

TRAMONTE, Cristiana de Azevedo. **O Samba conquista passagem:** as estratégias e a ação educativa das escolas de samba de Florianópolis. Florianópolis: [s. n.], 1996.

ULYSSEÁ, Ruben. **Laguna:** memória histórica. Brasília: Letra Ativa, 2004.

ULYSSEÁ, Saul. **A Laguna de 1880.** Florianópolis: IOESC, 1943.

UNGARETTI, Norberto Ulysséa. **Laguna:** um pouco do passado. Florianópolis: Ed. do Autor, 2002.

ZUMBLICK, Walter. **Teresa Cristina:** a ferrovia do carvão. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1987.

#### *Jornais e portal*

Coleções de *A Gazeta*, *Diário Catarinense*, *Jornal de Laguna*, *Manifesto*, *O Albor*, *O Estado*, *O Renovador* e *República*; e portal *ClicRBS.com.br*.

#### *Outros documentos*

Os dois livros-ata de que a escola dispõe, sendo que o primeiro abrange o período entre 1968 e 1989, e o segundo, de 1990 a abril de 2012; e o CD *Devoção a Maria*, elaborado em 2008 pela comissão organizadora da festa, para aquele mesmo ano, em honra a Nossa Senhora Auxiliadora, do bairro Progresso, Laguna.

# CRÉDITO DAS ILUSTRAÇÕES

Por serem principalmente fotos de arquivos pessoais, em que não há registro de autoria, a maioria delas não consta do nome do autor:

Acervo Antonio Carlos Marega: 13/Foto Bacha; 18; 36; 42; 93.

Acervo Jacira dos Reis Maciel: 4; 5; 139/Foto Nivaldo; 151.

Acervo Jane Conceição dos Reis: 4; 5; 93; 113; 130; 154/Foto Bacha.

Acervo João Aderbal Agostinho da Silva: 130.

Acervo Joel dos Reis: 2-3/Foto Nivaldo; 139; 151/Foto Nivaldo; 154.

Acervo Joelma dos Reis: 58; 66; 71; 75.

Acervo Paulo Aisenman: 66 (do arquivo de Dalmo Mendes Faísca/Foto Bacha); 87 (do arquivo de Dalmo Mendes Faísca).

Acervo Willian dos Reis Martins: 4; 154.

Contracapa do disco *Sambas de Enredo*, RJ, 1986: 139/André Papi.

Dissertação *Brinca Quem Pode: territorialidade e (in)visibilidade negra em Laguna – Santa Catarina*: 45; 113; 151.

